

Com branco não acontece, afirma irmã de Genivaldo

A família de Genivaldo de Jesus Santos, asfixiado com gás por policiais rodoviários em Umbaúba (SE), vê racismo no assassinato. "Se fosse branco não teria acontecido", disse à Folha a irmã, Demarise. "O negro é indefeso", avalia a viúva, Maria Fabiana dos Santos.

A direção-geral da Polícia Rodoviária Federal criou uma comissão interventora em Sergipe para investigar o caso. *Cotidiano B2*

Equilíbrio B7

Treino rápido e só com o peso do corpo aumenta resistência, indica novo estudo

Esporte B9

Messi e Argentina pegam a Itália antes da Copa para fazerem da vitória um hábito

Ilustrada C1

Nascida há cem anos, Bibi Ferreira trouxe estilo Broadway ao teatro brasileiro

Para 72%, arma não amplia a segurança, diz Datafolha

Mulheres, pretos e pobres rejeitam mais a ideia defendida pelo presidente

De cada 10 brasileiros, 7 discordam da ideia de que uma sociedade mais armada é também mais segura, defendida pelo presidente Jair Bolsonaro (PL), mostra pesquisa do Datafolha. O rechaço é maior entre mulheres (78%), pessoas pretas (78%) e quem ganha até dois salários mínimos (75%).

O levantamento, que ouviu 2.556 pessoas nos dias 25 e 26 de maio e tem margem de erro de dois pontos para mais ou para menos, aponta que 72% se opõem à premissa de que a sociedade seria mais segura se as pessoas andassem armadas, e 71% à afirmação de que "é preciso facilitar o acesso às armas".

São 26% os que dizem concordar que armar as pessoas eleva a segurança, e 28% aqueles que apoiam facilitar o acesso. Bolsonaro passou a flexibilizar a posse e o controle tão logo assumiu o cargo, em janeiro de 2019. Naquele ano e em 2020, a Polícia Federal registrou em média 387 novas armas por dia.

A defesa ao acesso a armas, segundo o Datafolha, é maior entre quem ganha acima de dez salários mínimos (37%), vive na região Norte do país (34%) e é homem (35%). *Cotidiano B1*

Bolsonaristas fazem cerco à agenda de Lula, e PT se preocupa com segurança A4



Passageiros embarcam em ônibus lotado no terminal Parangaba, em Fortaleza; apesar de deficiências, cidade lidera índice de mobilidade urbana entre capitais brasileiras *Rubens Cavalli/Folhapress*

Servidor pode ficar sem reajuste ante aperto ministerial

A necessidade de corte maior no Orçamento para dar reajuste a todos os servidores poderia comprometer a atividade de ministérios e deve fazer o Planalto desistir do aumento salarial, dizem técnicos do governo. *Mercado A13*

Desemprego recua, mas renda cai 8% em um ano

A desocupação foi de 11,2% (novembro de 2021 a janeiro último) para 10,5% no trimestre encerrado em abril, segundo o IBGE. São 11,3 milhões de desempregados. A renda média encolheu 7,9% em um ano. *A14*

Marcelo Coelho

Ideia na cabeça, torta na mão

Quem vê a Mona Lisa de perto costuma se decepcionar: pintura pequena, cercada de cabeças que se perguntam o que vieram fazer ali. Talvez a resposta esteja como no maluco que jogou torta nela. *Ilustrada C8*



PADRE DENUNCIOU ESCRAVIDÃO EM ÁREA DA VOLKS EM 1980

Ricardo Rezende visitou fazenda então usada pela montadora alemã; documentos como a imagem de trabalhadores (foto) integram investigação do Ministério Público *Mercado A24*

Mobilidade é desafio para capitais; Fortaleza se destaca

CAPITAIS NO RADAR
A maioria das 27 capitais brasileiras ainda está longe de alcançar a mobilidade urbana sustentável. Somente sete delas têm perspectiva de chegar a esse estágio em prazo razoável, aponta o Índice Folha de Mobilidade Urbana.

Fortaleza tem a maior pontuação no indicador, elaborado em parceria com a 99. A cidade aposta em receita consagrada, com ampliação de corredores de ônibus e de ciclovias, mas ainda convive com congestionamentos e terminais cheios. *Cotidiano B4 e B5*

Número de mortos por chuvas em PE aumenta para 106

Balanco do governo de Pernambuco divulgado ontem elevou o total de mortos pelas chuvas no estado a 106, e dez pessoas continuam desaparecidas. Há 6.198 desabrigados, e 24 cidades declararam emergência. *Cotidiano B3*

Justiça condena patroa à prisão por queda de Miguel

A Justiça condenou Sári Corte Real a 8 anos e meio de prisão pela morte do menino Miguel Otávio, que caiu de um prédio no Recife há dois anos. Sári, que era patroa da mãe de Miguel, poderá recorrer em liberdade. *Cotidiano B2*

EDITORIAIS A2

Pouco a apresentar Sobre impopularidade e políticas de Bolsonaro.

Lamento sertanejo Acerca de despesas dos municípios com cultura.

Comitê de SP volta a sugerir máscaras em locais fechados

Saúde B6



Brasil Jornais

Entre em nosso Grupo no Telegram!

Acesse t.me/BrasilJornais



Tenha acesso aos principais jornais do Brasil.

Distribuição gratuita, venda proibida!

Jonacir de Souza
Empregado da
Reserva Natural Vale
Linhares - Espírito Santo

Hoje
completamos
80 anos.

Com foco
no presente
e prontos para
transformar
juntos um
amanhã que
é de todos.



Aponte seu celular
e assista à série

Juntos
para transformar

Em mais de 30 anos medindo árvores, o trabalho que o Jonacir faz ajuda a conservar e proteger cerca de 1 milhão de hectares de floresta. Cuidar do meio ambiente para diminuir o impacto sobre ele e garantir a floresta em pé no futuro. Investir na cultura para valorizar nossa identidade e diversidade. Usar a tecnologia para sermos cada vez mais eficientes e sustentáveis. Sempre em busca de novas perspectivas para a vida das pessoas. É assim, juntos e com ações no presente, que estamos trabalhando por um futuro melhor para todos.

Vale. Transformar a mineração hoje é transformar o amanhã de todos.





Para ajudar as pessoas a encontrarem notícias de diversas fontes.



O Google apoia o jornalismo com um dos maiores programas de licenciamento de notícias do Brasil.



Como Lula em 2006, Bolsonaro deve ir a debate só no 2º turno

Presidente diz querer evitar 'pancada' de rivais e sugere perguntas combinadas

Marianna Holanda

BRASÍLIA O presidente Jair Bolsonaro (PL) disse nesta terça-feira (31) que deve participar de debates eleitorais, mas apenas do segundo turno. Ele afirmou que evitará participar no primeiro turno por acreditar que receberá "pancada" de todos os candidatos sem ter tempo para se defender das acusações.

Em 2018, Bolsonaro compareceu apenas a dois debates no primeiro turno. Depois, justificou a ausência devido à fadiga que recebeu no dia 6 de setembro daquele ano. "No segundo turno, vou participar. Se eu for pro segundo turno, devo ir, vou participar", disse em entrevista ao programa do Ratinho. "No primeiro turno, a gente pensa, porque, se eu for, os dez candi-

datos ali vão querer o tempo todo dar pancada em mim e eu não vou ter tempo de responder pra eles." Se adotar essa estratégia, o atual presidente repetirá a tática de Lula (PT) em 2006, que em sua tentativa de reeleição naquele ano só foi a debates após a primeira votação. Nesta terça, Bolsonaro defendeu ainda que as perguntas deveriam ser acertadas

previamente entre a organização do debate e os candidatos, "para não baixar o nível". Normalmente, as perguntas feitas por organizadores não são previamente informadas aos candidatos durante os debates. Além disso, os próprios candidatos costumam ter tempo para fazer perguntas uns aos outros. Bolsonaro está em segundo lugar nas pesquisas de inten-

“No primeiro turno, a gente pensa, porque, se eu for [no debate], os dez candidatos ali vão querer o tempo todo dar pancada em mim e eu não vou ter tempo de responder pra eles

Jair Bolsonaro presidente

ção de voto, atrás de Lula. No último Datafolha, Lula liderava a disputa com 48% das intenções de voto, contra 27% do atual presidente. Em novembro do ano passado, o presidente havia dito que participaria dos debates eleitorais, mas não responderia a perguntas sobre seus familiares e amigos. Há quatro anos, o então candidato Bolsonaro recebeu alta do hospital Albert Einstein no dia 29 de setembro de 2018, fez sete transmissões ao vivo nas redes sociais, deu nove entrevistas à imprensa, gravou programas eleitorais e participou de um evento com seus apoiadores no Rio de Janeiro. O candidato, porém, declinou o convite para participar de debates marcados para o segundo turno, em outubro: na Band, na Gazeta, na Rede TV!, na Folha (em parceria com UOL e SBT) e na Globo. O comando da campanha de Lula também pretende restringir a participação do petista em debates neste ano. Ele vai propor aos adversários a realização de debates em pool de órgãos de imprensa, a exemplo do que ocorre nos Estados Unidos. Pela proposta, já defendida publicamente por Lula, a ideia é que sejam dois debates no primeiro turno e um terceiro no segundo. O plano é que a presidente nacional do PT, deputada Gleisi Hoffmann (PR), apresente a proposta aos partidos adversários, cabendo aos coordenadores de comunicação da campanha, o deputado Rui Falcão (SP) e o prefeito Edinho Silva, a negociação com os veículos de imprensa. Em janeiro, Lula defendeu a ideia durante entrevista a uma emissora de rádio do Paraná. Na ocasião, o ex-presidente publicou seu argumento nas redes sociais. "Eu acho que tem que ter um pool de TVs para fazer dois outros debates, porque não dá para atender cada TV, rádio, rede social, se não a gente se tranca no estúdio. Os debates são importantes para que a sociedade possa fazer a avaliação de que tipo de candidato ela deseja", publicou.



O presidente Jair Bolsonaro (PL) come carne durante evento na cidade de Jataí, em Goiás. Alan Santos/Presidência da República

União Brasil lança Bivar como pré-candidato ao Planalto sob ceticismo e com pouca chance

Julia Chaib e Ranier Bragion

BRASÍLIA Sem pontuar na última pesquisa Datafolha de intenção de voto, o presidente da União Brasil, Luciano Bivar (PE), foi lançado pré-candidato à sucessão de Jair Bolsonaro (PL) sob desconfianças internas e em evento que teve três apagões de luz. Com chances remotas de se tornar viável, a pré-candidatura de Bivar serve no momento a uma ala do partido que não quer se comprometer localmente nem com Luiz Inácio Lula da Silva (PT) nem com Bolsonaro, mas também atende a um grupo que quer apoiar o atual presidente. Mesmo que a União Brasil tenha candidato na disputa presidencial, a avaliação é que o partido liberará seus filiados nos estados a darem palanque e fazerem campanha a quem quiserem. Segundo dirigentes do partido, a manutenção do nome de Bivar na corrida presidencial só será definida em julho, perto da convenção partidária. A campanha começa oficialmente em agosto. A ideia é avaliar em meados do ano se compensará uma aliança com algum candidato da terceira via, como Simone Tebet (MDB) e Ciro Gomes (PDT), se o melhor será manter Bivar para evitar que certos candidatos tenham que se posicionar nos estados, ou ainda se o ideal será não ter candidato e liberar o partido. Ainda há integrantes do governo Bolsonaro que tentam atrair a União Brasil para uma



Luciano Bivar no evento de lançamento de sua pré-candidatura. Pedro Ladeira/Folhapress

aliança. Essa hipótese, porém, é vista como difícil por setores do partido refratários ao governo. O próprio Bivar rechaça se unir a Bolsonaro, uma vez que ambos acumularam atritos que resultaram na saída de Bolsonaro do PSL. Mesmo que insista em seguir candidato, Bivar corre risco de ser rifado por ala do partido oriunda do DEM. O evento de lançamento do deputado, que é presidente do partido, ocorreu em um auditório em Brasília. O local estava lotado de pessoas com camisetas da União Brasil que gritavam majoritaria-

mente nomes de pré-candidatos a deputado distrital, e não o de Bivar. Logo após a entrada do pré-candidato no palco, foi feito um minuto de silêncio pelas vítimas das enchentes em Pernambuco, estado do parlamentar, e em seguida veiculado um vídeo com um jingle do partido. A peça propaga uma proposta de reforma tributária, que prega a criação de um imposto único. No seu discurso, Bivar também reforçou a ideia, que é uma de suas bandeiras. "O liberalismo que pregamos não admite empresários mesqui-

nhos ou poderosos que quebrem a reserva do mercado. A nossa simplificação tributária atenderá a todos", disse. "Eu não acho justo que os brasileiros vivam entre uma ameaça autoritária e outra populista", afirmou o presidente do partido. "Nem esquerda nem direita, é hora de União Brasil". Bivar também agradeceu a ex-ministros dos governos Michel Temer (MDB) e Bolsonaro que integram seu partido e o ajudam no plano de governo, como Luiz Henrique Mandetta (Saúde), Fernando Coelho Bezerra Filho (Mi-

União Brasil tem o maior fundo eleitoral do país

EM MILHÕES	
União Brasil	R\$ 781
PT	R\$ 491
MDB	R\$ 361
PP	R\$ 343
PSD	R\$ 339
PSDB	R\$ 318
PL	R\$ 287
PSB	R\$ 267
PDT	R\$ 252
Republicanos	R\$ 245

FUNDO PARTIDÁRIO

EM MILHÕES	
União Brasil	R\$ 175
PT	R\$ 110
MDB	R\$ 60
PP	R\$ 60
PSD	R\$ 63
PSDB	R\$ 65
PL	R\$ 58
PSB	R\$ 60
PDT	R\$ 51
Republicanos	R\$ 55

Fonte: TSE

tuava em torno de 8% das intenções de voto. Moro afirmou se não fosse obrigado a abrir mão da ideia de disputar a sucessão de Jair Bolsonaro no Planalto. A decisão sobre quem será candidato a vice de Bivar ainda não foi tomada, mas o nome considerado mais provável hoje é o da senadora Soraya Thronicke (MS). Bivar anunciou um time que será responsável por elaborar seu plano de governo e contará com ex-ministros que integram a União Brasil. Na chegada ao evento, Moro afirmou que todas as candidaturas de centro servirão de uma "trincheira contra o radicalismo", como ele define as candidaturas de Bolsonaro e de Lula. "Todas as candidaturas de centro servirão como uma trincheira contra a radicalização do país, seja em 2022, seja em 2023 em diante", afirmou. Moro disse ainda não se sentir chateado por assumir um papel eleitoral secundário após o naufrágio de sua candidatura, cujo lançamento extraoficial ocorreu no mesmo centro de convenções (Ulysses Guimarães) usado por Bivar nesta terça. "Não, aquele foi um momento de filiação. Foi um momento feliz." O ex-ministro também afirmou considerar positiva a especulação de que seu nome pode ser candidato a deputado, ao Senado ou ao Governo de São Paulo. "Fico feliz em ser lembrado para várias posições. É sinal, na verdade, de uma força eleitoral", disse o ex-ministro, ressaltando não ter definido ainda seu futuro político. Ele estava acompanhado, no evento, da mulher, Rosângela.

O cardeal da floresta

De Roma, Francisco mandou um sinal

Elio Gaspari

Jornalista, autor de cinco volumes sobre a história do regime militar, entre eles "A Ditadura Encurralada"

O Vaticano fala baixo. O papa Francisco acaba de elevar ao cardinalato o arcebispo de Manaus, D. Leonardo Steiner. Um cardeal na Amazônia já seria muita coisa, mas não foi só. Há três semanas Steiner havia sido nomeado presidente da Comissão Episcopal Especial para a Amazônia.

Se isso não bastasse, Leonardo Steiner nasceu na cidade de Forquilha (SC), assim como seus primos Paulo Evaristo (outro franciscano) e Zilda Arns. Esse pequeno burgo

fundado por colonos alemães deu à igreja dois cardeais e a médica que revitalizou a Pastoral da Criança. Seu processo de beatificação tramita na Santa Sé. (Ela morreu em 2012, durante o terremoto do Haiti.) Sairam de Forquilha três bispos, 58 padres mais de cem irmãs de caridade. Em 2005, João Paulo 2º mandou D. Leonardo Steiner para a prelazia de São Félix do Araguaia, antes ocupada por D. Pedro Casaldáliga.

Falando baixo, em 1964 o Va-

ticano afastou da Arquidiocese de São Paulo o regaleiro cardeal D. Carlos Carmelo de Vasconcelos Motta. Anos depois chamou para Roma seu sucessor, D. Agnelo Rossi, que se aproximara demais da ditadura.

Para o lugar, o Papa Paulo 6º mandou um religioso pouco conhecido: Paulo Evaristo Arns. Ele viria a se tornar um campeão na defesa dos direitos humanos. Falando baixo, Roma também mudou o arcebispo do Rio de Janeiro, tro-

cando o bispo D. Eusébio Scheid, por D. Orani Tempesta. Durante os pontificados de João Paulo 2º (1978-2005) e de Bento 16 (2005-2013) a Igreja Católica brasileira viveu um período de sedação política. O papa Francisco poderia ter nomeado cardeais para Porto Alegre ou Fortaleza, que já os tiveram.

Em vez disso, nomeou o primeiro cardeal da Amazônia, região do Brasil cuja conquista muito deveu aos missionários jesuítas, carmelitas e francis-

canos. Jesuíta era o padre Antônio Vieira, que chegou ao Maranhão em 1652.

Passaram-se 370 anos, o mundo é outro, mas na Amazônia reabriram-se as feridas da luta pelos direitos dos povos indígenas. Ao tempo de Vieira eles eram escravizados (inclusive pelos jesuítas) e hoje sofrem ataques de garimpeiros e agrotóxicos que lhes invadem as terras. Vieira perdeu a parada e acabou em Lisboa.

Quem olha o mapa do Brasil pode imaginar o que foi a conquista da Amazônia durante o período colonial. As terras a oeste de uma linha que ia da ilha de Marajó a Santa Catarina eram da Espanha. Ao norte, Inglaterra, França e Holanda, as potências da época, bichavam na expectativa de acesso à margem do rio Amazonas. As tropas e, de certa forma, os padres, garantiram a

posse do vale. Hoje, a opção pelo atraso acordou um pedaço da agenda do tempo de Vieira e com ela veio a questão do meio ambiente.

Noséculo 17 tornou-se Papa Urbano 8º, o cardeal Barberini. Ele tirou o bronze da cúpula do Pantheon romano para enfeitar a Basílica de São Pedro. Dizia-se na cidade que aquilo que os bárbaros não fizeram os Barberini cometeram. Para os indígenas, Urbano foi um anjo e excomungou os predadores.

A nomeação de um cardeal para a floresta é um sinal para o garimpo ilegal e seu braço no crime organizado, bem como para os agrotóxicos gladius da região. D. Leonardo receberá o barrete sendo pouco conhecido fora da região e da Igreja Católica. Em 1970, muita gente se perguntava quem era o bispo Paulo Evaristo Arns.

| DOM. Elio Gaspari, Janio de Freitas | SEG. Celso R. de Barros | TER. Joel P. da Fonseca | QUA. Elio Gaspari | QUI. Conrado H. Mendes | SEX. Reinaldo Azevedo, Angela Alonso, Silvio Almeida | SÁB. Demétrio Magnoli

Juízas relatam avanço da violência doméstica

Em pesquisa sobre trabalho remoto, mulheres do Judiciário apontam sobrecarga e obstáculos para crescer na carreira

FOLHAJUS

José Marques

BRASÍLIA. Uma pesquisa realizada pela AMB (Associação dos Magistrados Brasileiros) apontou que uma parcela significativa das juízas de direito viu, dentro da classe, um aumento da violência familiar contra mulheres e o acúmulo de trabalho na Justiça com atividades domésticas durante o período de home office.

Parte das magistradas que respondeu ao levantamento, feito em parceria com a UnB (Universidade de Brasília), também afirmou que essa acumulação de serviço dificultou o avanço na carreira.

A pesquisa, à qual a Folha teve acesso, teve a participação de 1.859 juízas e juizes entre os dias 8 de fevereiro e 8 de março deste ano, em um questionário online, que incluiu questões relativas a gênero, raça e idade, entre outros.

O principal objetivo do levantamento era entender o que mudou na atividade dos juizes com a utilização de novas tecnologias, introduzidas sobretudo no contexto da pandemia de Covid-19. O trabalho foi feito pelo CPJ (Centro de Pesquisas Judiciais) da associação, com a UnB e a Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais.

Entre as pessoas que responderam ao questionário, 35% se identificaram como

mulheres — índice próximo ao colhido pelo CNJ (Conselho Nacional de Justiça) sobre o percentual de participação feminina na magistratura.

Para os pesquisadores, isso aponta que ainda há uma "baixa participação das mulheres no âmbito do Judiciário", embora exista um "aumento progressivo ao longo do tempo".

Há, também, como já aparece em outras pesquisas, uma grande maioria (77%) de magistradas que se declara branco, contra uma minoria de pardos (16%) e pretos (2%).

A AMB e a UnB tentaram se aprofundar a respeito das dificuldades específicas de cada grupo. Em relação às magistradas, um dos problemas relatados foi que, durante a pandemia, o trabalho remoto aumentou a "invisibilização institucional das necessidades específicas das mulheres".

Sem serem identificadas nominalmente, juízas redigiram relatos sobre os seus problemas aos pesquisadores.

Uma das magistradas disse, por exemplo, que "tendo em vista os desafios próprios da mulher (casa, filhos, gerenciamento doméstico) que são acumulados com o do trabalho, há significativa desigualdade na possibilidade de ascensão na carreira".

Um dos campos questionava se houve acumulação, pelas magistradas, de trabalho doméstico e cuidado com a família. Quatro quintos delas dis-

seram que "aumentou substancialmente" ou "aumentou".

"Como as mulheres acumulam trabalho doméstico e trabalho fora de casa não têm o mesmo tempo de aprimoramento profissional que os homens", disse uma das entrevistadas. "Estes aproveitaram o tempo de distanciamento para escrever artigos, livros e fazer cursos. As mulheres vivem-se premidas a cuidar da casa, da família e a cumprir metas" profissionais.

Houve, no entanto, magistradas que viram benefícios no trabalho remoto para as mulheres. Uma das juízas reportou que tem um filho autista e dificuldades na dinâmica familiar devido às suas necessidades, e o trabalho remoto a ajudou a conciliar todas as suas atividades.

Ainda assim, ela apontou sobrecarga durante o período, "já que precisava trabalhar e acompanhar meus filhos durante aulas" online.

Sem entrar em detalhes, quase 70% das juízas afirmaram que a violência doméstica e familiar também "aumentou substancialmente" ou "aumentou" com o home office.

"Sobre esse tema em particular, não houve manifestações nas perguntas abertas. Tal conclusão leva a necessidade de maior problematização sobre os riscos de violência doméstica no contexto de trabalho remoto que a utilização das TICs [tecnolo-

gias de informação e comunicação] possibilita", afirma trecho da pesquisa.

Para a presidente da AMB, Renata Gil, o levantamento detectou entre as magistradas o que ela chama de "fenômeno mundial" de violência contra a mulher.

"A gente está muito afetado com a pandemia e essa pesquisa é muito reveladora disso e vai ser muito importan-

te para que políticas públicas internas no Judiciário sejam efetivadas pelo Conselho Nacional de Justiça", disse.

Uma das coordenadoras da pesquisa, a professora da UnB Rebecca Lemos Igreja, afirma que os dados não são indicadores de que as novas tecnologias sejam negativas para a Justiça, mas que há necessidade de aprimoramentos para atender às mulheres ou a magi-

stradas que passam por dificuldades, como os mais velhos e os deficientes.

"A pesquisa mostra que a mulher juíza tem os mesmos problemas e passa pelas mesmas dificuldades das mulheres da sociedade em geral", afirmou à Folha o ministro do STJ (Superior Tribunal de Justiça) Luis Felipe Salomão, que é diretor do Centro de Pesquisas Judiciais da AMB.

Sérgio Cabral é condenado a indenizar doméstica que foi usada como laranja

Italo Nogueira

RIO DE JANEIRO. O ex-governador do Rio de Janeiro Sérgio Cabral foi condenado a pagar ao menos R\$ 40 mil de indenização a uma doméstica que teve dados usados como laranja para registro de seu telefone.

De acordo com a investigação do Ministério Público Federal que levou à prisão do ex-governador, em novembro de 2016, o nome e o CPF de Nelma de Sá Saraça foram usados para registrar o aparelho com que Cabral se comunicava com donos de empreiteiras.

A decisão definitiva sobre a indenização, sem possibilidade de recursos, foi tomada pela 1ª Vara Cível em outubro de 2021. A juíza agora define o valor a ser pago, após cálculo de juros e correção monetária. A defesa da doméstica calculou em R\$ 71 mil o valor da indenização atualizado.

Intimado para se defender no processo, Cabral não constituiu advogado neste caso. Sua defesa ficou a cargo da Defensoria Pública, que não rebateu os argumentos da doméstica. A defesa que atua nos processos criminais de Cabral não comentou o caso.

Ao apresentar a ação, a defesa de Nelma afirma que ela foi demitida após o caso ter sido divulgado na imprensa. Diz ainda que vizinhos em Maricá, onde vive, a chamavam de "laranjinha do Cabral", o que provocou danos à sua imagem.

A identidade de Nelma foi revelada pela Folha em dezembro de 2016, um mês após a prisão de Cabral. Em entrevista na ocasião, ela disse que não sabia do uso de seu nome pelo ex-governador e que nunca havia tido contato com ele.

À época, ela tinha um salário de R\$ 1.100 para bancar a família de seis pessoas que viviam

num apartamento de 30 m².

O número que Nelma diz nunca ter usado foi fornecido aos investigadores pelo delator Alberto Quintaes, da empreiteira Andrade Gutierrez. O nome dela estava indicado numa nota de rodapé do pedido de prisão contra Cabral.

O ex-governador está preso há quase seis anos sob acusação de comandar um esquema de cobrança de propina sobre grandes contratos durante sua gestão (2007-2014). Já foi condenado em 23 ações, a mais de 420 anos de prisão. Contando decisões recentes do STF (Supremo Tribunal Federal) abriram brecha para a anulação de sentenças contra o ex-governador proferidas pelo juiz Marcelo Brites. Ele permanece preso em razão de três mandados de prisão expedidos pelo Tribunal de Justiça do Rio e pelo ex-juiz Sérgio Moro, de Curitiba.

TECNOLOGIAS PARA A VIDA

TEMPORADA 2022
A VOLTA DO PRESENCIAL
12 CONFERÊNCIAS
6 PRESENCIAIS
6 ON-LINE
LOCAL: TEATRO CLARO

STUART FIRESTEIN

AUTOR DE IGNORÂNCIA: COMO ELA IMPULSIONA A CIÊNCIA.



STEVEN JOHNSON

IMPORTANTE ESTUDIOSO DAS INOVAÇÕES.



NATALIA PASTERNAK

ELEITA PELA BBC UMA DAS 100 MULHERES MAIS INFLUENTES DO MUNDO.



E MAIS: LUC FERRY
FRÉDÉRIC MARTEL
ÉLISABETH ROUDINESCO
MARCELO GLEISER
ACESSE
FRONTEIRAS.COM
E CONFIRA MAIS NOMES CONFIRMADOS.

PATROCÍNIO

HOSPITAL MOINHOS DE VENTO 95 anos

pwc

PARCEIRA EDUCACIONAL

Colégio Bandeirantes

PROMOÇÃO

FOLHA

GARANTA SEU INGRESSO AGORA



FRONTEIRAS.COM
11 93775 5752
CONSULTE DESCONTOS ESPECIAIS 30% ASSINANTES FOLHA

Vereadoras trans ameaçadas têm pouca segurança e pressão por 'deixa disso'

Apenas uma parlamentar tem escolta permanente; Câmaras citam de carro blindado a guarda privada

DIVERSIDADE ELEITORAL

Artur Rodrigues e José Matheus Santos

SÃO PAULO E RECIFE As Câmaras municipais com vereadoras trans que sofreram ataques ou ameaças afirmam que providenciarão ações de segurança ou buscam implementá-las.

A Folha vem mostrando em uma série de reportagens o cotidiano de ataques, ameaças e boicotes vivenciado pelas parlamentares trans do país, além da articulação por candidaturas ao Congresso nas eleições de outubro.

Para a reportagem, foram ouvidas 24 delas — 17 relataram situações de transfobia, e 11 citaram ameaças.

As Casas legislativas ouvidas citaram iniciativas de segurança e suporte, mas em alguns casos não passam de medidas tímidas. Apenas uma das parlamentares, por exemplo, conta com escolta permanente.

Especialista ouvida pela Folha citou haver uma cultura do "deixa disso" dentro das Casas legislativas.

Um dos casos mais graves, o da vereadora Benny Briolly (PSOL), incluiu uma ameaça de morte contendo o endereço dela — a mensagem enviada dizia que, se ela não renunciasse ao mandato, seria morta com uma pistola 9 mm. Ela chegou a deixar o país.

A reportagem a parlamentar disse que o único suporte que teve foi um carro blindado, cedido pelo partido. Além disso, ela sofre ataques na internet e foi alvo de falas trans fóbicas dentro da própria Câmara Municipal de Niterói.

Questionada, a Casa afirmou que "está trabalhando junto às autoridades de forma a manter a segurança da vereadora".

"Uma das medidas tomadas pela presidência do Legislativo municipal foi dar entrada em uma solicitação de escolta junto à Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro", afirmou a Câmara, em nota.

Vereadora mais votada da história de Belo Horizonte, Duda Salabert (PDT) afirmou à Folha que um colega parlamentar não reconhece a sua identidade de gênero, chamando-a pelo nome masculino.

Procurada, a Câmara de Belo Horizonte disse que conta com uma Corregedoria para apurar eventuais desvios de conduta ou quebra de decoro parlamentar, mas que não foi acionada pela vereadora.

Duda recebeu três ameaças de morte, uma delas prometendo matar crianças da escola onde a vereadora dava aula. No entanto, ela não tem qualquer segurança extra.

Para a cientista política Priscila Lapa, as Casas legislativas têm uma cultura de minimização das violências contra parlamentares trans. "As mesas diretoras atuam muitas vezes numa linha de minimizar a violência, inclusive transferindo para a parte ofendida e alegando uma equidade que não se concretiza", diz.

"Ainda predomina uma lógica muito corporativista e do 'deixa disso' nos espaços de poder, o que é um benefício a quem tem mais força", afirma.

No Legislativo, segundo a cientista política, existe uma percepção de inclusão um pouco maior, porque ali é onde pode haver um discurso que se contraponha ao status quo. "Mas ainda é um espaço de adversidades para quem representa uma minoria", afirma.

Entre as vereadoras entrevistadas pela Folha, apenas Erika Hilton (PSOL, de São Paulo, conta com uma escolta fora do local de trabalho. Desde o ano passado, quando

recebeu ameaças, ela é acompanhada por dois guardas civis metropolitanos.

Outras Casas afirmaram que não dispõem desse tipo de estrutura ou que não houve solicitação formal para que isso acontecesse, mas que outras medidas foram tomadas.

Filipa Brunelli (PT), vereadora de Araraquara, foi alvo de ataques e ameaça logo quando assumiu, em 2021. A mensagem mandava que ela comprasse um caixão. Ela disse à Folha que, na época do episódio, o presidente da Casa, Aluisio Boi (MDB), chegou a acompanhá-la em agendas externas.

No entanto, hoje ela relata ter medo em seus deslocamentos, feitos com carros de aplicativo, uma vez que os vereadores não têm veículos para deslocamentos fora do horário de trabalho.

Aluisio Boi afirmou à Folha que, caso surjam novas ameaças, "enviaremos todos os esforços ao nosso alcance para dar a segurança necessária ao direito de a vereadora defender suas opiniões no Parlamento de Araraquara" e que foram tomadas medidas de segurança na ocasião da ameaça, incluindo a comunicação ao Poder Judiciário.

Gilvan Masferrer (DC), vereadora de Uberlândia (MG), também relatou ameaças.

A Câmara Municipal da cidade informou que, na ocasião, as pessoas citadas como autoras das mensagens tiveram entrada no prédio proibida. A Casa legislativa ainda afirmou que o local tem segurança terceirizada em sua sede e que os vereadores não dispõem de qualquer escolta — o que não foi solicitado.

Entre as respostas dadas à Folha, algumas Casas legislativas ficam mais no campo da retórica de apoio do que em medidas concretas.

No caso da vereadora Isabella Carvalho (PT), de Limeira (SP), por exemplo, foi alvo de ataque e ameaça ao propor uma lei para criação do dia Marielle Franco, em fevereiro. Em nota publicada na época dos fatos e reenviada à reportagem, o presidente da Câmara de Limeira, Sidney Paschoa (PSC), prestou solidariedade à vereadora e rechaçou os ataques.

"Neste momento, como presidente da Câmara Municipal, e em nome da instituição, cumpre-nos solidarizar com a vereadora Isabella, prestando nosso incondicional e irrestrito apoio, pois não podemos ser complacentes com quem pratica, sob qualquer modo, atos, gestos ou manifestações de caráter ofensivo e preconceituoso", diz a nota.

O comunicado ainda se dirige à vereadora dizendo "não esmoreça, continue na luta e conte conosco", mas não informa medidas concretas sobre o caso.

Com a saúde mental afetada pelo ambiente de preconceitos e ataques na política, a vereadora Regininha (PT), de Rio Grande (RS), disse que passou a ter crises de ansiedade e procurou apoio psicológico.

A Câmara Municipal de Rio Grande afirmou, em nota, que "não possui, neste momento, ações pontuais para evitar casos de transfobia contra cada um de seus membros".

Neste caso, a presidência da Casa se disse disponível para implementar ações nesse sentido e que já abriu diálogo com Regininha "para, no menor tempo possível, implementar estas ações de orientação e conscientização".

Também alvo de ataques e ameaças, a deputada Erica Malunguinho (PSOL), única parlamentar estadual trans do país, disse à Folha que a Assembleia Legislativa de SP se colocou à disposição para apoiá-la.

A Casa conta com maior segurança que a maioria das câmaras, uma vez que a própria Polícia Militar é responsável. Além disso, em casos de ameaças, há a possibilidade de medidas como aluguel de carro blindados, entre outros, em caso de solicitação.



Lari Camponesa (Replicanos)
vereadora de Rio Novo do Sul (ES)



Myrella Soares (DEM)
vereadora de Bariri (SP)



Anabella Pavão (PSOL)
vereadora de Batatais (SP)



Yasmin Prestes (MDB)
vereadora de Entre-Ijuís (RS)



Duda Salabert (PDT)
vereadora de Belo Horizonte



Regininha Lourenço (Avante)
vereadora de Araçatuba (SP)



Fernanda Carrara (DEM)
vereadora de Piraju (SP)



Paulette Blue (PSDB)
vereadora de Bom Repouso (MG)



Gilvan Masferrer (DC)
vereadora de Uberlândia (MG)



Erica Malunguinho (PSOL)
deputada estadual de São Paulo



Thabata Pimenta (Pros)
vereadora de Carnaúba de Dantas (RN)



Erika Hilton (PSOL)
vereadora de São Paulo



Benny Briolly (PSOL)
vereadora de Niterói (RJ)



Lorim da Valéria (PDT)
vereadora de Pontal (SP)



Kará (PDT)
vereadora de Natividade (RJ)



Professora Brenda (PV)
vereadora de Lapa (PR)



Tieta Melo (MDB)
vereadora de São Joaquim da Barra (SP)



Filipa Brunelli (PT)
vereadora de Araraquara (SP)



Isabella Carvalho (PT)
vereadora de Limeira (SP)



Linda Brasil (PSOL)
vereadora de Aracaju



Titia Chiba (PSB)
vereadora de Pompeu (MG)



Lins Robalo (PT)
vereadora de São Borja (RS)



Regininha (PT)
vereadora de Rio Grande (RS)

Xangai encerra lockdown de 2 meses após frustração e desgaste político

Autoridades prometem volta completa, mas gradual, à normalidade para 25 milhões de habitantes

SÃO PAULO A megacidade de Xangai, na porção leste da China, deixa nesta quarta-feira (1º) o rígido lockdown que perdurou por dois meses para a maioria dos seus 25 milhões de habitantes. Funcionários públicos já começaram a desmontar cercas e barreiras policiais que haviam se tornado parte da paisagem urbana local em torno de conjuntos residenciais e prédios administrativos.

As restrições serão aliviadas para cerca de 22,5 milhões de pessoas — um contingente semelhante à população total do estado de Minas Gerais — que vivem em regiões consideradas de baixo risco. Os moradores poderão circular em vias públicas e ir presencialmente ao trabalho, mas a máscara ainda será item obrigatório. Jantares em restaurantes seguem proibidos, e lojas podem operar somente com 75% da capacidade.

A política de testes em massa, apesar de ter sido aliviada, ainda será mantida: usa-se transporte público exigirá que os passageiros tenham sempre em mãos o resultado negativo de um teste para detecção da Covid feito nas 72 horas anteriores. Aqueles infectados pelo coronavírus e os que tiveram contato com eles terão de realizar quarentena.

A saída do lockdown foi comunicada pela administração há duas semanas, quando o número de novas infecções diárias começou a diminuir. As autoridades chegaram a anunciar que a Covid zero — estratégia do governo de Pequim que busca eliminar a disseminação do vírus em vez de conviver com ele — foi atingida em Xangai, já que novos casos com sintomas não eram registrados fora das áreas que estavam em quarentena.

Nesta segunda-feira (30), a metrópole relatou 35 casos de Covid-19 — 13 deles em pacientes com sintomas e 22 em pessoas assintomáticas. A cifra é a menor registrada desde o mês de março. No ápice da disseminação local do vírus, em abril, mais de 27 mil casos chegaram a ser relatados diariamente, ainda que a maior parte dos diagnósticos fosse de infecções assintomáticas.

A metodologia chinesa,



Menino corre por barreiras que antes delimitavam a área de confinamento no distrito de Jing'an, em Xangai

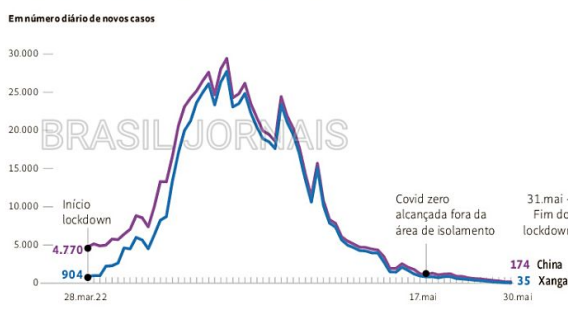
Hector Retamal/AFIP

Pandemia de Covid na megacidade de Xangai

Em dois meses de lockdown, polo financeiro representou maioria dos casos da China



Fontes: Comissão Nacional de Saúde da China



que difere daquela adotada pela maioria das nações do Ocidente, tornou-se possível devido aos testes em massa que são realizados nos locais onde ocorrem surtos da doença. Mesmo nas semanas em que foram relatadas as maiores cifras, os casos sintomáticos representaram, no máximo, uma parcela de apenas 15% do total de infecções em Xangai.

O vice-prefeito Zong Ming disse que a cidade entra, agora, naquela que é a terceira fase do desconfinamento — um retorno completo, mas gradual, à normalidade”, afirmou. Yin Xin, porta-voz da administração local, caracterizou o momento como “um dia com o qual sonhamos há muito tempo” e para o qual “todo mundo se sacrificou muito”.

Nos dois meses de lockdown, Xangai respondeu por quase todos os óbitos em decorrência da Covid no país. Nos últimos quatro dias, porém, a cidade não registrou nenhuma morte — a última foi na quinta (26), de acordo com a Comissão Nacional de Saúde da China.

O fim do confinamento foi celebrado por moradores do polo financeiro chinês, especialmente depois dos relatos de insatisfação de muitos pela forma com a qual o regime de Pequim lidou com a pandemia. Durante os dois meses de rígido isolamento, foram inúmeras as críticas que, furando bloqueios nas redes so-

ciais, apontaram que houve desabastecimento de comida e desorganização nos centros de quarentena.

“A administração de Xangai precisa fazer um pedido público de desculpas para reconquistar o apoio da população e reparar os vínculos rompidos entre o governo e o povo”, escreveu Qu Weiguo, professor na Universidade de Fudan, na plataforma de WeChat, segundo a agência de notícias Reuters.

Moradores também relatam ausência de comunicação centralizada. A blogueira Zhang Pei, em um artigo que viralizou no WeChat, disse não saber o que responder a amigos de outros locais que enviavam mensagens celebrando o fim do lockdown. Ela e sua família, que vivem em Xangai, continuam confinadas. “Sentimos que vivemos num mundo paralelo, não sabemos quem retornou ao trabalho nem onde os negócios foram reabertos”, afirmou.

“Hoje é o 62º dia em que estou trancada, em confinamento. Ontem, o comitê do bairro pediu para fazermos [testes] antígenos às 8h; às 10h, fomos fazer [testes] de ácido nucleico, e às 17h, novos antígenos. Com o mesmo objetivo de todos os dias: encontrar o vírus.”

O Global Times, jornal ligado ao centário Partido Comunista Chinês, pintou outro cenário, de plena celebração, entre os moradores. Com um texto que compila relatos de moradores falando em alívio e felicidade, disse que Xangai foi usada, pela mídia internacional, para “jogar lama na política de Covid zero da China e minimizar o desenvolvimento econômico do país”.

Ainda de acordo com essa publicação, ao menos 200 mil pessoas da cidade permanecem confinadas. O Exército de Libertação Popular, nome das Forças Armadas chinesas, que havia sido enviado para a cidade, anunciou que já cumpriu o objetivo programado e que, agora, deve se retirar.

O desconfinamento de Xangai aconteceu poucos meses antes do Congresso Nacional do Povo, o órgão Legislativo chinês, decidir se mantém ou não Xi Jinping na liderança do país ou se o substitui — isso depois de Pequim abolir os limites para a reeleição, em 2018.

O timing importa porque os desdobramentos dos dois meses de lockdown — não só a insatisfação popular, mas também a queda em índices econômicos — foram vistos por analistas locais como desgastes políticos que poderiam interferir na permanência de Xi no poder.

De olho nos EUA, China vai lançar seu terceiro porta-aviões

Igor Gielow

SÃO PAULO Após atrasos devido ao impacto da Covid-19 na força de trabalho e ao acirramento na disputa geopolítica de Washington com Pequim, a China acelerou a construção de seu terceiro porta-aviões e prepara o lançamento para testes no mar.

O Jiangsu, nome de batismo presumido já que seus irmãos o foram em homenagem às províncias costeiras chinesas, poderá sair da doca em Xangai já na próxima sexta (3), segundo sinais captados pela imprensa local.

O estaleiro Jiangnan, na ilha de Chagnings, fez um bloqueio de tráfego marítimo no ponto em que o navio está sendo construído, segundo o jornal hongconguês South China Morning Post. Três rebocadores e dois navios de salvamento já estão destacados para operar na área, o que sugere mesmo o lançamento.

O novo navio difere bastante dos seus dois antecessores.

O primeiro porta-aviões chinês, o Liaoning, foi lançado em 2012. Ele é um navio soviético que estava encostado na Ucrânia e foi completado na China, servindo de tubo de ensaio para a adaptação chinesa a esse tipo de embarcação.

O segundo, o Shandong, já é um projeto chinês, copiando o desenho soviético famoso por sua rampa de lançamento de aeronaves. Ele foi ao mar em 2019, num momento já de acirrada competição com os EUA e seus aliados no escopo da Guerra Fria 2.0, entre Washington e Pequim, que hoje abarca da tentativa chinesa de fazer bases no Pacífico Sul ao tratado da Guerra da Ucrânia.

Ma de Jiangsu, se o nome do chamado Tipo 3 foi esse mesmo, traz soluções só vistas em modelos ocidentais, como catapultas eletromagnéticas e um convés plano, sem rampa para auxiliar decolagem.

Não há especificações técnicas disponíveis, mas o navio deve ter porte semelhante ao dos seus antecessores.

Ou seja, deslocando cerca de 60 mil toneladas e com cerca de 50 aeronaves. Os gigantes que dominam o ramo, os dez navios da classe Nimitz, vitais para incluir as rotas marítimas que garantem sua posição como segunda economia do mundo. No futuro, quem sabe, projetar ainda mais poder além desse perímetro mais próximo, que inclui o disputa do mar do Sul da China.

A evolução chinesa no mar é um dos motores por trás do aumento progressivo da assertividade americana no Índico-Pacífico, estabelecendo um pacto militar com Austrália e Reino Unido e reinventando o grupo Quad, com japoneses, indianos e australianos, com uma aliança visando conter estrategicamente Pequim.

O clima está tenso. Desde que o maior aliado da China, a Rússia de Vladimir Putin, invadiu a Ucrânia, EUA e aliados do Quad vêm alertando Pequim a não se animar a fazer o mesmo com Taiwan.

A restrição chinesa foi dada durante visita de Joe Biden.

Pequim planeja montar uma frota com talvez sete porta-aviões, visando proteger seu quintal estratégico, vital por incluir as rotas marítimas que garantem sua posição como segunda economia do mundo. No futuro, quem sabe, projetar ainda mais poder além desse perímetro mais próximo, que inclui o disputa do mar do Sul da China.

A evolução chinesa no mar é um dos motores por trás do aumento progressivo da assertividade americana no Índico-Pacífico, estabelecendo um pacto militar com Austrália e Reino Unido e reinventando o grupo Quad, com japoneses, indianos e australianos, com uma aliança visando conter estrategicamente Pequim.

O clima está tenso. Desde que o maior aliado da China, a Rússia de Vladimir Putin, invadiu a Ucrânia, EUA e aliados do Quad vêm alertando Pequim a não se animar a fazer o mesmo com Taiwan.

A restrição chinesa foi dada durante visita de Joe Biden.

Opresidente americano esteve no Japão e na Coreia do Sul, na semana passada. Pequim fez uma patrulha conjunta com bombardeiros nucleares russos, um exercício de mobilização próximo à ilha que a ditadura considera uma província rebelde e uma megaluciação com 30 aviões contra suas defesas aéreas.

Os EUA têm investido fortemente nos laços com o Japão, que agora apoia abertamente a política americana de defender Taiwan em caso de invasão chinesa, e com a Austrália — com quem vai desenvolver submarinos nucleares e mísseis hipersônicos.

Um aliado mais tradicional, o Reino Unido, já vinha dando sinais claros contra a China. Apeloando a sua passagem de grande potência marítima, colocou de 2019 para cá dois porta-aviões moderníssimos em operação, para o ceticismo sobre a sustentabilidade da pretensão. O estreante Queen Elizabeth navegou pelo mar do Sul da China.

Com tudo isso, a China tem pressa. Os seus três modelos são convencionais, alimentados por turbinas a vapor. Mas analistas militares dizem que um quarto porta-aviões já está em construção sob segredo, e em propulsão nuclear — o que colocaria o país no clube que hoje só tem EUA e França.

A vantagem desses modelos é a autonomia quase infinita, podendo ficar 50 anos no mar com apenas uma recarga de combustível nuclear para os seus reatores. Apenas dez países operam porta-aviões, não considerando os porta-helicópteros, que crescentemente são vistos como plataformas para caças americanos F-35B, de decolagem vertical.

Após anos lutando para manter seus obsoletos modelos na água, o Brasil, que já teve dois porta-aviões, desistiu por enquanto do modelo e agora tem o mais eficaz porta-helicópteros britânico, o Atlântico, como nau-capitânia. O foco maior da Marinha é o submarino nuclear.

Aperto em ministérios pode deixar servidor sem reajuste

Bloqueio adicional no Orçamento para dar aumento ameaçaria atividade de pastas

Idiana Tomazelli e
Marianna Holanda

BRASÍLIA O corte feito pelo governo federal no Orçamento na segunda-feira (30) pode levar o presidente Jair Bolsonaro (PL) a desistir de conceder reajuste salarial a todos os servidores neste ano. Após seis meses de idas e vindas, voltou a ganhar força o cenário sem aumentos, segundo fontes do governo ouvidas pela Folha.

Para tentar minimizar o mal-estar com o funcionalismo, o presidente ainda considera a opção de dar um aumento de R\$ 400 no auxílio-alimentação de servidores da ativa no Poder Executivo. A medida pode ser bancada com a reserva de R\$ 1,7 bilhão que já existe no Orçamento.

Técnicos ressaltam, porém, que ainda não há decisão relativa a esse ponto, que depende de uma escolha definitiva de Bolsonaro. O governo tem até 4 de julho para conceder algum reajuste, salarial ou em benefícios, sem ferir a LRF (Lei de Responsabilidade Fiscal), que proíbe aumentar gastos com pessoal nos últimos 180 dias do mandato.

A mudança de direção nas discussões vem na esteira do anúncio da necessidade de um corte de R\$ 8,2 bilhões em despesas com custeio e investimentos para acomodar o crescimento em outros gastos obrigatórios, como sentenças



Servidor protesta no DF; reajuste no auxílio-alimentação ganha força Pedro Ladeira - 18.jan.22/Folhapress

judiciais e subsídios rurais.

Como o presidente ordenou a blindagem das emendas de relator, usadas pelo Congresso para irrigar seus redutos eleitorais com verbas do governo, a tesouraria recaiu sobre os ministérios, que devem enfrentar um cenário de fortes restrições.

Caso Bolsonaro insistisse no reajuste, um bloqueio adicional de R\$ 5,3 bilhões precisaria ser feito no Orçamento. Ou seja, a redução total de despesas chegaria a R\$ 13,5 bilhões.

Nos últimos dias, o chefe do Executivo foi alertado para o risco de os ministérios ficarem no limite com o corte

de R\$ 8,2 bilhões. Áreas como educação, saúde e ciência e tecnologia já devem sofrer cortes bilionários para acomodar gastos obrigatórios.

Apertar ainda mais o cinto dessas despesas poderia comprometer atividades relevantes dos ministérios, no momento em que Bolsonaro busca agendas positivas para impulsionar sua imagem de olho na corrida eleitoral.

Caso o presidente decida abandonar até a ideia de ampliar o auxílio-alimentação, a reserva atual de R\$ 1,7 bilhão para gastos com pessoal pode ser destinada a atenuar os cortes nos ministérios. É por

isso que o governo não divulgou até agora a perda exata de recursos de cada pasta.

Em discurso na segunda-feira, o chefe do Executivo deu a senha ao ressaltar que não poderia conceder reajustes sem ter antes doteado orçamentariamente suficiente para a medida.

"Não somos escravos da lei. Não vamos buscar alternativas, subterfúgios ou incorrer em crime de responsabilidade para atender quem quer que seja. Reconhecemos o trabalho de todos os servidores, aqui a PRF [Polícia Rodoviária Federal], a PF [Polícia Federal] e tantos outros, mas no momento está bastante compli-

cada a situação", disse durante visita a Recife (PE), onde as chuvas castigam a população.

A PRF e a PF estavam entre as corporações policiais que Bolsonaro ameaçava contemplar com reajustes desde o ano passado, quando se travou a primeira batalha no Congresso para prever algum recurso para reajustes no Orçamento.

A inclusão da reserva de R\$ 1,7 bilhão, a contragosto da equipe do ministro Paulo Guedes (Economia), foi o estopim para a deflagração de mobilizações e até greves de categorias de servidores, que reclamavam o mesmo tratamento.

O governo chegou a ser alertado por ministros do STF (Supremo Tribunal Federal) para o risco de que a concessão de aumentos diferenciados apenas para policiais poderia suscitar questionamentos e reivindicações dos demais grupos pela equiparação — com chance de sucesso.

Presidente do Banco Central, Roberto Campos Neto, afirmou nesta terça (31) que sinalizou a Bolsonaro em mais de uma ocasião sobre o risco de fazer ajustes diferenciados para algumas categorias.

"Quem tema caneta é o presidente. Em várias oportunidades, estive com ele e disse que gerar um desalinhamento de carreiras poderia ser problemático", afirmou.

Campos Neto disse também que, em caso de desalinhamento, iria lutar para que o BC tivesse isonomia. Nesta terça, os servidores da autoridade monetária decidiram manter a greve por tempo indeterminado.

A partir das queixas, a Economia apresentou a Bolsonaro cenários alternativos, como a ampliação do auxílio-alimentação — que tem menor custo por beneficiar apenas servidores ativos e tam-

bém é mais progressivo, ao beneficiar proporcionalmente mais os grupos com menores salários.

Outra opção era dar um reajuste linear de 5% para todas as categorias, incluindo militares. Essa alternativa ganhou a preferência de Bolsonaro, mas demandaria um corte adicional sobre o Orçamento.

Presidente estava disposto a seguir adiante com a medida e até vinha cogitando um aumento diferenciado para PRF e Depen (Departamento Penitenciário Nacional), como forma de valorizar categorias que integram sua base eleitoral. Mas a revisão significava das despesas obrigatórias acabaram comprometendo esses planos.

Além do impacto da tesouraria em políticas públicas ser muito grande, os dividendos políticos do reajuste não seriam tão expressivos para Bolsonaro, uma vez que a maioria das categorias tem se queixado de que o reajuste de 5% é pouco.

Guedes sempre foi crítico da ideia de conceder reajustes ao funcionalismo. Entre as possibilidades, a opção considerada menos problemática seria a ampliação do auxílio-alimentação, uma vez que usa só os recursos já previstos no Orçamento e tende a ser mais progressiva ao beneficiar mais quem tem menores salários.

O Executivo paga hoje um auxílio de R\$ 458 mensais. Um ajuste nesse valor reduziria a defasagem que existe em relação aos benefícios pagos pelos demais Poderes.

Na Câmara dos Deputados, os servidores recebem R\$ 982,29 de auxílio-alimentação, segundo dados de dezembro de 2021. No Judiciário, esse valor é de R\$ 910,08.

Colaboraram Danielle Brant e Nathalia Garcia

BRASIL JORNAIS

Quinzena do SEGURO

bradesco seguros

Ofertas especiais até 05/06 em
Auto, Residencial, Saúde, Dental, Vida,
Previdência Privada e Capitalização.



Aproveite!

Fale com seu Corretor
ou com seu Gerente Bradesco.

Saiba mais.



bradesco
seguros

Com Você. Sempre.

PREFEITURA MUNICIPAL DE IPERÓ

JURA MUNICIPAL DE IPERÔ FAZ SABER AOS INTERESSADOS

ABERTA A LICITAÇÃO MODALIDADE PREGÃO (PRESENCIAL) PARA REGISTRO DE PREÇOS SOB O Nº 27/2022, PARA AQUISIÇÃO DE MATERIAIS DE LIMPEZA E HIGIENE NA SESSÃO DE PROCESSAMENTO DO PREGÃO SERÁ NO DIA 14/06/2022 ÀS 09 HORAS NA AV. SANTA CRUZ, Nº 355, IPERÓ/SP, TEL. (15) 3459-9999. IPERÓ, 31 DE MAIO DE 2022.
LEONARDO ROBERTO FOLIM - PREFEITO MUNICIPAL

MUNICÍPIO DE SANTA ISABEL

OBJETO: CONTRATAÇÃO DE EMPRESA ESPECIALIZADA PARA A PRESTAÇÃO DE SERVIÇOS DE COLETA, TRANSPORTE E DESTINAÇÃO FINAL DE RESÍDUOS SÓLIDOS DOMICILIARES EM ATERRO SANITÁRIO DEVIDAMENTE LICENCIADO, CONFORME ESPECIFICAÇÕES DO TERMO DE REFERÊNCIA EM ANEXO, PELo PERÍODO DE 12 (DOZE) MESES.

DATA DE ABERTURA DOS ENVELOPES: 05/07/2022 ÀS 09H00.

O edital licitatório e anexos poderão ser obtidos na Diretoria de Licitações e Contratos da Prefeitura do Município de Santa Isabel, sito na Avenida República nº 530, 4º Andar, Centro – Santa Isabel/SP, Portal da Transparência: www.santaisabel.sp.gov.br - link:

PREFEITURA MUNICIPAL DE FERNANDÓPOLIS / SP
TERMO DE ALTERAÇÃO
CONCURRENÇA Nº 003/2022 – PROCESSO Nº 158/2022
Fica alterada a cláusula 13.1.2 do Edital incluído as alíneas "a" e "b". A alteração encontra-se à disposição no site do Município de Fernandópolis, no endereço www.fernandopolis.sp.gov.br, no edital já reformulado. Considerando que as alterações no instrumento convocatório não influenciam em absolutamente nada na formulação da proposta, fica mantida a data de abertura dos envelopes, dia 27 de junho de 2022 às 14h30min, conforme o Edital nº 003/2022.

convocatório não influenciam em absolutamente nada na formulação da

Cleber Bérger Sanchez Carbone
Gerente de Suprimentos

03. DE 27 DE MAIO DE 2022

Climalimização. As tarifas para este segmento têm os mesmos encargos variáveis do segmento de Cogeração - Cogeração de energia elétrica destinada ao consumo próprio ou a venda a consumidor final. O custo do gás canalizado e do transporte destinados a este segmento, já considerados os custos fixos brutos PIS/COFINS e outros, no momento da tarifa consolidada, deve ser adicionado ao encargo variável.

Geração de Energia. As tarifas para este segmento têm os mesmos encargos variáveis a segmento de Cogeração - Cogeração de energia elétrica destinada ao consumo próprio ou a venda a consumidor final. O custo do gás canalizado e do transporte destinados a este segmento, já considerados os custos fixos brutos PIS/COFINS e outros, no momento da tarifa consolidada, deve ser adicionado ao encargo variável.

El FISCOP no garantiza ni recomienda para el concesionario, un nivel de financiación.

Os valores não incluem ICMS.

As valor das mercadorias desta tabela, que já incluem os tributos PR-COFINS, deverá ser arredado o valor de 0,05 (cinco centavos) para cima ou para baixo, dependendo da natureza das mercadorias e do seu encaixe nos segmentos.

As informações para C&E Natref referido nas seguintes condições:

Motor Capacitor Sulfato = 9400 kcal/m³ (33.340,400kcal/m³ no 10.952 kJ/kg Cw/m³)

Pressão = 203 bar (29,7 MPa)

Pressão = 101,325 Pa (1 atm)

O custo de produção (incluindo transporte) do segmento de Cogeração, já considerado os valores dos tributos PR-COFINS incidentes no fornecimento pela concessionária, variando entre R\$ 0,000000 e R\$ 0,000000.

Os valores citados em razão de alterações para mais ou menos dos custos indicados no item 4, o custo de produção será preparado por unidade a estes repassados, nos termos da Cláusula 11ª do Contrato de Concessão.

Cada classe é independente. Aplicar-se-á o valor de cada um dos valores variáveis e um valor fixo. Logo, os valores variáveis e o valor fixo serão somados para obter o valor final.

ÁREA DE CONCESSÃO DA NATREF
SEGMENTO COGERAÇÃO

Cogeração de energia elétrica destinada a revenda a distribuidor

Volume (m³/mês)	Termo Fixo (R\$/mês)	Termo Variável (R\$/m³)
0,00 a 200,00 m³	442,24	0,631366

Class	Volume (m ³)	Termo 1 (R\$) (R/min)	Termo 2 (R\$) (R/min)
1	0,00 01 a 0,00 00 00 m ³	4 252 15	0,633366
2	200,01 a 5.000,00 m ³	8 466 54	0,633366
3	5.000,01 a 40.000,00 m ³	9 466 54	0,633366
4	40.000,01 a 100.000,00 m ³	11 506 20	0,633366
5	100.000,01 a 500.000,00 m ³	34 515 20	0,391250
6	500.000,01 a 2.000.000,00 m ³	61 242 80	0,244794
7	2.000.000,01 a 4.000.000,00 m ³	57 528 06	0,306312
8	4.000.000,01 a 7.000.000,00 m ³	92 041 65	0,284994
9	7.000.000,01 a 10.000.000,00 m ³	115 662 09	0,266442
10	10.000.000,01 a 20.000.000,00 m ³	128 557 12	0,245700
11	> 20.000.000,00 m ³	191 072 93	0,176517

Notas:

marcens desta tabela, que já incluem os tributos PIS/COFINS, deverá ser acrescido o

Os valores não incluem ICMS.

Os valores das margens desta tabela, e que incluem os tributos PIS/COFINS, deverá ser acrescido o valor do preço do gás (commodity + transporte) referido nas condições abaixo e destinados a esses segmentos.

Valores para Gás Natural referido nas seguintes condições:

Poder Calorífico Superior = 9.400 kcal/m³ (39.348,400KJ/m³ ou 10,932 kWh/m³)

Temperatura = 293,15 K (20 °C)

Pressão = 101.325 Pa (1 atm)

O custo do gás canalizado e do transporte destinado ao segmento de cogeração, já considerados os valores dos tributos PIS/COFINS incidentes no fornecimento pela concessionária, vigentes

titidos em razão de alterações para mais ou menos dos custos indicados no item 4.

Nota data de 1 de 2.886,937% em 1999, e as parcelas referentes para mais ou menos dos dados indicados no item 4, após contabilização em separado por unidade e a estes referentes, nos termos da cláusula 11ª.

Cada classe é independente. Aplicar-se a cada uma delas um encargo variável e um encargo fixo.

ANEXO II
ÁREA DE CONCESSÃO DA MATRIZ
SEGMENTO INTERIORE
 DE ACORDO COM A PORTARIA CREA Nº.21/10/2005

Classe	Valor (R\$)	Valor Fixo (R\$)	Valor Variável (R\$/m²)
1	0,00 a 5,00 (0,00 m²)	447,35	3,216566
2	5,00(m²) a 10,00 (20,00 m²)	8.946,54	1,691240
3	10,00 (20,00 m²) a 300,00 (600,00 m²)	18.893,08	0,286663
4	300,00 (600,00 m²) a 500,00 (1.000,00 m²)	19.737,60	0,063866
5	500,00 (1.000,00 m²) a 1.000,00 (2.000,00 m²)	19.187,88	0,028847
6	1.000,00 (2.000,00 m²) a 3.000,00 (6.000,00 m²)	18.532,15	0,0156156
7	> 3.000,00 (6.000,00 m²)	16.384,20	0,0093871

Nota do Fornecedor: Cada classe é independente. Aplicar-se a cada uma delas um encargo variável e um encargo fixo.

Os valores não incluem ICMS.

Gás Natural referido nas seguintes condições:
 Iso Superior = 9.400 kcal/m³ (39.348.400 kJ/m³ ou 10.932 kWh/m³)

Valores para Gás Natural referido nas seguintes condições:
 Poder Calorífico Superior = 9.400 kcal/m³ (39.348.400 kJ/m³ ou 10.932 kWh/m³)
 Temperatura = 293,15 K (20 °C)
 Pressão = 101.329 Pa (1 atm)
 O custo do gás canalizado e do transporte destinado a este segmento, já considerados os valores dos tributos PIS/COFINS incidentes no fornecimento pela concessionária, deve ser adicionado ao encargo variável.

ANEXO 5 – TARIFAS DE GÁS CANALIZADO
ÁREA DE CONCESSÃO DA NATURGY
SEGMENTO GÁS NATURAL PARA FINS DE GÁS NATURAL COMPRIMIDO – GNC e GÁS

Classe	Volume (m³/mês)	Termo Variável (R\$/m³)
1	0,00 a 5.000,00 m³	5.799164
2	5.000,01 a 50.000,00 m³	4.431793
3	50.000,01 a 100.000,00 m³	3.698455
4	100.000,01 a 300.000,00 m³	3.676075
5	300.000,01 a 1.000.000,00 m³	3.489590
6	> 1.000.000,00 m³	3.459752

Nota do Faturamento: Cada classe é independente. Aplica-se a cada uma delas um encargo variável e um encargo fixo.

Do incluir ICMS:

> 3.000.000,00 m	145.123,17	0,462339
------------------	------------	----------

Fonte: Cada classe é independente. Além de a cada uma delas um espaço unitário.

7	> 3.000,00,00 m ²	145,123,17	0,462339
---	------------------------------	------------	----------

nota do Faturamento: cada classe é independente. Aplica-se a cada uma delas um encargo variável e um encargo fixo.
 Notas: Os valores não incluem ICMS e PIS/COFINS.

**ANEXO 7 - TARIFAS DE GÁS CANALIZADO
 ÁREA DE CONCESSÃO DA NATURGY
 GÁS NATURAL VEICULAR – TUDO PARA USUÁRIOS LIVRES**

Classe	Segmento	Termo Variável (R\$/m ³)
Postos	Gás Natural Veicular - Postos	0,466123

Segmento	Termo Variável (R\$/m³)
----------	-------------------------

Classe	Segmento	Termo Variável (R\$/m³)
Transporte Público	Gás Natural Veicular - Transporte Público	0,333544
Classe	Segmento	Termo Variável (R\$/m³)
Erutas	Gás Natural Veicular - Erutas	0,333544

Notas: Os valores não incluem ICMS e PIS/COFINS.

ANEXO 6 - TÁRIFAS DE GÁS CANALIZADO
ÁREA DE CONCESSÃO DA NATURY
SEGMENTO COGERAÇÃO E TERMOELÉTRICAS – TUSD PARA USUÁRIOS LIVRES
 Cogeração/Geração de energia elétrica destinada ao consumo próprio ou à venda a consumidor final e cogeração/geração de energia elétrica destinada à revenda a distribuidor

Volume (m³/mês)	Termo Fixo (R\$/mês)	Termo Variável (R\$/m³)
-----------------	----------------------	-------------------------

Classo	Volume (m ³ miles)	Termo Fisso (R\$/miles)	Termo Variável (R\$/m ³)
1	0,0 a 200,00 m ³	390,61	0,527667
2	200,01 a 400,00 m ³	790,21	0,527667
3	400,01 a 600,00 m ³	7.902,21	0,527667
4	5.000,01 a 100.000 m ³	10.162,19	0,527667
5	100.000,01 a 500.000 m ³	30.486,62	0,354831
6	500.000,01 a 2.000.000 m ³	40.648,81	0,278951
7	2.000.000,01 a 4.000.000 m ³	50.810,99	0,202556
8	4.000.000,01 a 7.000.000 m ³	60.973,18	0,126161
9	7.000.000,01 a 10.000.000 m ³	101.622,01	0,323573
10	10.000.000,01 a 20.000.000 m ³	111.784,20	0,217099
11	> 20.000.000 m ³	142.270,82	0,156912

As tarifas para este segmento têm os mesmos encargos variáveis do segmento de geração de energia elétrica destinada ao consumo próprio ou a venda a consumidor final.

Observação: As tarifas para este segmento têm os mesmos encargos variáveis do segmento de **Comércio**. Os consumidores deste segmento não possuem prioridade no atendimento e não possuem tarifa de **Desconto Especial**. As tarifas para este segmento têm os mesmos encargos variáveis do segmento de **Comércio**. Os consumidores deste segmento não possuem prioridade no atendimento e não possuem tarifa de **Desconto Especial**. Os valores não incluem ICMS e PIS/COFINS.

ICMS – TARIFAS DE GÁS CANALIZADO

SEGMENTO GÁS NATURAL PARA FINS DE GÁS NATURAL COMPRIMIDO - GNC E GÁS NATURAL LIQUEFEITO - GNL – TUSO PARA USUÁRIOS LÍQUIDOS

Classe	Volumes em m ³	Termo Variável R\$/m ³
1	0,00 a 500,00 m ³	2.523,99
2	500,01 a 1.000,00 m ³	1.364,76
3	500,001 a 1.000,00 m ³	0.717,90
4	100,0001 a 300.000,00 m ³	0.097,24
5	300.000,01 a 1.000.000,00 m ³	0.524,17
6	> 1.000.000,00 m ³	0.098,12

Observação: Os valores não incluem ICMS e PIS/COFINS.

Os valores acima são expressos em reais e incluem impostos, conforme a legislação aplicável. Os reajustes tarifários dos valores máximos homologados ocorrerão em prazo não inferior a 12 meses, tomando-se como referência o IGT de outubro de 2021 para base de cálculo para futuros reajustes.

Os novos valores promocionais serão válidos a partir de 01 de julho de 2022 para clientes que tiveram seus benefícios expirados até 30/06/2022. Os novos valores promocionais serão vigentes até 31 de dezembro de 2022. Após o período de vigência os valores promocionais retornarão para as condições previstas no respectivo Plano Alternativo ou serão devidamente comunicados se praticados nos valores promocionais.

Promoção exclusiva para clientes não residentes.

Para mais informações sobre a oferta, podem ser obtidas acessando o regulamento da Promoção disponível no site www.vivo.com.br ou entre em contato pelo Serviço de Atendimento ao Consumidor (SAC) 10115, que funciona 24 horas, nos sete dias da semana. Pessoas com necessidades especiais de acesso, consulte o SAC 10115. Boa sorte a todos!

mercado

Cobrança de mensalidade na universidade pública favorece os pobres

Esquerda, no entanto, teima em perpetuar a desigualdade no ensino superior

Helio Beltrão

Engenheiro com especialização em finanças e MBA na Universidade Columbia, é presidente do Instituto Mises Brasil

Tramita na CCJ da Câmara dos Deputados a PEC 206/2019, de autoria do deputado federal General Peternelli (PSL-SP), com relatoria de Kim Katagiri (União SP), que permitirá a cobrança de mensalidades de alunos ricos em universidades públicas. O tema requer uma emenda constitucional, pois nossa Constituição — “um cunho desenhado por constituintes que sonhavam por uma gaze-” na genialidade de Roberto Campos — prevê a gratuidade para todos. Não existe almoço

—nem ensino superior— grátis. Toda gratuidade prevista pela Carta Magna é paga com impostos tomados dos brasileiros, em geral dos mais simples, que compõem a maior parte da arrecadação agregada. Mesmo sem se dar conta, o pobre paga o ensino do aluno rico na universidade pública. E esse custo é altíssimo. Segundo o estudo “Um Ajuste Justo — Análise da Eficiência e Equidade do Gasto Público no Brasil (Banco Mundial, 2017)”, o custo por aluno em universidade pública é cerca de três vezes maior que o custo por aluno em universidades privadas. Mais: esse alto custo não se reflete em um maior valor agregado para os graduados das universidades públicas, em comparação com os graduados de outras universidades. Pior: o Banco Mundial aponta um alto nível de ineficiência, de tal forma que os resultados obtidos por universidades federais poderiam ser atingidos com cerca de 17% menos de recursos. Em resumo, todos os brasilei-

ros pagamos caro por um ensino superior público ineficiente e de baixo valor agregado. A PEC está causando o histórico na extrema esquerda, que prefere que pobres continuem pagando o ensino superior de ricos. Guilherme Boulos tuitou: “Querem uma universidade cada vez mais elitista, desigual e só para quem pode pagar”. É o contrário! O sistema “gratuito” atual, não a PEC, é elitista e desigual: as universidades públicas estão repletas de estudantes com con-

dições financeiras. É um motor perpétuo de desigualdade de oportunidades. Hoje, apenas 18% dos jovens de 18 a 24 anos no país estão no ensino superior, em geral os mais ricos. O Banco Mundial reforça que, “embora os estudantes de universidades federais não paguem por sua educação, mais de 65% deles pertencem aos 40% mais ricos da população”. E o custo por aluno aumentou 5% ao ano entre 2010 e 2015 (data de corte do estudo). A sociedade — na prática o mais pobre — subsidia alunos que teriam condições financeiras de cursar uma universidade privada. Caso houvesse cobrança para estes na universidade pública, muitos optariam por estudar na universidade privada, liberando preciosas vagas. É, portanto, razoável imaginar que parte das vagas em universidades públicas ocupadas por alunos de alta renda passaria a ser tomada pelos mais pobres. Como disse Roberto Campos

sobre o tema durante a Constituinte: “Os filhos ricos, dispendiosos de trabalhar e capazes de pagar cursinhos, se qualificam para aterrissar, em automóvel próprio, nas universidades públicas, enquanto os pobres pagam seu ensino noturno em universidades privadas”. A cobrança da mensalidade para a Faria Lima e Leblon, caso devidamente amarrada na redação final da PEC, representaria um apoio fundamental ao custeio das mensalidades dos alunos carentes. Em sua redação atual, o texto prevê que caberia ao MEC a definição da linha de corte para cobrança de matrícula, o que parece muito poder para uma caneta só. Melhor seria uma definição legislativa, ou a discricionariedade da universidade diante das realidades locais. De qualquer forma, trata-se de uma grande oportunidade que o Congresso tem para uma maior inclusão de estudantes pobres, o que PT e PSOL não admitem.

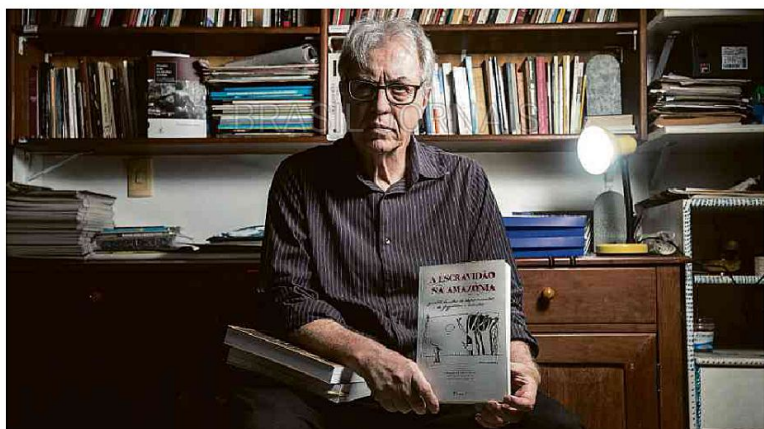
| DOM. Samuel Pessoa | SEG. MARCOS VASCONCELOS, Ronaldo Lemos | TER. Michael França, Cecilia Machado | QUA. Helio Beltrão | QUA. Cida Bento, Solange Srouf | SEX. Nelson Barbosa | SÁB. Marcos Mendes, Rodrigo Zeidan

Padre denunciou nos anos 1980 mão de obra escrava em fazenda da Volks

Empresa prestará depoimento ao Ministério Público do Trabalho e diz que contribuirá com apurações

Eduardo Sodré

SÃO PAULO Parecia uma lenda urbana, diz o pesquisador e escritor francês Antoine Acker: uma montadora de automóveis resolve investir em uma fazenda de ponta no Brasil profundo, seguindo o lema “Integrar para não Entregar” da ditadura militar (1964-1985). O trabalho, no entanto, é feito em grande parte por mão de obra escrava. A história da CVRC (Companhia Vale do Rio Cristali no Agropecuária Comércio e Indústria), que Acker conheceu em citações esparsas em livros alemães, era real e agora pode render mais um longo processo para a Volkswagen. A empresa foi convocada pelo Ministério Público do Trabalho para prestar esclarecimentos sobre sua antiga propriedade, localizada em Santana do Araguaia (PA). Uma audiência extrajudicial está marcada na sede do órgão, em Belém. Será no dia 14, às 14h. Parte do material usado pelos procuradores veio do livro “Volkswagen na Amazônia: The Tragedy of Global Development in Modern Brazil” (Volkswagen na Amazônia: a tragédia do desenvolvimento global no Brasil moderno), escrito por Acker em 2017. “Descobri a história quando fazia doutorado em Florença, queria fazer um trabalho sobre investimentos na Amazônia e me deparei com esse caso em uma nota de rodapé”, afirma o autor à Folha. Acker diz que a Volks permitiu o acesso a seus arquivos na Alemanha e que a matriz se mostrou contrária ao empreendimento em vários documentos. “Por que iria nos para a Amazônia criar gado?”, havia esse questionamento interno.” A exploração estava na Operação Amazônia, um dos tantos planos de ocupação da floresta que existiram no país —desse vez, bancado pelo regime militar. As origens estão na virada da década de 1960 para 1970. Em 1973, ano em que o projeto da CVRC teve início, a Volks produziu 379,4 mil automóveis no país. O número representava 57,6% de todos os carros de passeio e comerciais leves montados no Brasil naquele ano. Era, com folga, a maior empresa do setor



O padre Ricardo Rezende, que esteve na fazenda, no Pará, nos anos 1980, mostra um de seus livros sobre escravidão moderna

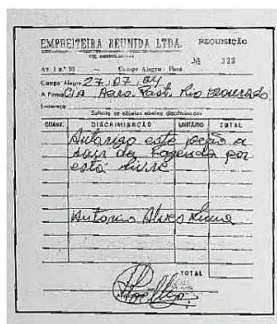
e, portanto, uma grande pagadora de impostos. A proximidade da empresa com a ditadura —historicamente, montadoras sempre são próximas de governos no Brasil— resulta no acordo com a Sudam (Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia). O órgão fora criado em 1966 para substituir a SPVA (Superintendência do Plano de Valorização Econômica da Amazônia), ainda do governo de Getúlio Vargas. Em outubro de 1966, o então presidente Castelo Branco sancionou a lei nº 5.174. A partir daí, empresas que investissem na ocupação amazônica teriam acesso a benefícios. O pacote incluía isenções de Imposto de Renda e de taxas federais ligadas às atividades industriais, agrícolas, pecuárias e de serviços básicos. Também não incidiriam tarifas sobre a importação de máquinas e de equipamentos. De olho nesses incentivos, a Volkswagen entrou no negócio agrícola. Um anúncio publicado em jornais e revistas no início dos anos 1970 mostrava a imagem de um boi sob o título “Volkswagen produzida na Amazônia”. Era uma propaganda da Sudam. Segundo Acker, uma das ideias divulgadas pela montadora era exportar carne bovina para EUA, Europa e Ja-

pão. O argumento de se tratar de um negócio revolucionário para o campo, conciliando os benefícios tributários, foi usado pela Volks do Brasil para convencer a matriz. A CVRC começou a operar em 1974. O gerente era o suíço Georg Brügger, descrito pelo padre Ricardo Rezende como um homem impulsivo. Rezende foi o responsável por denunciar o trabalho escravo na fazenda da Volkswagen. É dele a maior parte dos documentos que estão no livro escrito por Antoine Acker. “Montei um arquivo nos anos 1980 sobre a Volkswa-

gen, são quatro pastas com mais de 600 páginas sobre o caso”, diz Rezende à Folha. O padre, autor de livros sobre escravidão moderna, contou que foi morar no sul do Pará em 1978, onde coordenou a Comissão Pastoral da Terra da CNBB (Confederação Nacional dos Bispos do Brasil) para a região de Araguaia e Tocantins. “Ouvia muitas histórias sobre a fazenda, mas sempre depois de os fatos terem acontecido, e aí eu guardávamos a ocasião de fazer um flagrante”. Em 1983, Rezende conheceu três jovens que tinham acabado de escapar da CVRC,

também chamada de Fazenda Volkswagen. Eles teriam alegado que precisavam fazer o alistamento militar e assim conseguiram sair, mesmo tendo dívidas a quitar. Esses débitos, segundo o padre, eram a forma de manter os trabalhadores cativos —o que, segundo o Ministério Público do Trabalho, caracterizava a servidão por dívida. Eles eram impedidos de sair em quantos não estivessem em dia. Com a denúncia feita pelos jovens, Rezende conseguiu juntar uma comitiva de deputados estaduais de São Paulo e visitou a fazenda da Volks, com o conhecimento da montadora. Havia sinais de que a empresa não tinha pleno conhecimento do que de fato ocorria. O padre relata que, no meio do caminho até a propriedade, encontrou um dos “gatos” da CVRC. Assim eram chamados os empreiteiros que agiam como recrutadores e capatazes na região. Rezende afirma que o homem parou a comitiva e o levou até a cabana da picape que dirigia. Lá havia um trabalhador amarrado, que foi usado como um exemplo de como aquele povo seria fútil. “Ele não tinha a menor consciência dos crimes que estavam cometendo na fazenda”. A CVRC tinha construções bem cuidadas de alvenaria e

de madeira. O gerente Georg Brügger tentava mostrar o lado desenvolvido da propriedade, até que um homem arden- em febre — provavelmente por causa de malária — chegou implorando socorro, disse o padre. Ele pedia que fosse levado embora dali. Brügger teria perdido o controle e berrado como o padre e com o homem doente, mas depois tentou consertar a má impressão. No jantar, ofereceu um cálice e uma patena a Rezende. Os artefatos eram talhados em pau-brasil, madeira de árvore que era protegida por lei nacional e, portanto, não poderia ser derrubada. Apesar dos relatos de Rezende e dos deputados, o caso teve mais repercussão no exterior do que no Brasil. A fazenda foi vendida em 1986 por cerca de US\$ 20 milhões, sem julgamentos ou indenizações. O procurador do trabalho Rafael Garcia Rodrigues, que coordena a investigação sobre o caso, disse que a Volks foi considerada responsável pelas violações aos direitos humanos ocorridas dentro da fazenda. “Essas violações incluíam falta de tratamento médico nos casos de malária, impedimento de saída da fazenda em razão de vigilância armada ou de dívidas contraídas (servidão por dívidas), alojamentos instalados em locais insalubres sem acesso a água potável e com alimentação precária”, diz o texto enviado pelo Ministério Público do Trabalho. Os arquivos do padre Ricardo Rezende incluem fotos de pessoas que conseguiram escapar da fazenda da CVRC e documentos semelhantes a cartas de alforria, que mostram que o trabalhador havia quitado suas dívidas e, portanto, poderia ir embora. O Ministério Público do Trabalho relata que a propriedade da Volks tinha 139 mil hectares e 300 funcionários registrados. Rezende estima que outros 600 trabalhadores estivessem sem registro análogo a escravidão. Eles eram recrutados pelos “gatos” em povoados da região. Em nota, a Volkswagen afirma que “reforça seu compromisso de contribuir com as investigações envolvendo direitos humanos de forma muito séria. A empresa não comentaria o assunto até que tenha clareza sobre todas as alegações”. A resposta curta da Volkswagen veio da Alemanha, onde o caso voltou à tona após reportagem publicada no domingo (29) pelo jornal Süddeutsche Zeitung. Em setembro de 2020, a VW do Brasil se comprometeu a destinar R\$ 36,3 milhões a ex-funcionários da empresa que foram presos, perseguidos ou torturados durante a ditadura militar.



“Carta de alforria” em que se lê “autorizo este peão a sair da fazenda por está (sic) livre” Fotos: Lucas Seixas/Folhapress



Pessoas caminham no elevado presidente João Goulart, o Minhocão, com parte da iluminação apagada Ronny Santos/Folhapress

Cracolândia e escuridão alteram rotina no Minhocão

Falta de luz no elevado se tornou comum após cracolândia mudar para a região

Paulo Eduardo Dias
e Ronny Santos

SÃO PAULO O elevado presidente João Goulart, o popular Minhocão, costuma ser usado como área de lazer durante à noite e o fim de semana, quando fecha para veículos. Os frequentadores, porém,

tem enfrentado nos últimos dias um empecilho: diversos trechos estão sem iluminação.

A escuridão na via, que corta o centro de São Paulo com seus 3,4 km de extensão, tem trazido ainda mais insegurança aos moradores já preocupados com um outro problema vizinho ao elevado: a cracolândia que se instalou no

quarteirão da rua Helvétia entre a alameda Barão de Campinas e a avenida São João.

A reportagem esteve no Minhocão na noite da última quinta-feira (26) e pode notar vários trechos sem iluminação. Um dos pontos mais escuros estava entre a saída

para a rua Ana Cintra e a alça de acesso da avenida São João para o elevado, justamente na altura em que os dependentes químicos se fixaram após ação policial na praça Princesa Isabel.

Na noite de sexta-feira (27), a prefeitura havia informado, em nota, que uma equipe es-

taria no local para detectar o problema. "Caso seja necessário e possível, fará a manutenção ainda no dia de hoje, no período noturno". No entanto, na noite de segunda-feira (30), o problema persistia. O apagão tem levado frequentadores a deixar de sair de casa para se exercitar. É o caso da artista plástica Cristiana, 40, que preferiu não fornecer o sobrenome. Ela só usa o local enquanto há luz do sol.

"Não cogito ir desde que a cracolândia se instalou na Helvétia. Eles estão do lado da entrada por onde eu costumava subir. Só me sinto segura no Minhocão durante o dia, ou seja, sábado ou domingo". O elevado presidente João Goulart é fechado para automóveis de segunda-feira a sexta-feira a partir das 20h, com pedestres e ciclistas podendo permanecer até às 22h. Aos sábados e domingos o trânsito de veículos é proibido durante todo o dia.

Quem também deixou de frequentar o elevado para a prática de atividades esportivas foi a jornalista Fernanda Martins, 33. Ela tomou a decisão há dois meses, após sofrer uma tentativa de roubo ao deixar o Minhocão com duas amigas.

Segundo ela, a sensação de insegurança piorou com a migração da cracolândia para a região próxima à estação Santa Cecília do metrô. Desuvaranda, ela conta já ter presenciado vários crimes. "O que adianta morar ao lado do Minhocão, um dos símbolos de São Paulo, e não poder usar? Infelizmente, a violência nos torna reféns em nossas casas e a coisa só piora", disse.

"Em relação ao furto de fios, isso é uma constante. Sinais de trânsito paralisados, iluminação pública, entre outras coisas, estão em falta. Os

porteiros do prédio já foram avisados para monitorar a noite inteira para evitar o furto no prédio", completou.

Os semáforos nos cruzamentos da avenida São João com rua Helvétia e com a rua Ana Cintra não estão operando. Segundo a prefeitura, isso acontece porque os cabos foram furtados. "A manutenção já foi acionada. Nos últimos 30 dias, foram registrados três furtos nesses locais", disse a gestora Ricardo Nunes (MDB).

Fernanda ainda disse não sair mais a pé, utilizando apenas transporte por aplicativo, na tentativa de se esquivar dos roubos.

Há, no entanto, quem se arrisque na escuridão para se beneficiar das práticas esportivas ao ar livre, como o técnico de enfermagem Jefferson Lobo, 34, e seu namorado, o professor Lucimar Lima, 36, que caminhavam sob os postes desligados. "Com luz já é inseguro, eu só vim porque eu não sabia [da falta de iluminação]", disse Lobo.

Também aproveitando a noite no elevado naquele momento estava o casal Douglas Santos Silva e Mirian Vidal de Negreiros, ambos de 42 anos. Silva, que é sociólogo, destacou dois problemas naquele momento. "Fica mais inseguro por questão de roubo e inseguro porque o trânsito de bicicleta às vezes não enxerga, porque está bem escuro".

A reportagem permaneceu por cerca de uma hora e meia no elevado. Em alguns momentos, viaturas da GCM (Guarda Civil Metropolitana) passaram pelos dois sentidos da via, tanto em direção à zona oeste como ao centro.

Um dos guardas afirmou que a escuridão no elevado não era vista com frequência antes da chegada de dependentes químicos à região.



Moradores observam deslizamento de terra em Recife Sérgio Maranhão/AFIP

Número de mortos nas chuvas em PE sobe para 106; 10 estão desaparecidos

José Matheus Santos

RECIFE O número de mortos pelas chuvas em Pernambuco subiu para 106, de acordo com balanço divulgado na tarde desta terça-feira (31) pelo governo do estado. Ao todo, dez pessoas continuam desaparecidas no estado.

No início da tarde desta terça, os corpos de seis vítimas de deslizamentos de barragem foram encontrados — três na Vila dos Milagres, no Recife, e outras três em Jardim Monteverde, entre Recife e Jaboatão dos Guararapes, onde os trabalhos de buscas se encerraram, uma vez que todos os desaparecidos foram encontrados, de acordo com o Corpo de Bombeiros.

Os seis corpos achados nesta terça foram encontrados com a ajuda de cães.

As buscas por soterrados continuam em Vila dos Milagres, no Recife, no Curado IV, em Jaboatão, e em Areci, em Camaragibe. Em Jaboatão Centro e em Paulista, são procu-

radas duas pessoas possivelmente levadas pelas águas.

O total de desabrigados foi a 6.198, ainda segundo o balanço. Diversas campanhas de doação foram abertas para ajudar famílias atingidas.

O número de municípios pernambucanos que já decretaram situação de emergência subiu para 24. O governo estadual também decretou emergência.

Nesta terça, choveu novamente na Região Metropolitana do Recife e em parte do interior. Na madrugada e nas primeiras horas do dia, houve chuvas moderadas, com os maiores volumes em Goiana (65 milímetros), Cabo de Santo Agostinho (63 mm), Paulista (55 mm) e Recife (30 mm).

A Defesa Civil manteve o alerta para deslizamentos, por conta das condições do solo, ainda encharcado nas áreas afetadas.

Bombeiros enviados pelo governo da Paraíba e profissionais especializados no atendimento a casos de deslizamentos de Minas Gerais

também reforçam as forças operacionais. Uma equipe da Defesa Civil do Rio de Janeiro está no Recife para reforçar o atendimento.

Com os acumulados de chuvas registrados nas últimas 24 horas, foram emitidos dois novos avisos hidrológicos entre a madrugada e início da manhã para os rios Sirijó, em Vitória, e Capibaribe Mirim, em Timbó, ambos na Zona da Mata.

As BRs 101 e 232 e diversas rodovias estaduais têm pontos de alagamento ou deslizamento de barreira.

Pernambuco, Bahia, Minas Gerais e Rio de Janeiro tiveram desastres naturais que somaram mais de 400 mortes nos últimos seis meses.

Na manhã da segunda (12), o presidente Jair Bolsonaro (PL) esteve na Região Metropolitana do Recife e sobrevoou áreas afetadas pelas chuvas. Ele criticou o governador Paulo Câmara (PSB) por não ter sido proativo para discutir ações diante do desastre.

#TestedoPezinhoAmpliadoparaTodos

Para que serve o Teste do Pezinho?

Para detectar uma série de doenças no bebê, que são tratáveis quando descobertas precocemente.

O Teste do Pezinho é feito por meio de gotinhas de sangue coletadas do pezinho do bebê, entre as 48 horas e o 5º dia de vida. É rápido, seguro e um direito do seu bebê.

Para saber mais, nos acompanhe nas redes sociais:

- [@institutojoelemente](#)
- [@instjoelemente](#)
- [ijo.org.br](#)
- [institutojoelementeJJC](#)

Índice mostra como capitais lidam com a mobilidade urbana

★ Projeto reúne dados que indicam o estágio de desenvolvimento para deslocamento a pé, sobre rodas ou trilhos ★ Série de reportagens mostra avanços e desafios ★ Fortaleza é a 1ª de 7 cidades retratadas

William Cardoso e Thiago Amâncio

SÃO PAULO O Índice Folha de Mobilidade Urbana surge a partir da necessidade de reunir e consolidar dados que possam servir de base para a produção de reportagens e, consequentemente, de tomada de decisões por parte do poder público. A proposta é agregar dados que possam permitir observar cidades tão distintas quanto São Paulo e Palmas, por exemplo — a mais e menos populosas capitais brasileiras, respectivamente.

A coleta e a análise de informações tão abrangentes tornam possível identificar, com critérios bem definidos, quais as capitais com maior e menor pontuação no geral e também nos mais diversos quesitos, que vão desde aspectos ambientais até a infraestrutura do transporte público.

Com os dados em mãos, pode-se, por exemplo, ter um indicativo de qual delas tem a melhor forma com a mobilidade ativa, com infraestrutura adequada para pedestres e ciclistas. Ou ainda aquela com a melhor circulação urbana, um tema que envolve, entre outras coisas, os níveis de congestionamento. O projeto conta ainda com reportagens em sete das capitais, o que permite não só observar in loco pontos positivos ou negativos sinalizados pelos resultados do índice, mas identificar aspectos não captados pelos dados.

Esse grupo amostral, bastante heterogêneo, é composto de capitais que aparecem nas duas pontas do índice, com pontuação mais baixa (Porto Velho e São Luís) e mais alta (Aracaju, Fortaleza e São Paulo), e de capitais (Rio de Janeiro e Brasília) cujas características diferem de forma significativa das demais.

O índice, elaborado em parceria com a 99, baseia-se em tese de doutorado apresentada por Marcela da Silva Costa, em 2008, à Escola de Engenharia de São Carlos, da USP (Universidade de São Paulo). Essa tese levou à criação do Imus (Índice de Mobilidade Urbana Sustentável).

A parceria entre a Folha e a 99 começou com o patrocínio do canal de mobilidade do jornal, com o objetivo de aprofundar a cobertura de mobilidade urbana. Envolveu também o LAB 99 + Folha de Jornalismo, que promoveu treinamento para 30 jornalistas e estudantes. O índice, desenvolvido ao longo de quase um ano, é o projeto especial que finaliza este ciclo.

O levantamento original, feito por Marcela, contou com nove grandes domínios, que são assuntos gerais a respeito de mobilidade.

Cada domínio é correspondente a um conjunto de indicadores capazes de calcular e observar o desempenho de municípios em temas tão diversos quanto gratuidade na tarifa do transporte público e extensão da rede de ciclovias. A pontuação é calculada dentro de um intervalo entre 0 e 1.

Uma vez que nem todas as capitais tinham ou disponibilizavam informações em quantidade suficiente para uma avaliação tão detalhada quanto aquela sugerida pela tese de Marcela, o Índice Folha de Mobilidade Urbana adota cinco desses domínios, agrupando 13 dos 87 indicadores originais. São aqueles com os quais

foi possível criar um índice sem gerar grandes distorções. De forma geral, eles são representativos o bastante para desenhar o cenário atual de cada cidade e mostrar quais pontos merecem mais atenção.

O domínio aspectos ambientais, por exemplo, lida com temas como o controle dos impactos no meio ambiente e o uso de recursos naturais, representados por indicadores como o volume de emissões de monóxido de carbono (CO) e o consumo de energia limpa e combustíveis alternativos em cada município. Quanto menos dependente do diesel, por exemplo, melhor.

Essencial para garantir o acesso à mobilidade nas grandes cidades, a infraestrutura de transportes é outro domínio destacado. No índice, ela aparece por meio da densidade e da conectividade da rede viária, que podem ser resumidas como o conjunto de corredores, terminais, estações, pontos, entre outros, e a forma como estão dispostos na cidade. Os municípios mais bem avaliados são aqueles que têm capacidade de ligar diversos bairros entre si de forma eficiente.

Os modos não motorizados também estão representados entre os grandes assuntos. Espaços para pedestres caminharem pela cidade, ciclovias e ações adotadas para reduzir o tráfego de veículos a motor foram avaliados, com base em informações fornecidas pelas prefeituras. Menor dependência dos carros ajuda a pôr a capital com maior pontuação no índice.

As 27 capitais também aparecem de acordo com o tráfego e a circulação urbana. Acidentes de trânsito em ge-

ral, incluindo aqueles que envolvem pedestres e ciclistas, bem como a quantidade de veículos por habitantes, estão presentes neste domínio. De forma geral, quanto menos ocorrências, melhor. Pesadelo de todo motorista, os congestionamentos também estão contemplados aqui, baseados em cálculo feito pela 99.

Como não poderia faltar, o sistema de transporte urbano é outro item abordado. Quantidade de passageiros, diversidade dos modos, tarifas, descontos e gratuidades são os indicadores avaliados. O equilíbrio entre a demanda e a oferta é algo que traz pontos positivos no ranking.

Professor de engenharia de transportes na Escola de Engenharia de São Carlos, da USP, Antônio Nelson Rodrigues da Silva foi o orientador da tese que deu origem ao índice originalmente, em 2008. Agora, participou de todas as etapas de produção do Índice Folha de Mobilidade Urbana.

Segundo ele, esses indicadores são fundamentais para que as cidades consigam detectar e resolver questões que impedem o desenvolvimento da mobilidade urbana.

Ele compara o índice com o diagnóstico feito por um médico. "Se tem um problema específico e não sabe o que é, você não vai tomar um remédio próprio para aquela doença. Pode tomar qualquer coisa, mas não para aquilo que precisa", explica Rodrigues da Silva.

O professor da USP afirma que, embora não conte com todos os indicadores do trabalho original, o índice atual é útil para avaliar a situação atual das capitais. "Os domínios que não conseguimos preservar seriam importantes, mas paciência. São dados difíceis de se obter. É uma situação aceitável".

Responsável por consolidar os indicadores coletados pela reportagem, a então graduanda da Escola de Engenharia de São Carlos, hoje engenheira, Letícia Le Maeda afirma que chamou a atenção o fato de muitas prefeituras não disponibilizarem informações básicas. Parte das capitais não forneceu, por exemplo, nem mesmo mapas detalhados de por onde passam suas linhas de ônibus.

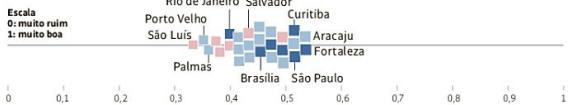
Por falta de dados, ficaram de fora assuntos como acessibilidade, aspectos sociais, aspectos políticos e planejamento integrado, que seriam fundamentais para estabelecer comparativos e aprofundar as análises.

Índice Folha de Mobilidade Urbana, pontuação total

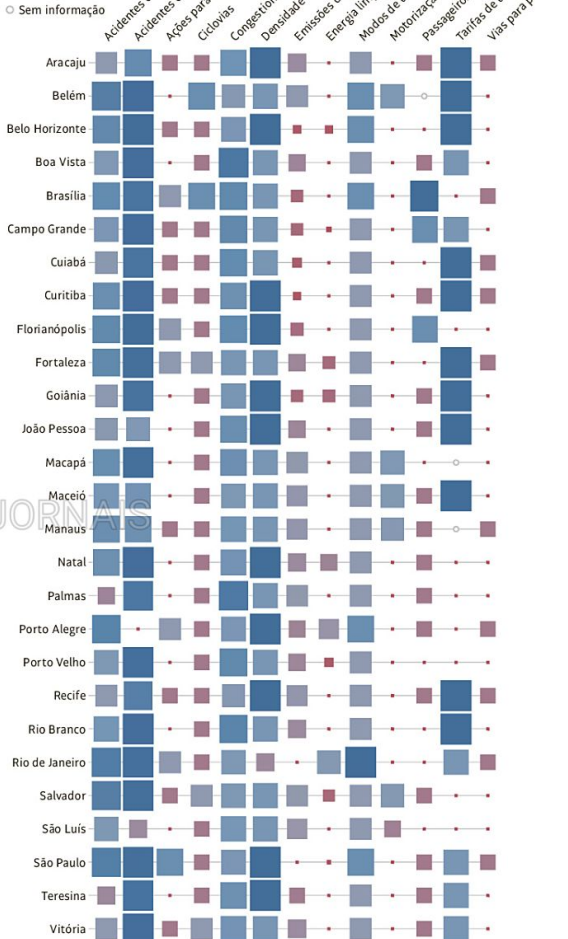
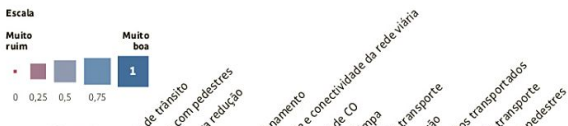
Em cada capital com base no cálculo dos 13 indicadores

Estágio atual para atingir a mobilidade sustentável num prazo razoável

Alguns pontos de vista Com dificuldades Com muitas dificuldades



Pontuação das capitais por indicador



Os indicadores

Acidentes de trânsito

Número de mortos em vias urbanas por 100 mil habitantes, sendo 0 para 400 ou mais por 100 mil/h e 1 sem registro de mortes, com base no Datusus

mais próximo de 1 o resultado, melhor a pontuação da cidade

para até 3 (caminhada, ciclismo e carro) e 1 para 7 ou mais (caminhada, ciclismo, carro, táxi, ônibus e sistemas sobre trilhos)

Acidentes com pedestres, ciclistas e motociclistas

Porcentagens envolvendo pedestres e ciclistas, sendo 0 em 25% ou mais e 1 para até 5%, com base no Datusus

Densidade e conectividade

Extensão de vias por área urbana e conectividade da rede viária, sendo 0 para densidade baixa < 10 km/km² e conectividade baixa < 50% dos nós e 1 para densidade alta > 10 km/km² e conectividade alta > 50% dos nós*

Motorização

Número de automóveis registrados por mil habitantes, sendo 0 para 450 ou mais por mil/h e 1 até 250 por mil/h, com base no Denatran e IBGE

Emissões de CO

Porcentagem das emissões anuais por veículos que excederam o parâmetro de controle, sendo 0 emissão anual por veículo 100% maior que o parâmetro e 1 igual ou inferior, com base em dados do Denatran, da KBB Brasil e fator de emissão da Cetesb

Passageiros transportados Porcentagem da população total na rede pública em dois anos, sendo 0 para decréscimo superior a 25% e 1 para crescimento superior a 25%*

Ações para redução de tráfego motorizado

Adoção de campanha educativa, rodízio, delimitação de áreas com restrição para circulação de veículos e pedágio urbano, sendo 0 sem nenhuma e 1 todas*

Ciclovias

Porcentagem de vias com ciclovias ou ciclofaixas e conectividade dessa rede, sendo 0 sem nenhuma e 1 com mais de 25%*

Tarifas de transporte Tarifa percentual dos valores de tarifa em comparação à inflação do mesmo período, sendo 0 para reajuste superior à inflação e 1 sem aumento*

Congestionamento

Razão entre a velocidade média no horário de pico e a na madrugada, com base em dados da 99. Quanto

Energia limpa

Porcentagem de veículos da frota de transporte público que utilizam combustíveis menos poluentes ou fontes de energia alternativas, sendo 0 para 0% da frota e 1 para 100% da frota*

Vias para pedestres Porcentagem de vias com vias especiais ou preferências para pedestres e conectividade dessa rede, sendo 0 sem nenhuma e 1 com mais de 25%*

* Com dados declarados das prefeituras de Marcela da Silva Costa que levou à criação do Imus (Índice de Mobilidade Urbana Sustentável)

“ Os domínios que não conseguimos preservar seriam importantes, mas paciência. São dados difíceis de se obter. É uma situação aceitável

Antônio Nelson Rodrigues da Silva professor titular da USP



Ciclovias na orla da praia de Iracema, na capital cearense; estrutura cicloviária no município passou de 65 km para 410 km nos últimos anos Fotos Rubens Cavallari/Folhapress

Capitais estão longe do ideal de mobilidade sustentável

ANÁLISE

Antônio Nelson

Rodrigues da Silva

Professor de engenharia de transportes na Escola de Engenharia de São Carlos, da USP

SÃO CARLOS O Imus (Índice de Mobilidade Urbana Sustentável) é uma ferramenta concebida para avaliar simultaneamente o nível de mobilidade de uma cidade e quanto esta mobilidade atende aos princípios da sustentabilidade, isto é, as dimensões ambiental, econômica e social.

Para permitir uma avaliação quantitativa, o Imus foi originalmente constituído pela arquiteta Marcela da Silva Costa (2008) com uma estrutura bastante abrangente, que parte de nove domínios para se desdobrar em 37 temas, que podem ser avaliados por meio de 87 indicadores.

Estes indicadores apresentam pesos diferenciados, obtidos por meio de consulta a um painel de especialistas do Brasil e do exterior, de acordo com a sua importância para a mobilidade urbana sustentável.

O resultado do Imus é um número entre 0 e 1. Quanto mais próximo de 1, mais próximo da mobilidade sustentável se encontra a cidade avaliada. Valores baixos indicam condições inadequadas e/ou pouco sustentáveis de mobilidade urbana.

A avaliação agora realizada tinha por objetivo calcular o Imus para todas as capitais do Brasil. A proposta inicial era tentar calcular o maior número possível de indicadores, mas rapidamente verificou-se que a indisponibilidade de dados se constituiria em uma forte restrição para a iniciativa. Assim, dadas estas dificuldades de obtenção de dados em contextos tão distintos, foi elaborada uma versão resumida do índice, que envolveu 13 dos 87 indicadores originais.

Apartir dos resultados encontrados é possível observar que, de maneira geral, as cidades analisadas estão longe do ideal de mobilidade sustentável, uma vez que o maior valor encontrado (0,543, em Fortaleza) ficou só ligeiramente acima da metade do intervalo considerado, ou seja, 0,500. Além disso, somente outras três cidades (Aracaju, São Paulo e Curitiba) conseguiram ultrapassar este valor intermediário.

Chama a atenção o fato de que as cidades que alcançaram os maiores valores do índice não tiveram nenhum indicador com avaliação muito boa ou muito ruim, ou seja, individualmente os valores dos indicadores oscilaram ligeiramente ao redor do valor intermediário.

Por outro lado, algumas cidades tiveram bons resultados (valores altos) em alguns indicadores, mas foram penalizadas no valor final do índice porque apresentaram outros indicadores com valores bastante baixos. Isso sugere que não há um esforço coordenado para atingir um padrão consistente de mobilidade sustentável nestas cidades.

Da forma como foi calculado, o índice apresenta algumas limitações, sobretudo pelo fato de ter se limitado ao cálculo de 13 indicadores. Ainda assim, possibilitou uma análise preliminar de pontos que devem ser melhorados para alcançar níveis adequados de mobilidade urbana sustentável, visto que mesmo a capital com o melhor resultado ficou abaixo do valor máximo possível.

Cidade como bom exemplo, Fortaleza desafia trânsito e transporte lotado

Cidade está no grupo de ponta do Índice Folha de Mobilidade Urbana e aposta em receita elogiada

William Cardoso e
Rubens Cavallari

FORTALEZA A capital cearense tem seguido à risca a receita para diminuir a dependência e o impacto dos carros no dia a dia da população. Tem corredor de ônibus moderno, bilhete único com integração, ciclovias perto da maioria dos moradores, diminuição de velocidade máxima em grandes vias e criação de infraestrutura para que o pedestre se sinta mais seguro. Não por acaso, a cidade de 2,7 milhões de habitantes é citada por aqueles que estudam e conhecem o tema como um bom exemplo.

No Índice Folha de Mobilidade Urbana, com todas as ressalvas decorrentes da falta de dados no país, Fortaleza desponta em um grupo de sete capitais com alguma perspectiva de alcançar a mobilidade sustentável em prazo razoável. São aquelas que estão mais próximas de tornar os deslocamentos de seus habitantes eficientes, seguros, com menos impacto ambiental.

Mas por que, apesar do prognóstico positivo, quem visita a capital cearense ainda encontra cenas comuns às grandes cidades, especialmente nos horários de pico?

Congestionamentos, batelões de motocicletas, ônibus lotados estão presentes e dão a dimensão do desafio que é tornar a mobilidade sustentável, mesmo que parte das melhores práticas já esteja nas ruas.

“Essas cidades, como Fortaleza, São Paulo, Rio, são muito grandes. Então os problemas tendem a ser grandes também. E as soluções são caras. Difícil ter dinheiro para resolver”, diz Mário Angelo Nunes de Azevedo Filho, professor do Departamento de Engenharia de Transportes da Universidade de Federal do Ceará.

Para o docente, além de persistir nos avanços, tudo passa por trabalhar um desenvolvimento equilibrado, dica para municípios em expansão. “Com um conjunto maior de cidades médias e pequenas, você vai ter problemas menores. Melhora a qualidade de vida, depende menos do transporte motorizado, da tecnologia dos sistemas mais caros.”



Nos horários de pico, passageiros enfrentam filas no Terminal Parangaba para embarcar

A rodovia BR-116, que atravessa o país, tem cerca de 10 km de trecho urbano na capital. Vira uma grande avenida congestionada nos picos da manhã e da tarde. É raro demais, mesmo a cidade tendo 65% dos deslocamentos feitos em modo ativo (caminhada ou bicicleta) ou pelo transporte público.

Na BR-116, pedestres também se aventuram a atravessar de um lado a outro, em pontos distantes das escassas passarelas. É um grande funil da mobilidade, ainda sob responsabilidade da União e sobre o qual há tratativas e planos para que a prefeitura assuma o controle.

No transporte coletivo, apesar de avenidas como Bezerro de Menezes e Aguanambi terem recebido BRTs (corredores expressos de ônibus, com possibilidade de ultrapassagem entre coletivos e estações de embarque), acolhendo da bicicleta ao pedestre, ainda há lugares onde o cidadão passa apertado.

Em terminais como Messejana, Siqueira e, principalmente Parangaba, passageiros se espremem no horário de pico. “Em vez de aumentar a frota de ônibus, eles reduziram”, afirmou o gerente comercial Ezequiel Martins, 43.

A prefeitura nega que tenha havido redução no pico, embora admita que, diante da demanda 40% menor que no pré-pandemia, foi cortada parte dos coletivos nos horários menos movimentados.

Nas cidades grandes, problemas se espalham. Em Fortaleza, 47% dos mortos no trânsito são motociclistas, apesar da redução de 13% no número de óbitos entre esse tipo de condutor nos últimos dois anos. Mesmo sendo um vetor de violência, as motocicletas ganham mais adeptos a cada dia.

Mas é sobre outro tipo de duas rodas que a capital cearense se destaca. Cerca de 5% das viagens são feitas com bicicletas e, muitas delas, por longas distâncias.

O pedreiro Luiz de Souza, 20, sai uma vez por semana da praça do Ferreira, no centro, e pedala por 13 km até o terminal Messejana numa bike alugada — bilhete único de direito à primeira hora gratuita. “É bom para distrair a mente e mais rápido que o ônibus”.

Nos últimos oito anos, a estrutura cicloviária passou de 65 km para 410 km. Segundo dados do Instituto de Políticas de Transporte e Desenvolvimento, cerca de 51% da população vive a menos de 300 metros de uma ciclovia — a segunda colocada, Vitória (ES), tem 33%, e São Paulo, 21%.

“Na série histórica iniciada em 2018”, diz Felipe Alves, ex-diretor da Associação dos Ciclistas Urbanos de Fortaleza. “O ideal seria algo muito mais próximo dos 100% do que dos 50%, mas a gente vê que a diferença para as outras é grande.” Na capital, o dinheiro arrecadado com zona azul financia projetos cicloviários.

Embora sejam bem distribuídas, a reportagem encontrou na periferia ciclovias que precisam de requalificação.

No bairro Jangurussu, uma estrutura antiga está praticamente abandonada em meio a mato e entulho na anacrônica avenida Presidente Costa e Silva, onde barulho de motor e sinalização precária para pedestres levam ao passado.

É tão insegura que ciclistas preferem pedalar nas bordas da via, onde veículos passam em alta velocidade. “Toda esburacada, cheia de mato e lixo. Precisa deixar bonitinha”, diz o carpinteiro Reginaldo Sampaio Ferreira Santos, 49.

É para tirar de cena vias como essa, requalificando-as, que Antonio Ferreira Silva trabalha desde 1984 no serviço público municipal. Engenheiro civil pós-graduado em mobilidade, o funcionário de carreira que hoje comanda a AMC (Autarquia Municipal de Trânsito e Cidadania) tenta pôr em prática os planos que defende há décadas.

O superintendente da AMC diz ter ganhado apoio nos últimos anos para implementar um trânsito um pouco mais tranquilo. “A gente viu que foi se tornando realidade.”

Ferreira tem fala cadenciada, professoral, sem apertar o passo. É assim que discorre sobre as vias cuja velocidade máxima foi reduzida de 60 km/h para 50 km/h. “Quando passa de 60 km/h para 50 km/h, o pedestre tem dez vezes mais chance de sobreviver [em caso de atropelamento]. E o atraso do tempo de viagem é insignificante.”

Já a lotação do transporte público e os congestionamentos no horário de pico são vistos pelo superintendente como problemas que precisam também de acordo entre toda a sociedade, escalonando horários de entrada e saída do trabalho.

Em Fortaleza, das 17 áreas onde foi implantado o conceito de trânsito calmo, com redução de velocidade e configuração que dá protagonismo ao pedestre, apenas 3 ficam em região turística, o que demonstra a intenção de tornar a mobilidade segura um direito para além dos bairros ricos.

YSSY Tecnologia S.A.

Aviso de Extravio de Livros Societários

Acionista: Rodrigo Clébicar Pereira Mota Esteves - Bitumina do Brasil Participações Ltda.
JUCESP nº 216.931/22-8 em 29/04/2022. Gisela Simiema Ceschin - Secretária Geral.

Até antes da data prevista para a realização da Assembleia Geral dos Devedentistas, sem prejuízo e, em benefício do tempo, os Devedentistas deverão encaminhar os documentos comprobatórios de sua representação para o e-mail: contencioso@pentagonotrustee.com.br. (01, 02 e 03/06/2022)

os Debenturistas deverão encaminhar os documentos comprobatórios de sua representação para o e-mail: contencioso@pentagonotrustee.com.br. (01, 02 e 03/06/2022)

Argentina e Messi querem fazer da vitória um hábito antes da Copa

Equipe sul-americana enfrenta Itália com chance de levantar segundo troféu em dois anos

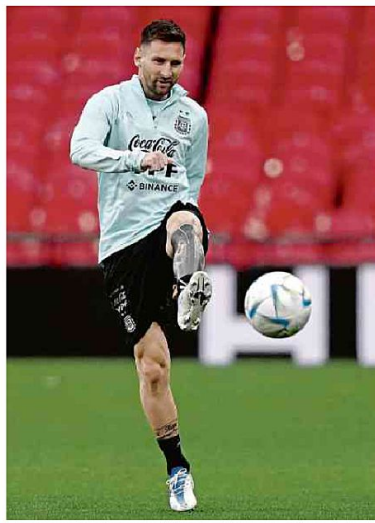
ARGENTINA
ITÁLIA
às 16h, em Wembley (Londres)
Na TV: ESPN, Star+ (streaming)

Alex Sabino

SÃO PAULO. Bicampeão europeu e vencedor do Campeonato Inglês, o lendário técnico Brian Clough foi questionado sobre qual título daquele seu Nottingham Forest considerava mais importante. Bem ao seu estilo, surpreendeu: nomeou a Copa Anglo-Escocesa de 1977. Um torneio obscuro, criado em 1975 e encerrado seis anos depois. Clough tinha uma explicação: “Foi nosso primeiro troféu, e você precisa aprender a ganhar. Vencer é um hábito”. Lionel Messi e a Argentina querem colocar isso em prática contra a Itália nesta quarta (1º) na primeira partida entre os campeões da Copa América e da Eurocopa, em Wembley, na Inglaterra. O confronto nasceu de um acordo entre Uefa e Conmebol recebeu o nome de “Finalissima”. Ter conseguido algo com a seleção depois de tantos verões tristes de fi-

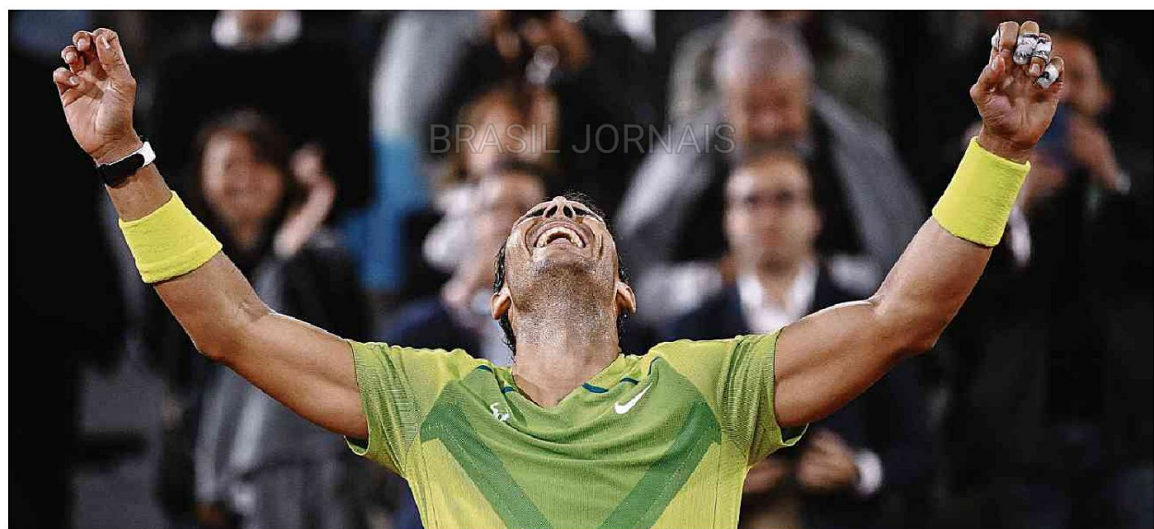
nais perdas... A felicidade foi completa”, disse Messi, em entrevista nesta semana para o canal argentino TyC. A Argentina conquistou um título em 2021 depois de 28 anos de espera. Levantou o troféu da Copa América no Maracanã ao derrotar a seleção brasileira por 1 a 0. Foi um alívio para o camisa 10, Di María e Otamendi, os representantes em campo da geração que se especializou em perder decisões. Havia sido derrotada nas finais da Copa do Mundo de 2014 e nos torneios continentais de 2015 e 2016. Sem entrar no mérito da importância de derrotar a Itália nesta quarta-feira, seria o segundo título em dois anos. E vencer é um hábito, como diria Clough. Ainda mais a seis meses do início da Copa do Mundo. Possivelmente o último Mundial de Messi. No próximo dia 24, ele completará 35 anos. A Argentina estará no Qatar em novembro. A Itália, vencedora da Eurocopa, não. Pela segunda vez consecutiva, o time caiu nas eliminatórias e em casa. Ao se lembrar disso, Messi disse ser “uma lou-

cura” a Azzurra estar ausente. Vai servir também para a equipe de Lionel Scaloni ter algo que o Brasil não conseguiu até agora: disputar partidas contra europeus na preparação para o Mundial. Depois da Itália, a Argentina vai enfrentar a Espanha. Nos meses que antecederam a Copa de 2018 também houve este confronto, que preunciou o caos que seria a campanha na Rússia da seleção então comandada por Jorge Sampaoli: 6 a 1 para os espanhóis. Tudo é bem diferente quatro anos depois. Lionel Scaloni, membro periférico da comissão de Sampaoli, assumiu o cargo de técnico de forma interina e estabilizou o barco. Conseguiu o que a Argentina não tem desde 2014, com Alejandro Sabella: um equilíbrio entre defesa e ataque e Lionel Messi feliz. Ele já havia dito no passado que seu período com Sabella havia sido o melhor com a camisa alviceleste. O 10 já foi comandado também por José Pekerman, Alfio Basile, Diego Maradona, Sergio Batista, Gerardo Martino, Edgardo Bauza e Jorge Sampaoli.



Lionel Messi treina no estádio Wembley, em Londres, antes da Finalissima contra a Itália na quarta-feira (1º) *Glyn Kirk/ATP*

A Argentina entra em campo nesta quarta com uma invencibilidade de 1.064 dias. São 31 jogos sem perder. A última derrota ocorreu em 2 de julho de 2019 para o Brasil, no Mineirão, na semifinal da Copa América. Um jogo de arbitragem contestada, em que Messi acusou a Conmebol de ter favorecido a seleção da casa. Desde 2002 a Argentina não chega tão bem, na questão moral, a uma Copa do Mundo. Não necessariamente é bom sinal. Aquela equipe do torneio na Coreia do Sul e no Japão, dirigida por Marcelo Bielsa, conseguiu a façanha de ser eliminada na fase de grupos, apesar de ter uma das melhores gerações da história do futebol no país. Mas o momento ao menos dá aos jogadores, à comissão técnica e ao astro maior do time a chance de trabalhar em paz antes da viagem a Doha em novembro. “Faz algum tempo que vejo as pessoas, a imprensa — que foi duríssima no passado —, falarem de outra maneira [da seleção], com mais respeito. Sentir esse respaldo é bonito. O que estamos vivendo neste grupo depois de haver ganhado a Copa América é bonito”, completou Messi, que ainda considera injustas as críticas à geração anterior, marcada pelas derrotas nas finais. Ele lembrou que “não só importa ganhar”. Mas a tranquilidade que comenara agora na seleção argentina mostra o contrário. Ainda mais quando se torna um hábito.



RAFAEL NADAL CHEGA ÀS SEMIFINAIS DE ROLAND GARROS COM VITÓRIA POR 3 SETS A 1 SOBRE NOVAK DJOKOVIC
Apelidado de “rei do saibro”, espanhol briga pelo 14º título no campeonato francês; compatriota Carlos Alcaraz, 19, foi eliminado pelo alemão Alexander Zverev *Anne-Christine Poujoulat/ATP*

O clássico e o rock’n’roll

Jogo cauteloso e tradicional do Real bateu o futebol ousado e explosivo do Liverpool

Tostão

Cronista esportivo, participou como jogador das Copas de 1966 e 1970. É formado em medicina

Na final da Liga dos Campeões da Europa, os ingressos falsos, o uso de gás lacrimogêneo pela polícia, a invasão de torcedores e os que ficaram fora, mesmo com ingressos, caracterizam uma péssima organização e a agressividade e a violência humana, que, às vezes, também se vê na América do Sul. Por outro lado, a recepção da multidão de torcedores do Liverpool, na volta do time à cidade, todos cantando “You’ll Never Walk Alone”, foi belíssima e emocionante, uma de-

monstração de reconhecimento, de delicadeza e de solidariedade coletiva. São as contradições humanas, presentes no Brasil e em todo o mundo. Em um jogo com tantos craques dos dois lados, a conquista do Real Madrid, desta vez sem gol na prorrogação, teve várias simbologias, que se reúnem em uma só, a de que ganhou o jogo mais cadenciado, mais seguro, mais cauteloso, mais calmo e mais tradicional, contra o futebol mais ousado, mais intenso, de mais riscos e

mais explosivo do Liverpool. O clássico venceu o rock’n’roll. A vitória não significa que o certo, a melhor maneira de jogar, seja sempre a filosofia do Real, dirigido por Ancelotti. Cada jogo tem uma história, variados detalhes, alguns surpreendentes. O caminho, o que já ocorre muitas vezes, são as equipes usarem as duas posturas em uma mesma partida, de acordo com o momento. O Fluminense, dirigido por Fernando Diniz, jogou assim no Fla-Flu. O time atacava e de-

fendia com muitos jogadores. Eu, que fiquei impressionado com o enorme talento de Vinicius Junior, que parecia ser um novo fenômeno mundial, quando ainda atuava nas categorias de base, passei a achar, depois dos dois primeiros anos no Real Madrid, que ele não se tornaria um grande jogador, pelo enorme número de erros técnicos que cometia, mesmo com incrível velocidade e habilidade. Hoje, festejo sua evolução, pois se tornou um jogador importante na seleção e no futebol mundial.

Vinicius Junior aprendeu a usar a velocidade e o drible no momento certo. Desenvolveu também as técnicas individual e coletiva e, lucidez, como no gol da vitória, quando correu no instante certo para evitar o impedimento. Ele aprendeu a unir o corpo e a mente, a rapidez e a inteligência nas pernas. Os treinadores que são mais tradicionais, experientes e têm sido questionados se não estariam ultrapassados, como Felipão, Mano Menezes e outros, devem ter ficado contentes com a vitória do Real de Ancelotti, do futebol mais clássico, habitual. Tite deve ter ficado feliz pela vitória de seu mestre e pelas presenças e atuações dos brasileiros. Casemiro, Vinicius Junior e Alisson são titulares da seleção. Também estão no grupo Fabinho e de Militão. Nesta quinta-feira (2), a se-

leção enfrenta a Coreia do Sul. Os que estiveram na final da Liga dos Campeões não começam a partida. A dupla de volantes será formada por Bruno Guimarães e Fred. Tite vai repetir a formação que enfrentou o Chile, com Neymar mais adiantado, com Paquetá próximo a ele, formando uma dupla de ataque, e com Richarlison pela esquerda, no lugar de Vinicius Junior, ou vai colocar Richarlison de centroavante, com Paquetá pela esquerda? Raphinha será o ponta pela direita. No caso de o Brasil não ser campeão do mundo, o que é mais provável, porque há vários concorrentes do mesmo nível, os comentários já estão prontos, os de que o time não enfrentou, nos amistosos, as melhores seleções da Europa, e que Hulk, Raphael Veiga e outros que atuam no Brasil não foram convocados.

A criptografia e os números primos de Sophie Germain

Francesa nasceu no século 18 e ganhou espaço num meio até então masculino

Marcelo Viana

Director-geral do Instituto de Matemática Pura e Aplicada, ganhador do Prêmio Louis D., do Institut de France

Sophie Germain descobriu a vocação para a matemática na adolescência, por meio dos livros de seu pai. A família desaprovava uma ocupação tão “imprópria” para uma moça de família na Paris do século 18, mas ela perseverou e acabou alcançando uma reputação entre os melhores

matemáticos do seu tempo.

A leitura do “Ensaio Sobre a Teoria dos Números”, publicado por Adrien-Marie Legendre em 1798, e das “Investigações Aritméticas” (“Disquisitiones Arithmeticae”), que Carl-Friedrich Gauss escreveu nesse mesmo ano e publicou em 1801, des-

pertou-lhe o gosto pela teoria dos números, que seria seu principal tema de pesquisa.

Seu trabalho mais conhecido diz respeito ao teorema de Fermat, segundo o qual a equação $x^n + y^n = z^n$ não tem soluções inteiras quando o expoente n é maior do que 2. Os resultados conhecidos tra-

tavam de valores específicos do expoente: $n=4$ (Fermat, 1670), $n=3$ (Euler, 1770) e $n=5$ (Legendre e Dirichlet, 1825).

Germain foi a primeira a tratar toda uma família de expoentes: ela provou que se n satisfaz certas condições — que valem para todos os inteiros menores do que cem — então

qualquer solução da equação tem de ser tal que algum dos números x , y ou z é múltiplo de n (primeiro caso do teorema de Fermat). Na verdade, esse era o primeiro passo de um plano ambicioso para provar o caso geral do teorema. Acabou não funcionando, mas o pioneirismo de Germain continua sendo impressionante.

As condições do teorema de Germain são automaticamente satisfeitas se o expoente n é um “primo de Germain”, ou seja, um número primo tal que $2n+1$ também é primo. A lista dos primos de Germain começa com 2, 3, 5, 11, 23, 29, 41, ... Uma questão intrigante é quantos existem: acredita-se que são em quantidade infinita, e até que há pelo menos $N/(\log N)^2$ primos de

Germain menores que um dado inteiro N qualquer. Mas ninguém ainda conseguiu provar esses fatos.

Os números da forma $2n+1$, com n sendo um primo de Germain, são chamados “primos seguros”, devido a uma aplicação prática que ela nunca poderia ter previsto.

Os principais métodos atuais de criptografia são baseados no fato de que, dado um produto pq de dois primos grandes, é difícil identificar os fatores p e q . Mas isso depende da escolha dos primos: por exemplo, se p é tal que $p-1$ pode ser fatorizado em primos pequenos, não é tão difícil quebrar a criptografia. Um jeito de evitar esse risco é usar p e q que sejam primos seguros.



OBSERVATÓRIO REGISTRA METEORO COM QUASE DEZ SEGUNDOS DE DURAÇÃO

Fenômeno foi visto no Rio Grande do Sul durante tempestade mais intensa desde 1833 Observatório Heller & Jung/Divulgação

NOVA CNH

Motoristas de todo o Brasil terão novo modelo de CNH (Carteira Nacional de Habilitação) a partir desta quarta-feira (1º) quando fizerem a renovação do documento ou forem habilitados pela primeira vez.

O novo documento permitirá que o condutor peça a impressão de nome social e filiação afetiva — quando os pais não são os biológicos, mas reconhecidos judicialmente —, se desejar.

A substituição não é obrigatória e ocorrerá gradualmente para novas habilitações. O documento poderá ser expedido no formato físico, digital ou ambos.

Foi incorporado um código internacional utilizado nos passaportes, que permite ao condutor embarcar em terminais de autoatendimento nos aeroportos brasileiros.

No verso, a nova CNH conta com uma tabela para identificar os tipos de veículos que o motorista pode dirigir e com informações sobre o exercício de atividade remunerada e possíveis restrições médicas.

Além do verde, será emitida também em cor amarela e tem novos elementos gráficos para dificultar a falsificação e fraudes.

A nova CNH mantém QR Code que armazena todas as informações contidas do documento, inclusive a fotografia, menos assinatura.

LÍNGUA AFIADA

O leão branco A Hang virou uma das principais atrações do zoológico de Guangzhou, na China, após suas fotos viralizarem nas redes sociais. Tudo por causa da franja reta que o animal está ostentando, que fez sucesso entre os internautas.

As madeixas do animal chamaram a atenção de um visitante, que publicou as imagens do felino no último sábado (28) originalmente no Little Red Book (Xiaohongshu), espécie de Instagram chinês. Desde então, foram reproduzidas à exaustão e ganharam destaque na imprensa.

Muitas pessoas comentaram que a juba do leão parecia ter sido estilizada pelos tratadores, e alguns lembraram que o bicho não estava assim quando visitaram o local. Porém, o zoológico negou ter mexido no pelo do animal em nota enviada à agência de notícias chinesa Guangdong.

Segundo a instituição, o leão foi responsável pelo “corte”. Isso porque os leões se limpam lambendo os pelos, o que pode causar mudanças de aparência em suas juba de tempos em tempos. A umidade também foi apontada como uma das culpas pelo novo “look” do animal.



A Hang, o leão branco de franja Reprodução/Little Red Book

HITS UIVANTES

A estreia da quarta temporada da série “Stranger Things”, na sexta-feira (27), lançou a cantora oitentista Kate Bush de volta ao topo das paradas, agora de streaming.

“Running Up That Hill”, do disco “Hounds of Love” (1985), chegou ao quarto lugar no ranking global do Spotify na terça (31), impulsionada por uma cena do primeiro episódio da produção da Netflix em que Max (Sadie Sink) caminha pelos corredores da escola ouvindo o hit em seu walkman.

A canção apareceu pela primeira vez no ranking Spotify Global na posição 106 e soma mais de 100 milhões de streams na plataforma. Ela ficou na frente, na terça, dos lançamentos de Harry Styles e Bad Bunny. Internautas afirmam que “Stranger Things” apresentou Kate Bush a eles, mas “Running Up That Hill” é veterana como trilha sonora de séries de época. Aparece em uma cena de “Pose”, produção de 2018 da HBO que se passa na caótica Nova York LGBTQIA+ de 1988, durante o auge da epidemia de Aids.

Bush é considerada um clássico cult. Seu single de estreia, “Wuthering Heights” (1977), faz referência ao romance homônimo de Emily Bronte.

ACERVO FOLHA

Há 100 anos 1º jun.1922

São Paulo ganha teatro moderno com abertura do Braz-Polytheama

O teatro Braz-Polytheama será inaugurado nesta sexta-feira (2) na avenida Celso Garcia, no bairro do Brás, em São Paulo, com instalações modernas e com todas as condições de higiene e conforto. Ele talvez seja o mais amplo da capital. Para a abertura, foi contratada a companhia Lea Candini, que apresentará a ópera do compositor Emmerich Kálmán

“A Princesa das Czardas”.

Esse espetáculo ainda não tinha sido levado ao público dos teatros do bairro do Brás.

A Lea Candini vem de uma brilhante temporada no teatro Espérita, onde se despede nesta quinta-feira como opereta “A Viúva Alegre”, do compositor Franz Lehár.

LEIA MAIS EM acervo.folha.com.br



A dama do musical

Centenário de Bibi Ferreira inspira nova biografia e peça que mostram como ela trouxe a Broadway ao país

BRASIL JORNAIS

Bibi Ferreira no desfile da Viradouro, no Carnaval de 2003

Leonardo Aversa/Agência O Globo

Marina Lourenço

SÃO PAULO Um pouco antes de deixar o camarim para entrar no palco, Bibi Ferreira sempre bebia um golinho de café misturado com manteiga. Era para limpar a voz, dizia ela, que, em dias de apresentação, quase não trocava palavras com ninguém.

Isso porque, por trás da pompa glamorosa de estrela, Bibi era cheia de inseguranças e tentava diminuir o nervosismo, criando alguns ritu-

ais. É o que mostra "Bibi Ferreira: A Saga de uma Diva", livro de Jalusa Barcellos, lançado nesta quarta-feira, data em que a artista faria cem anos.

Com um nome que provavelmente irritaria a atriz, que com frequência pedia às pessoas que não a chamassem de "diva"—o termo, segundo ela, combinava só com as "cantoras de ópera"—, a biografia narra a trajetória de Bibi a partir de relatos íntimos que ela mesma deu à autora antes de morrer, no início de 2019, e

mais de cem entrevistas com familiares, amigos e colegas de trabalho da carioca.

Amiga próxima de Bibi e a atriz com quem ela mais contracenou, Barcellos traz ainda as próprias lembranças dos 40 anos vividos ao seu lado e detalha cada uma das fases da artista, que, nos seus mais de 90 anos de carreira, foi não só atriz, como também bailarina, diretora, cantora, compositora, instrumentista, pintora e apresentadora de televisão. O status de diva, porém,

“

É difícil rotular Bibi Ferreira. Ela fez de tudo. Nasceu consagrada

Jalusa Barcellos
atriz, escritora
e biógrafa de
Bibi Ferreira

veio mesmo dos musicais que encenou e dirigiu, já que foi ela quem importou o estilo Broadway à cena teatral brasileira, a partir dos anos 1960. "Bibi dizia que, na verdade, pensou que não daria certo trazer essa ideia de um ator cantando no meio dos textos", conta Flávio Mendes, maestro que trabalhou com ela durante 15 anos. "Porque até então o que tínhamos [de mais próximo ao modelo de musical americano] era bem diferente, o teatro de revista."

Nesse formato, que também é conhecido como teatro musicalizado, atores cantam e dançam em esquetes de paródias, quase sempre cômicas e espalhafatosas. São números artísticos dispersos que se entrelaçam num palco, mas não contam uma história unificada. O grande recio de Bibi ao importar o estilo americano ao Brasil, afirma Barcellos, era o de que a cantoria à la Broadway soasse um tanto engessada para o público brasileiro. *Continua na pág. C2*

ilustrada

MÔNICA BERGAMO

monica.bergamo@grupofolha.com.br

PASSO
ADIANTE

O Ministério Público do Trabalho ajuizou uma ação civil pública contra a TV Globo por causa das denúncias de assédio sexual que envolveram o ex-diretor do departamento de humor da emissora Marcius Melhem. A empresa terá que responder por suposta omissão em relação às denúncias.

PASSO 2 Treze artistas, entre atrizes, e roteiristas do núcleo de humor da Globo, participaram da denúncia coletiva que deu origem a uma investigação no Ministério Público do Trabalho (MPT). Depois de colher depoimentos, o inquérito foi encerrado e deu origem à ação agora apresentada ao Tribunal Regional do Trabalho da 1ª Região.

PASSO 3 O caso corre em segredo de Justiça. A TV Globo afirma desconhecer a ação. E diz que não comenta processos que estejam sob julgamento. O MPT também não quis se manifestar.

LINHA... A primeira denúncia contra Melhem foi feita pela atriz Dani Calabrese, em 2019. Mas foi mantida em segredo.

... DO TEMPO No ano seguinte, a advogada Mayra Cotta, representando 12 pessoas, afirmou à coluna que Melhem tinha agido de forma violenta contra as atrizes e relatou a série de denúncias que existiam contra ele.

DEMORA No ato de instauração do inquérito, o MPT cita o fato de as atrizes se mostrarem "desanimadas com a postura da empresa [Globo]", que ainda se mostra de certa forma conivente ao demorar em tomar providências contra esse tipo de assédio moral e sexual.

SALTO O governo de São Paulo já se prepara para um salto no número de mortes por Covid-19 no estado. O número de pacientes internados em UTIs sobe a um ritmo de 3,4% a cada dia. Em duas semanas, os doentes sob cuidados intensivos passaram de 479 para 767.

SALTO 2 Os pacientes em enfermarias passaram de 1.029 para 1.817.

SALTO 3 A letalidade entre pacientes hospitalizados em São Paulo gira hoje em torno de 14%. O que significa que provavelmente cerca de 360 pessoas podem não sobreviver à doença.

SALTO 4 A velocidade de disseminação do coronavírus no estado levou o comitê científico que assessora o governador Rodrigo Garcia (PSDB) a recomendar novamente o uso de máscaras em ambientes fechados em SP.

NA REDE O ex-governador do Rio de Janeiro Anthony Garotinho (União Brasil) se diz surpreso com a repercussão de um vídeo seu que ganhou as redes sociais e grupos de WhatsApp nesta semana. Ele aparece fazendo diferentes poses — segurando um halter e jogando xadrez, por exemplo.

MOVIMENTO Garotinho afirma ainda não saber se fará novos vídeos ao estilo tiktok. "Amanhã vou pedir para fazer um monitoramento. Nem tudo o que viraliza é bom".

É PIQUE!



Fotos Greg Salibian/Folhapress



A atriz **Martha Nowill** compareceu ao coquetel que celebrou o aniversário de um ano da editora **Fósforo**, realizado na semana passada, em São Paulo. A escritora **Bianca Santana** e a diretora de teatro **Mika Lins** também estiveram lá

QUILOMBO A Coalizão Negra por Direitos se prepara para lançar, no dia 6 de junho, mais de 50 pré-candidaturas para o Congresso Nacional e para assembleias estaduais ligadas ao movimento negro. A iniciativa, nomeada como Quilombo nos Parlamentares, é suprapartidária e reúne filiados de partidos como PT, PSOL, PC do B, PSB, PDT e Rede. Seu lançamento será realizado na Ocupação 9 de Julho, na capital paulista.

OLHOSABERTOS O governo de São Paulo reunirá 50 médicos e especialistas para formar o Conselho Superior de Combate às Doenças Infecciosas, colegiado que terá como tarefa formular estratégias para o enfrentamento de novas epidemias e pandemias no estado.

PELOTÃO O comitê, que teve sua primeira reunião nesta terça (31), terá coordenação do infectologista e secretário de Ciência, Pesquisa e Desenvolvimento em Saúde, David Uip.

PELOTÃO 2 Entre os integrantes do colegiado estão nomes como a cientista Natalia Pasternak, o oncologista Paulo Hoff, os médicos Sidney Klajner e Claudio Lottenberg e os professores Dimas Covas e Marco Antonio Zago.

PASSARELA A atriz Alice Braga vai participar pela primeira vez de um desfile na São Paulo Fashion Week. Ela, que mora nos Estados Unidos, vem ao Brasil para apresentar, no sábado (4), a coleção que a marca Neragi desenvolveu em parceria com a cerveja Stella Artois.

BATUTA O pianista Benjamin Taubkin vai se apresentar no dia 26 de junho no Cinecine. No show, haverá projeção de filmes com trilha sonora composta pelo músico. O evento faz parte da 14ª edição do In-Edit Brasil, que ocorrerá do dia 15 ao 26 do próximo mês.

A dama
do musical

Continuação da pág. C1

Diante disso, ela tentou conciliar estéticas. Não abandonou completamente o teatro de revista e buscou também extrair dele aquilo que considerava ser uma naturalidade musical — além de recursos de cenário e figurino já usados nas peças do gênero —, misturando o novo estilo à fórmula dos roteiros narrados.

Mas, antes mesmo de começar a realmente encabeçar o filão de musicais nacionais, a carioca, que se dizia fã

da Broadway desde os 13 anos de idade, já vinha apostando em montagens de revista chamativas. Exemplo disso é "Escândalos 1950", espetáculo que Bibi ajudou a produzir e em que foi uma das vedetes, conquistando a atenção do público e da crítica — chegaram a dizer que a obra ia além do conceito de teatro musicado. Jalusa Barcellos diz que a atriz, embora gostasse de trabalhar em esquetes, já sentia, naquela época, um enorme desejo de cantar, o que fez com

que ousasse cada vez mais e fosse parar no filão embrionário dos musicais nacionais.

Como musical não é um gênero barato — e Bibi torcia o nariz para montagens modestas —, a atriz chegou a se endividar algumas vezes, com os empréstimos que fazia. Foi só com a fama mais consolidada que ela conseguiu fazer investimentos menos apertados.

A relação de Bibi com a Broadway, contudo, não se resume à importação do estilo. *Continua na pág. C3.*

Ricky Gervais prefere arriscar ser cancelado
a desviar das piadas que cutucam as feridas

OPINIÃO

Teté Ribeiro

Ricky Gervais é um gênio da comédia. E essa não é só uma opinião baseada no número de risadas que o comediante, diretor e ator britânico já provocou nesta reportagem.

Feioso, esquisito e meio malvado, ele tem um senso de humor peculiar, que a esta altura a maioria já sabe se gosta ou não, seja porque assistiram às séries de TV que ele criou e protagonizou, seja porque o viraram em uma das incríveis cinco vezes em que apresentou o Globo de Ouro.

Apaixonado por situações constrangedoras, Gervais agredia estrelas de Hollywood na plateia, falava palavrões à solta e tirava sarro do próprio Globo de Ouro, que desde então caiu em desgraça por se revelar o que ele criticava nas apresentações — o grupo de jornalistas que organiza o prêmio é acusado de corrupção e de ser bajulador. Suas séries são cheias de cenas que fazem o público se encolher no sofá, de tanta vergonha, mas também de passagens inesquecíveis. Além disso, nenhum assunto é proibido para ele, nenhum ponto de vista, por mais politicamente incorreto que possa ser.

Provocar tanto risos quando críticas sempre fez parte do DNA de tudo que o comediante apresentou ao público. "A ofensa é o dano colateral da liberdade de expressão", resumiu ele, numa entrevista.

Mesmo assim, Ricky Gervais, aos 60 anos, é um dos comediantes mais populares do século 21, considerando o inventar da nova sitcom, salvando esse tipo de série da extinção.

A que cimentou seu nome como um dos grandes dos nossos tempos estreou em 2001. Era "The Office", em que interpretava um vendedor muito sem graça que sonha em ser uma estrela do rock. A série ganhou uma versão americana com Steve Carell. Depois veio "Extras", de 2005 a 2007, que tratava do mundo dos atores de segunda linha, com participação de estrelas de primeiro escalão.

É a brilhante "After Life", que estreou em 2019, conta a história de Tony, um jornalista de uma cidade pequena que fica vivo e se transforma em uma pessoa incorsequente. É certamente o personagem que mais se parece com o Gervais real.

Agora ele apresenta, na Netflix, um especial de stand-up que estreou em 2019 e voltou neste ano. É "SuperNature", ou supernatureza. Gervais diz que vai falar sobre sua certeza de que não há nada além desses 80 ou 90 anos que cada pessoa tem para viver. Não há Deus nem alma ou reencarnação.

De fato, essa é a parte mais inspirada. Mas a comédia stand-up está passando por um momento complicado. Parece que o público não vê mais esse tipo de espetáculo com tanta vontade de se divertir quanto de se ofender.

Ele fala sobre isso, sobre como a cultura "woke" teria bolido travas imaginárias em todo mundo, e o cancelamento virou uma coisa corriqueira. E de como qualquer frase ou atitude pode ser mal interpretada, com direito a grita nas redes sociais, entre outras consequências graves. E de como parece que as pessoas estão prontas para rir de qualquer coisa, menos delas mesmas.

Aí, ele faz todas as piadas possíveis com os temas que mais deram problema nos últimos tempos. Pedofilia, assédio sexual, obesidade, deficiência, nanismo, Hitler, está tudo em "SuperNature". Mas não só. Ele sabe o que vai causar a polêmica e não desvia do tema — piadas com pessoas trans. Gervais revela que apoia o direito das pessoas trans, tema comum em shows de stand-up desde que o americano Dave Chappelle foi acusado de ser transfóbico, no ano passado. Mas, assim como Chappelle, Gervais dedica seu repertório ao tema. É muito engraçado de tão evidente que fica o quanto ele não resiste à tentação de ser cancelado.

Continuação da pág. C2

Aos 94 anos, a atriz apresentou "4X Bibi", no Symphony Space, em Nova York. Na época do espetáculo, o jornal The New York Times a definiu para os americanos como "a grande dama do teatro brasileiro". "É difícil rotular Bibi. Ela fez de tudo. Nasceu consagrada", diz Barcellos, em referência à inusitada trajetória da atriz, que, com só 24 dias de vida, já estava num palco, substituindo uma boneca, que sua madrinha carregava para en-

cenar a peça "Manhãs de Sol". Com três anos, Bibi estreou como dançarina em Santiago, numa companhia de revista e, aos quatro, entrou para o corpo de baile do Teatro Municipal do Rio de Janeiro, onde ficou até os seus 14 anos. Contudo, ao contrário do que muitos podem pensar, ressalta Barcellos, Bibi não tinha memórias muito carinhosas da infância e dizia ter sido uma criança infeliz, excessivamente pressionada pela mãe. Foi ao lado do pai, o drama-

turgo e ator Procópio Ferreira, que Bibi realmente oficializou sua vida profissional, com o espetáculo "Inimigo das Mulheres", em 1941. Três anos depois, fundou uma companhia de teatro, em que impulsionou a carreira de atores como Sérgio Cardoso, Cacilda Becker e Maria Della Costa. Além deles, outros nomes teatrais foram influenciados por Bibi. "Quando eu tinha oito anos, minha avó me levou para ver 'Alô Dolly' e fiquei encantado com a estrutura da

peça. Foi naquele momento que decidi o que gostaria de fazer na vida", conta Miguel Falabella, que comandou superproduções como "Hebe - O Musical" e "Donna Summer" — esta em cartaz, no Auditório Ibirapuera, em São Paulo. A ideia de que o Brasil poderia, sim, ser palco de musicais de alto padrão foi plantada por Bibi há 60 anos, com "My Fair Lady". "Antes, existia uma lenda de que musicais jamais dariam certo por aqui. Diziam que não tínhamos capacidade

de produção e acabamento", afirma Charles Möeller, diretor de espetáculos como "Nine - Um Musical Felliniano" e "Cinderella". "Realmente, havia muitas dificuldades, mas Bibi abriu o caminho". Ainda que o setor tenha passado por grandes mudanças, não é como se visse agora um mar de rosas, ressalta Amanda Acosta, que interpreta a carioca em "Bibi, Uma Vida em Musical", que reestrea nesta sexta-feira, no teatro Riachuelo, no Rio de Janeiro.

"Continuamos vivendo num país que não investe em musicais", critica a atriz. "Não faltam profissionais, mas falta muito incentivo público."

Bibi, Uma Vida em Musical

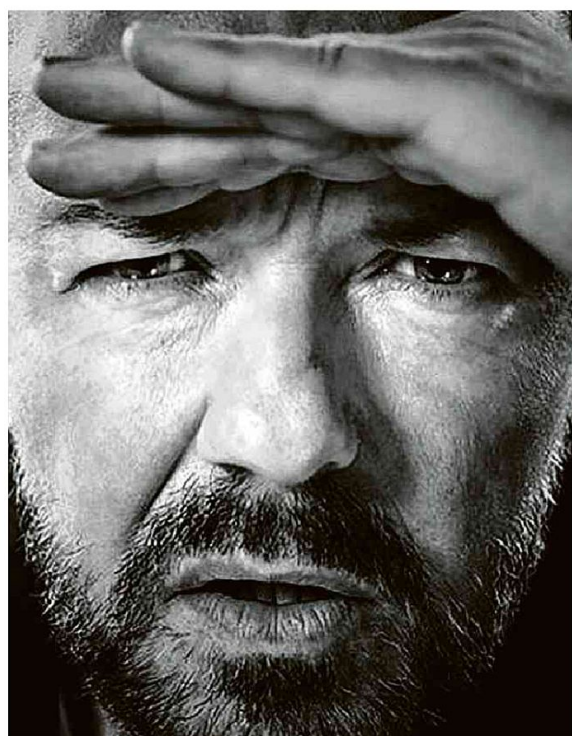
Direção: Tadeu Aguiar. Com: Amanda Acosta. Teatro Riachuelo - r. do Passeio, 36, Rio de Janeiro. Sex., às 20h, sáb., às 16h e 20h30, e dom., às 18h. De 3 de junho a 31 de julho. De R\$30 a R\$ 120. 10 anos

Bibi Ferreira, A Saga de Uma Diva

Autora: Jalusa Barcellos. Ed: Batel Lançamento em 1º de junho. Grátis



A atriz Bibi Ferreira posa para retrato no antigo hotel Maksoud Plaza, em São Paulo Leticia Moreira/Folhapress



O humorista britânico Ricky Gervais Instagram/Reprodução

Piadas sobre comunidade trans são só isso, piadas, num mar de outros tabus polêmicos

OPINIÃO

Jão Bubiz

Homem em transição, é humorista e roteirista

É estranho voltar a este jornal para falar sobre mais um especial de comédia produzido pela Netflix, por outro grande astro da comédia mundial — minha última colaboração foi sobre o caso do humorista Dave Chappelle, acusado de fazer piadas transfóbicas pela comunidade LGBTQIA+ americana.

Ricky Gervais é um comediante e ator britânico, conhecido por seu humor ácido e provocativo e cujas piadas são mesmo um grande astro, ou alguém que sabe do que está falando, consegue sustentar no palco. Ele está dando o que falar com seu último especial por fazer piadas com pessoas transgênero. A comunidade LGBTQIA+ tachou as piadas do humorista de transfóbicas e organizou um grande movimento de "cancelamento".

Em algum momento, acreditei que essas piadas poderiam ser apenas uma forma de chamar a atenção, já que o próprio Gervais ressaltou que o especial "SuperNatureza" seria o seu último. Mas qual seria o intuito de alguém tão renomado ir por esse caminho? Creio que provocar.

Em contrapartida — e mais uma vez, esta é a minha opinião —, acho uma bobagem

levar essas piadas ao pé da letra. Estamos falando de um stand-up. Me surpreenderia caso o que ele fala fosse dito de uma forma intolerante e sem critério. Porém, ele emenda cada uma das piadas com o quanto estamos fadados a achar que tudo deve ser cancelado.

Em momento algum o ódio transparece em suas palavras, mas sim a ironia desse "novo" universo. Pelo contrário — "falo sobre fome, câncer, estupro, pedofilia, mas a única coisa que não se deve brincar é a política de identidade de gênero", ele discursa a certa altura. Depois afirma com todas as letras que é a favor dos direitos da comunidade transgênero.

Estamos vivendo num mundo em que teremos homens com vagina e mulheres com pênis. Seria no mínimo estranho que a comunidade LGBTQIA+ se prendesse ao cancelamento de humoristas por piadas sobre isso, ao passo que outros assuntos tabus são abordados no mesmo show.

A comédia já é um misto do que é engraçado e do que pode vir a se tornar, mas até que ponto piadas sobre a pauta trans são entendidas como algo "politicamente incorreto"? Tenho algumas ressalvas sobre esse tema específico.

No show, que dura cerca de uma hora e 20 minutos, Ricky Gervais ainda fa-

la sobre Aids, mulçumanos e outros temas tabus de maneira irônica e um tanto quanto polêmica. Mas segue levantando temas cotidianos, como sua relação com seus gatos e namoros, enfatizando o quanto está chata a dita militância e o fato de que minoria nada mais é do que cada um, com sua visão particular — ele mesmo se intitula minoria, parte do 1% dos homens brancos, heteros e multimilionários do mundo.

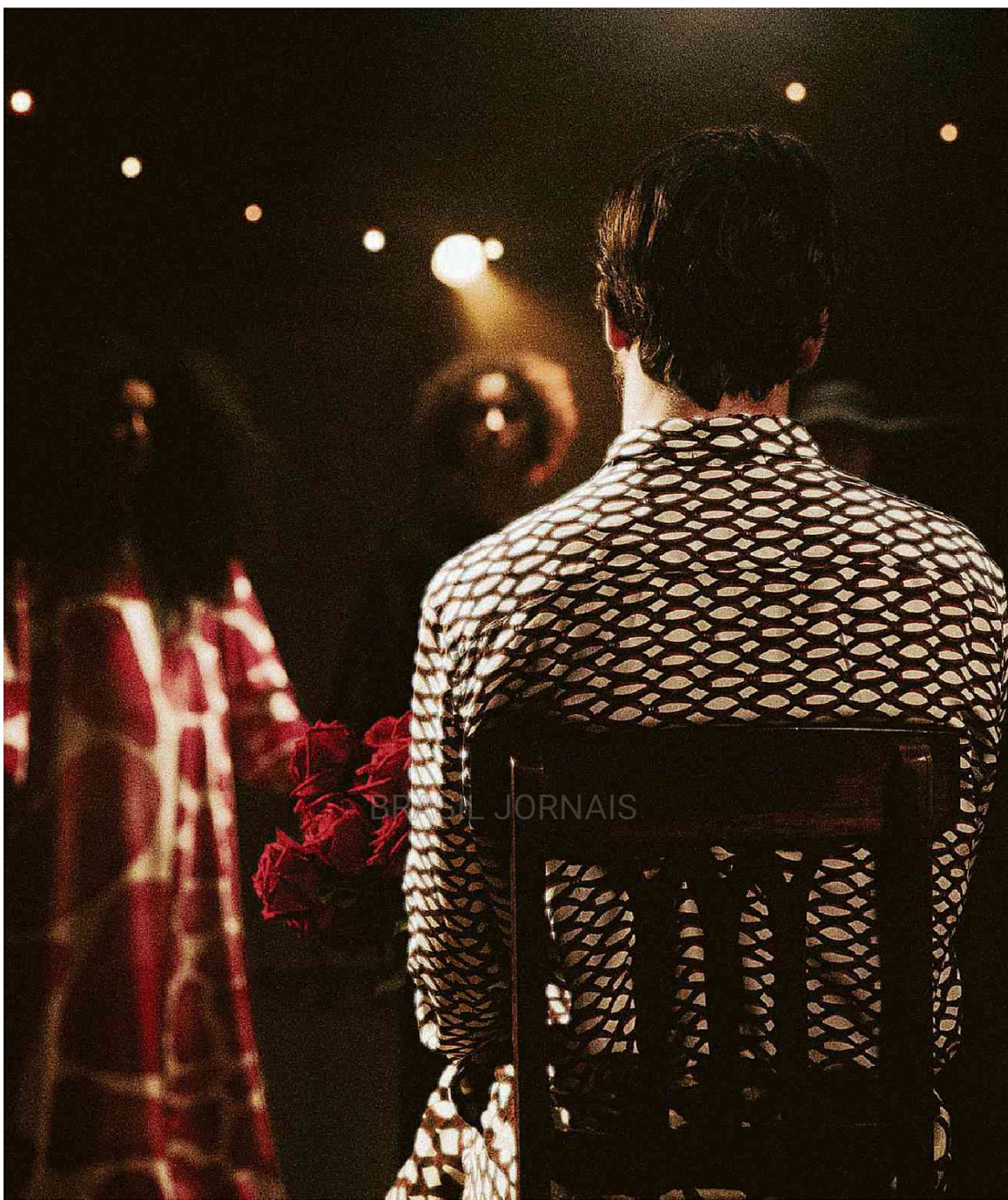
Como comediante de stand-up, entendo tudo que ele fala, e a maneira como fala. Entendo o seu humor também. Porém, dentro da comunidade LGBTQIA+, ainda existe um certo receio de como abordar esses assuntos sem parecer ofensivo e grosseiro. Tanto é que, ao final do especial, ele reforça o apoio que dá à causa trans e a toda a comunidade.

Talvez eu esteja consumindo muita comédia cis e hetero. Mas talvez esteja entendendo apenas que as piadas de Gervais são só isso, piadas. E podem ser interpretadas de todas as formas e maneiras possíveis, desde que proponham ao único exclusivo objetivo — a graça, a risada e o divertimento. Fora disso, são apenas ofensas.

Ricky Gervais: SuperNatureza

EUA/Reino Unido, 2022. Dir.: John L. Spencer. Com: Ricky Gervais. 16 anos. Disponível na Netflix

ilustrada são paulo fashion week



Cena do filme da coleção 'Atelier', da grife Handred, do estilista André Namitala. Marcos Sabah/Divulgação

SPFW ecoa país dividido em evento sem grifes poderosas ou patrocínios graúdos

Semana de moda chega à 53ª edição espelhando conjuntura de crise fora dos espaços tradicionais

Pedro Diniz

SÃO PAULO Foram semanas de incertezas para as 22 marcas que prometem subir às duas passarelas montadas na 53ª São Paulo Fashion Week, que começou nesta terça-feira e se estende até o sábado. Pela primeira vez, a semana de moda terá dois endereços fixos, o prédio do Senac Lapa, na zona oeste, e o galpão Komplexo Tempo, na Mooca, na zona leste. Até duas semanas atrás, porém, ninguém sabia se as luzes seriam acesas. Retrato da crise financeira que afugentou patrocinadores graúdos e grifes com poder de

difusão, hoje mais interessadas em manter a saúde financeira do que desfilarem, a temporada foi uma verdadeira "tour de force" para a organização. Grifes e estilistas ouvidos em condição de anonimato pela reportagem dizem que há pouco mais de um mês a edição poderia ser toda digital, inviável para algumas delas, e as datas, embora aventadas antes, não estavam confirmadas até três semanas atrás. O diretor criativo Paulo Borges e sua equipe lidaram ainda com o fim do contrato com um de seus principais patrocinadores, o banco Santander, a impossibilidade de alugar es-

paço em sua "casa" costumaz, o parque Ibirapuera, e a falta do incentivo por meio da Lei Rouanet, que havia facilitado a busca de patrocínio dos últimos dois festivais SPFW. Ao todo, a IMM Participações, que controla o evento, teria disponíveis para este ano, segundo Borges, R\$ 15 milhões para dividir em cada um dos dois eventos anuais. Cerca de um terço do valor foi usado para levantar a temporada que se inicia. O cenário de incertezas e um calendário majoritariamente formado por grifes minúsculas, parte sem ponto de venda físico ainda que criati-

vamente relevantes, remonta ao final dos 1990, época do Phytoervas Fashion que serviu de embrião para a SPFW. "Estamos num momento de experimentações. Provavelmente, voltaremos ao Ibirapuera [em novembro, na segunda edição do ano]. Mas nosso desejo de ocupação não é de hoje. A pandemia diminuiu o pulso do que queremos fazer, porque minha ideia de festival é muito maior do que o que está acontecendo, mas temos de nos adequar", afirma Borges. Essa realidade incluiria lidar com a montanha-russa de casos de Covid-19 que ameaçam a segurança de eventos gran-

diosos e que, por isso, até consideraram fazer digitalmente as edições e diminuir o espaço destinado aos desfiles. Borges garante, porém, que o formato híbrido de hoje, que nesta edição compreende 19 desfiles digitais em formato de filme, deve permanecer. Um deles é o da grife baiana Dendzeiro, que, saída da Casa de Criadores, estreia no calendário com um filme a ser exibido no final da tarde desta quarta. Os estilistas Hisan Silva e Pedro Batalha são nomes quentes do novo cenário da moda nacional e agradam ao público jovem com coleções de rigor estético.

Um ingrediente já visto em 2019 ganhará destaque agora. Nomes como o Misci, Handred e Isaac Silva, etiquetas de sucesso criativo e comercial da nova geração, prometem aumentar o volume político das apresentações com temas que discorrem sobre o ambiente polarizado deste ano eleitoral. Como parte das comemorações de seus dez anos de marca, o carioca André Namitala mostrará uma coleção em que as roupas são todas vermelhas, referência objetiva à sua posição na esquerda do espectro político. "É uma cartela política, sim. Além de uma comemoração, também se refere ao momento de hoje, passion, num ano que, se Deus quiser, haverá uma mudança de governo", afirma o estilista. Já com o filme "Atelier", ele homenageará o ato de costurar e cortar uma roupa. O vídeo explora por meio da dança um momento de festa antecipada ao pleito presidencial. "Ter uma marca, hoje, é um ato político", resume Namitala. *Continua na pág. C5*



Da esquerda para a direita, José Gil, João Gil e Francisco Gil, respectivamente filho e netos de Gilberto Gil, que formam a banda Gilsons Divulgação

Gilsons, trio com filho e netos de Gilberto Gil, cantam utopia do amor e do 'Lula Lá'

Grupo, que participou do novo clipe de jingle do PT, mescla juventude e tributo familiar em álbum

Claudio Leal

SALVADOR A banda silenciosa. Na Concha Acústica do teatro Castro Alves, em Salvador, milhares de jovens substituíram as vozes do trio Gilsons em "Várias Queixas", a música do bloco afro-baiano Olodum transformada em hit por José Gil, de 30 anos, Francisco Gil, 27, e João Gil, 31. "Várias queixas de você? Por que fez isso comigo? Estamos juntos e misturados? Meu bem, quero ser seu namorado."

No Spotify, a canção se apro-

xima da marca de 60 milhões de reproduções. Na Concha, uma amostra desse público se revela nas vozes que entoam a maioria das canções de "Pra Gente Acordar", primeiro álbum do trio, que lançou o EP "Várias Queixas" em 2019. No camarim, a meia hora de entrarem no palco, os três cariocas estavam agitados com o primeiro show pós-quarentena numa das duas cidades essenciais à sua formação. "Muito do nosso crescer, da nossa convivência e do conhecimento da música veio de pas-

sar verões e Carnavais em Salvador. José sempre fala da sensação de ver a Timbalada e o Olodum passarem", disse João. À sua frente, José reforçou que "Rio de Janeiro formaram a gente como ser humano". José, João e Francisco são, respectivamente, filho e netos do compositor Gilberto Gil. O trio nasceu de um show a princípio só de José, no Dumont Arte Bar, no bairro carioca da Gávea, em 2018. Sem repertório para encerrar sozinho o convite, ele convocou seus sobrinhos. Sobri-

nhos, mas de idades próximas à sua. No WhatsApp dos Gil, à medida que os vídeos eram compartilhados, a cantora Preta Gil, mãe de Francisco, defendia a continuação do projeto e insistia no batismo "Gilsons". A palavra porta o sobrenome do clã e os plurais de som, em português, e filhos, em inglês. Era um achado, mas os rapazes não ficaram convencidos. "A gente não gostava de associar o nome Gil a um início de trabalho, sem uma identidade construída. Hoje, a gente já olha com uma identi-

dade construída, que difere de seu Gilberto. Temos tranquilidade para falar Gilsons", disse José, produtor musical do disco. "Tem muita gente que conhece o Gilsons e não associa", garantiu João. No álbum "Pra Gente Acordar", o conjunto de canções envolve amores juvenis, coragem de cair no mundo, evocação idílica em "Voltar à Bahia", de Francisco e Clara Buarque, e tributo familiar em "Bela", dedicada por João à sua avó Belina Aguiar, professora de redação e primeira mulher

de Gilberto Gil, assim descrita "vento forte/ fortaleza/ das palavras/ traz riqueza/ sua estrela brilha a (me) guiar".

A faixa-título "Pra Gente Acordar", observa o letrista Carlos Rennó na apresentação do disco, espalha "uma mensagem auspiciosa de confiança numa nova manhã e celebrar as coisas principais que suas canções transmitem e que são recorrentes nos versos, o amor e a luz; as viagens os encontros; enfim, o mundo — a se conquistar pelo amor, a que se entregar sem medo".

"A gente tem uma interseção grande na semântica das letras. Todos escrevem sobre amor. E também no lugar rítmico, na questão da música, com os timbres eletrônicos modernos, os elementos da MPB, o violão de nylon muito presente, os tambores tradicionais da Bahia, a percussão afro-baiana", avaliou José.

A convite do Rock in Rio, os Gilsons vão se apresentar no palco Sunset, em 10 de setembro. No show, os três alternam guitarra, violão e baixo, fazendo pequenas intervenções na percussão. Há um momento em que a sonoridade do bloco Filhos de Gandhi pulsa no agogô trazido por José.

Associando utopias amorosas ao desejo de mudança política no país, o trio decidiu participar do clipe da nova versão de "Lula Lá", jingle do ex-presidente e pré-candidato do PT à presidência. "A canção 'Pra Gente Acordar' nasceu dentro de um contexto político, de olhar um novo amanhã sem medo de ser e de amar. É contra essa crença no ódio, na opressão", disse Francisco.

"Love Love", "Proposta" e "O Dia Nasceu" são outros hits emplacados pelos Gilsons em pouco tempo de trajetória. "Se quer saber/ Quero te ver/ Fico a noite inteira pensando em você/ É muito louco esse nosso lance/ Vou te dizer/ Foi 'di fude' / Ficou na minha mente, não dá pra esquecer", cantam na sexualizada "Proposta".

"Como tem músicas com parcerias, há muito da voz dos próprios parceiros, como é a Julia Mestre, o Léo Mucuri, a Maria Pinkusfeld e Carlos Rennó. A canetada da música 'Dê' é toda do Rennó. O disco tem tudo que é nosso, mas agrega todo esse lance dos parceiros", reconheceu João.

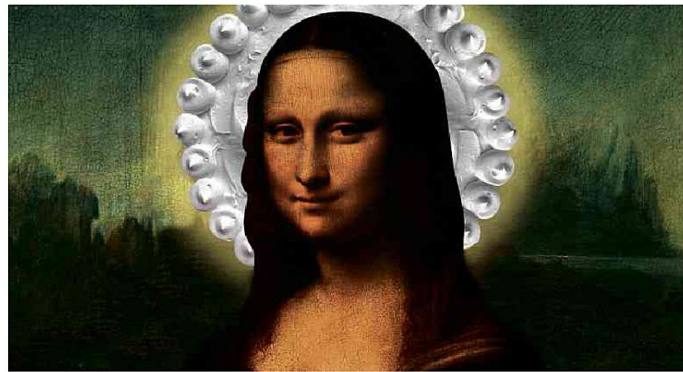
Composta por Germano Meneghel, Afro Jhow e Narcizinho Santos, "Várias Queixas" esteve no roteiro do primeiro show dos Gilsons. Ao ser gravada, a canção se tornou um fenômeno. "Para mim, já estava tudo ali", disse João, sobre a gravação original do Olodum, de dez anos atrás.

José acrescentou que a pulsão do Olodum costuma ser mais tranquila que a da Timbalada, mas, no Carnaval, "Várias Queixas" aparecia numa levada de timbaleiros.

"A gente captou uma energia, uma pulsão que se coloca dentro da identidade do Olodum, dos tambores", completou Francisco. "Essa música virou um lado B de show do Olodum. Era menos conhecida até para quem é do Pelourinho. Ela chegou a ir para o Carnaval, tinha força. Ela veio de um lugar assim de compreender a sonoridade da Bahia. Moreno Velloso fez isso com 'Deusa do Amor'".

Na turnê do novo álbum, depois de dois anos entre apartamentos e um sítio na serra fluminense, o trio pode olhar de frente os seguidores conquistados no mundo virtual. "A pandemia foi acumulando como uma rede de arasto, de pesca. Foi juntando o público que não podia estar com a gente. Quando abriu a porteira, o pessoal está vindo conhecer", disse José, a poucos minutos de deixar o camarim com João e Francisco.

Nessa noite, eles iriam se despedir do palco com um samba de cores baianas da carioca Dona Ivone Lara, em mais um elo entre Rio e Salvador, as duas cidades dos sons dos Gil — "alguém me avisou/ pra pisar nesse chão devagarinho".



André Stafarnini

Ideia na cabeça, torta na mão

Atentado contra a 'Mona Lisa' expressa um tipo especial de desespero

Marcelo Coelho

Autor dos romances 'Tantando com Melvin' e 'Noturno', é mestre em sociologia pela USP

Pobre "Mona Lisa"! Era para ser só um quadro, mas virou uma espécie de mito. Acaba com isso atendendo a infinitas funções — entre elas a de ser dessacralizada, vandalizada, "desmitificada". Quem vai ao Louvre para vê-la de perto costuma se decepcionar: uma pintura pequena, cercada de centenas de cabeças que, todas, se perguntam o que vieram fazer ali. Talvez a resposta esteja com o maluco que jogou uma

torta nela, no domingo passado. É como se, mais uma vez, ele estivesse dizendo: "Parem de cultuar esse quadro! O que é que ele tem de mais?". Pior que isso, ele poderia pensar: "Se é para ficar horas numa fila, só para ver uma pintura sem saber por quê, o melhor seria chegar aqui com um propósito definido: uma ideia na cabeça e uma torta na mão". O alegado motivo do ataque não convence. Nada do

que o sujeito fez contribui para alertar o mundo sobre o aquecimento global. A "Mona Lisa" é um ímã de significados: absorve qualquer outra mensagem, e o vândalo conseguiu, no máximo, chamar a atenção para si mesmo, para seu gesto. Seria até melhor jogar a torta e pronto, sem pretexto nenhum. O ato faria parte de uma longa tradição. Antes do bicho-dinho que Duchamp acrescentou ao quadro, em 1919, Eugène Bataille (1853-1891) desenhou a "Mona Lisa" fumando cachimbo. Houve também um roubo sensacional, com o desaparecimento do quadro por dois anos, e atentados com ácido, spray, xicara de chá e pedrada. Nem falo das "apropriações" e paródias, que vão de Andy Warhol a Mauricio de Sousa. Por que a "Mona Lisa"? Claro que é um quadro muito bonito. Mas há inu-

meros outros. Talvez o que o torne mais raro, não sei se único, é o fato de que sua grande qualidade não está acompanhada de muito contexto, de muita explicação. As velhas obras-primas costumavam contar uma história qualquer: "As Meninas", de Velázquez, mostra o pintor pintando o retrato dos reis da Espanha. "O Nascimento de Vênus" imagina como a deusa surgiu das águas do mar. Deposições da cruz, santos martirizados, batalhas vencidas ou perdidas, suicídios de amor, festas camponesas, mulheres raptadas, tudo isso fazia com que cada quadro tivesse alguma "referência" literária, mitológica ou religiosa. A "Mona Lisa" está meio que solta no espaço, à frente de uma paisagem que não foi enquadra- da por nenhuma janela, que não pressupõe nenhuma sacada. Precisamente, ela aparece "sem contexto".

Nem mesmo existe o tradicional fundo pretíssimo que, por convenção, estabelece que estamos diante do retrato de uma pessoa real. Seria, talvez, a imagem de uma santa — mas não é santa nenhuma, não tem aureóla, e seu famoso sorriso, assim como o olhar que nos encara, são desafiadores e irônicos demais para sugerir algum sentimento religioso. Ai é que as coisas se complicam do ponto de vista cultural. Parecendo uma santa ou a Virgem Maria, mas claramente sem ser isso, a "Mona Lisa" justamente inspira uma espécie de culto religioso, mas ajasta ao mesmo tempo qual-

quer significado teológico. Surgem duas reações possíveis. A primeira, mais comum, é criar um culto em torno da pintura em si — o culto de um quadro que não remete a nada que possa ser cultuado; a religião de uma santa sem igreja nem altar. Os olhos piscam, a boca se abre, e dizemos: "Ah... a 'Mona Lisa'!". Parafraseando Marx, é a religião de um mundo sem religião. Uma pintura "laica", sem Bíblia nem legenda, mas que ainda usa a linguagem da pintura religiosa. Outra reação, naturalmente, é a do vandalismo, da iconoclastia. "Como assim? Que história é essa de cultuar uma santa falsa? A 'Mona Lisa' precisa ser desbancada — meus ataques são prova de que ela não faz milagres, e posso fazer com ela o que não faria diante de uma Virgem de Bellini ou Rafael". Oscar Wilde, em outro contexto, falava de "esfinges sem segredo". É impossível responder ao desafio da "Mona Lisa", porque ela parece pedir resposta a uma pergunta que nunca fez. Em desespero, o vândalo tenta destruí-la para obter alguma paz de espírito. No século 16, os protestantes condenavam a tralha de imagens e estatuetas do catolicismo; a Igreja Católica era comparada à "grande prostituta da Babilônia". Quem sabe a "Mona Lisa" seja a santa do mundo laico, a "grande prostituta do humanismo renascentista". Num misto de adoração e sacrilégio, usamos-na de todo modo, comercializamos-na, atacamos-na, discutimos-na. Mas ela continua sorrindo.

| SEG. Luiz Felipe Pondé | TER. João Pereira Coutinho | QUA. Marcelo Coelho | QUI. Drazio Varella, Fernanda Torres | SEX. Djamil Ribeiro | SÁB. Mario Sergio Corti



O cantor e escritor canadense Leonard Cohen mostra carisma em obra póstuma que chega ao Brasil

Divulgação

Leonard Cohen é cafona e sincero em 'A Chama'

Livro reúne poemas, autorretratos e rascunhos em que transbordam suas rumações erótico-existenciais que valem a pena

LIVROS
A Chama

Autor: Leonard Cohen. Trad.: Caetano W. Galindo. Ed.: Companhia das Letras. R\$ 99,90 (608 págs.); R\$ 44,90 (ebook)

Lígia Gonçalves Diniz

Num dos poemas de "A Chama", lemos que, assim como lagos e montanhas, o ego é uma criação divina e que, por isso, o ser humano não deve ter vergonha de falar de si mesmo — de dizer "eu" e "meu". Entre tantos versos que tratam da própria experiência, tal autocomplacência seria quase intragável, não fosse o carisma absurdo de Leonard Cohen. Livros de espólio são estranhos — dedicados sobretudo

a fãs, quase sempre são obras cujo único propósito é acalantar corações partidos. Os melhores casos trazem algo de valor que o autor não concluiu, mas só em situações raras são publicados rascunhos cujo interesse ultrapassa o afetivo ou o arquivístico. Publicado originalmente em 2018, dois anos após a morte de Cohen, "A Chama" — "The Flame", no original — traz de tudo isso um pouco e chega agora ao Brasil em ótima tradução, de Caetano W. Galindo, que inclui ao fim os textos originais. O livro reúne poemas inéditos e letras de quatro álbuns, além de desenhos (principalmente autorretratos), anotações de diários, um discurso

de agradecimento e uma troca de emails com um amigo, que se encerra menos de 24 horas antes de sua morte. "Foi muito divertido. Fiquem bem, caros amigos", escreve ele quase ao fim. Como não se comover? Seria bobo esperar o imprevisível de alguém que se foi aos 82 anos, após 14 álbuns de estúdio e uma dúzia de livros de poesia e ficção. Em "A Chama", Cohen ainda canta o desejo amoroso e a tensão entre o mundano e o divino, mas a perspectiva — a de um homem que se aproxima da morte — é o que muda tudo. Temos aqui um dos poucos casos em que faz sentido festejar as rumações erótico-existenciais de um homem idoso, branco, rico e famoso.

"A Chama" é o último empenho para que o inevitável seja evitado. Trazendo escritos que remontam aos anos 1970, o conjunto carrega um olhar que aponta de 2016 para trás — os 63 poemas foram revisados nos últimos anos de vida por Cohen, e os rascunhos foram selecionados a partir de anotações transcritas sob sua supervisão. Estes, aliás, ocupam mais de um terço do livro — o meio de ser cafona. Leonard Cohen foi perdendo o medo de ser cafona. Às vezes isso deu certo, e às vezes foi um erro, e a dualidade de aparece bem nos poemas acabados. Já na liberdade das anotações, vemos como ele chafurda na cafoneia e se diverte nela, alternando mo-

mentos comoventes e outros deliberadamente patéticos. Em um poema, na idade tardia, "o desejo se ajoelha como um bezerro/ na palha do espanto" ("Dimensões do Amor"). Nas anotações, o "comandante Cohen está ferido/ de velhice ou de paixão" e ele, "que tem cem amantes/ vestido de monge/ pede um copo d'água/ para um enxame de moscas". O tradutor teve o intuito declarado, em maior parte acertado, de optar por uma tradução "literária" das letras e poemas, privilegiando a fluência. Em português, fica claro como os versos frequentemente se valem de imagens que se tornaram há séculos lugares-comuns da lírica amo-

rosa. Há quem diga que isso é suficiente para tirar a carteirinha de poeta do autor, e este era o primeiro a reconhecer a sua própria limitação. O efeito de Cohen sobre o leitor mostra, porém, que a poesia não se esgota na novidade da linguagem e que, às vezes, a sinceridade tem sua virtude, desde que encarada "nos limites estritos da dignidade e da beleza", como o próprio afirmou em 2011. Ainda assim, talvez seja perigoso deixar "A Chama" ao alcance de adolescentes que acreditem que a poesia é feita de sentimentos escancarados em rimas. Nem todas as pessoas podem ser Leonard Cohen, e é difícil explicar o que faz a diferença.



Mohammed Aslam, que plantou cerca de 500 mangueiras que não deram frutos nesta primavera, em Malihabad, na Índia Fotos Saumya Khandelwal - 22.mai.22/The New York Times

Onda de calor afeta manga, a rainha das frutas da Índia

Altas temperaturas atingiram plantações, prejudicando agricultores do país

MUNDO

Suhasini Raj

MALIHABAD (ÍNDIA) | THE NEW YORK TIMES Nenhuma fruta é tão amada e tão ansiosamente esperada na Índia quanto a manga, que, por um breve período a cada ano, refresca e adoça os longos dias de verão.

As mangas são adicionadas a espetos, usadas para temperar pratos e amassadas com hortelã para fazer bebidas refrescantes. Os conhecedores discutem com ênfase quais das dezenas de variedades da Índia — cada uma com sabor, cor e textura diferentes — são melhores e discordam educadamente sobre a maneira correta de comê-la: cortando-a em fatias ou sugando o suco diretamente da fruta.

Mas, neste ano, o ritual secular está em perigo. Com o calor escaldante que atingiu o norte da Índia semanas antes da época normal, as plantações de manga foram devastadas, ameaçando o ganha-pão de milhares de pequenos agricultores que cultivam a fruta e o hábito dos que a consomem.

A onda de calor é um exemplo do desafio que a Índia enfrenta para garantir sua segurança alimentar à medida que os efeitos das mudanças climáticas se agravam, intensificando dificuldades para aumentar a produtividade pelos padrões internacionais e alimentar uma população crescente de quase 1,4 bilhão.

Os perigos de um futuro mais quente são visíveis em uma fazenda em Malihabad, importante distrito produtor



Mangas verdes que caíram durante tempestade em Malihabad

de mangas no norte do país, onde Mohammed Aslam cultivava cerca de 500 pés.

Há alguns meses, suas mangueiras eram a imagem da saúde, com as folhas verde-escuras brilhando acima do solo bem hidratado e seus galhos com cachos perfeitos de flores brancas. Então a Índia experimentou o março mais quente em 122 anos de registros, com temperaturas médias de 33°C e chegando a 40°C. As flores da manga murcharam e morreram antes de dar frutos.

Quase nenhuma das mangueiras de Aslam, espalhadas por 1,6 hectare, produziu frutas. Em um ano normal, elas teriam rendido mais de 11 toneladas. “Nunca presencié este fenômeno antes”, disse ele, olhando para sua terra no estado de Uttar Pradesh, lamentando os milhares de dólares

que perderia.

Aslam é um entre centenas de agricultores que assistiram impotentes ao calor de março continuar no abril mais quente em 50 anos e depois até maio. Cientistas, em relatório divulgado na segunda, disseram que as chances dessas ondas de calor na Índia aumentaram ao menos 30 vezes desde o século 19.

O calor excedeu em muito a temperatura ideal para a fertilização das mangueiras, que é de cerca de 25°C, disse Dheeraj Kumar Tiwari, cientista de uma universidade agrícola em Uttar Pradesh.

A Índia é o maior produtor de mangas do mundo, respondendo por quase 50% da safra global. Grande parte é consumida internamente, mas o país exporta todo ano dezenas de milhões de dóla-

res em mangas para os Emirados Árabes Unidos, Grã-Bretanha, Alemanha e Estados Unidos. Ao longo da última década, também tentou penetrar nos mercados de outros países da União Europeia.

No passado, o crescimento das exportações foi limitado pelos custos mais altos das mangas indianas em comparação com as de países como Brasil, Peru, Israel e Paquistão. A Índia tem se esforçado para aumentar a produtividade, o que reduziria os custos.

Mesmo antes do calor extremo, as exportações de mangas indianas foram gravemente prejudicadas pelas interrupções na cadeia de suprimentos pela pandemia, com as remessas para o exterior encalhando quase 50% no ano passado. A principal organização de exportadores da Índia esperava uma grande reviravolta neste ano, já que os governos indiano e americano afrouxaram as regras comerciais.

Em vez disso, o clima severo prejudicou os rendimentos não apenas no norte do país, mas também no sul, que foi atingido por chuvas fortes.

Em Uttar Pradesh, estado com maior produção de mangas, no norte, uma autoridade agrícola estimou que a produção cairia cerca de 20% neste ano. A Associação de Plantadores de Mangas disse que o rendimento no cinturão de cultivo do norte seria cerca de 70% menor.

No estado de Andhra Pradesh, no sul, as fortes chuvas atrasaram em um mês o florescimento das mangueiras. Quando os frutos surgiram, estava quente demais e muitos caíram dos galhos prematuramente.

B. Sreenivasulu, vice-diretor do departamento de horticultura do distrito de Chittoor, em Andhra Pradesh, disse que durante as fortes chuvas que atingiram a região em novembro e dezembro, quando ocorre a floração, as fazendas foram inundadas, e muitas árvores ribeirinhas, arrancadas.

O cultivo de manga no dis-

trito, o mais produtivo do estado, foi reduzido em pelo menos 30% nesta safra.

“Desta vez, o efeito da mudança climática foi mais visível que nunca”, disse Sreenivasulu. As condições mais severas ameaçam populações que cultivam mangueiras há séculos. O distrito de Malihabad em Uttar Pradesh é conhecido por variedades como a Dasherri, que leva o nome de uma aldeia da região.

O distrito abriga inúmeras famílias que cultivam a fruta há pelo menos três gerações. A maioria dos agricultores ali possui pequenos sítios e depende exclusivamente das mangas para a subsistência.

Em uma tarde recente, temido como pano de fundo a beleza dos pomares nos dois lados de uma estrada em Malihabad, agricultores reunidos numa barraca à beira da estrada expressaram ansiedade sobre o futuro. Eles discutiram se deveriam diversificar para outras frutas e vegetais ou vender suas terras.

Nadeem Ahmed, produtor de mangas de terceira geração, respirou fundo enquanto caminhava para seu sítio próximo à estrada. Ele apontou para as árvores que normalmente estariam carregadas de frutas nesta época do ano. “Com dor no coração, terei que começar a cortar essas árvores se esse padrão continuar”, disse ele. “A alma de um fazendeiro estremece ao ver essas árvores sem frutos.”

Do outro lado do sítio de Ahmed, Aslam disse que estava vivendo em “tensão aguda” devido a uma safra de mangas que era apenas 5% das de anos anteriores. Seu filho de 14 anos disse que não quer seguir no negócio da família quando se tornar adulto. “Não haverá frutas suficientes nem para os meus filhos”, disse Aslam, com a testa franzida sob o sol forte da tarde. Ele observou que as dificuldades o obrigaram a adiar o casamento de sua filha. “Sem manga, não há vida”, acrescentou ele.

Tradução Luiz Roberto M. Gonçalves

“Com dor no coração, terei que começar a cortar essas árvores se esse padrão continuar. A alma de um fazendeiro estremece ao ver essas árvores sem frutos”

Nadeem Ahmed
produtor de mangas

LEIA TAMBÉM

mun

➤ Crise climática seca lago nos EUA, e corpos aparecem p. 2

mun

➤ Corte de Portugal rejeita juiz contrário ao aborto p. 3

ambiente

➤ Elefantes indianos comem plástico, que vai para florestas p. 4

social+

➤ Hospital infantil vê alta de vítimas de violência sexual p. 5

equilíbrio

➤ Saiba quais alimentos ajudam saúde mental p. 6



Barril em decomposição às margens do lago Mead, em Nevada, semelhante a outro dentro do qual, perto dali, um corpo baleado foi encontrado Joe Bugiewicz - 11.mai.22/The New York Times

Crise climática seca lago em Las Vegas e revela corpos

Descobertas em reservatório aguçam curiosidade por passado ligado à máfia

MUNDO

Simon Romero

LAS VEGAS | THE NEW YORK TIMES É aquele mafioso que desapareceu depois de roubar o cassino Stardust. Não, é o gerente de um resort à beira do lago que era caçado pela máfia de Chicago. Ou seria obra de uma gangue de motoqueiros? Talvez ainda alguém tenha caído de um barco depois de exagerar na bebida.

Desde que os corpos começaram a vir à tona no lago Mead neste mês —o primeiro em um barril, o segundo semienterrado na areia, ambos expostos devido à queda no nível de água—, multiplicam-se em Las Vegas teorias sobre quem eram as pessoas, como foram parar no maior reservatório artificial do país e qual será a próxima descoberta.

Lynette Malvin, 30, encontrou o segundo corpo com a irmã quando praticava stand up paddle. Num primeiro momento elas pensaram que haviam encontrado a ossada de um carneiro. “Foi só quando vi o maxilar com uma obturação prateada que falei ‘epa, isso é humano’ e comecei a me assustar”, conta.

A descoberta de restos mortais humanos sempre é fonte de tragédia e potencial sofrimento para os entes da pessoa que morreu, especialmente quando o corpo revela que a morte foi violenta. Mas em Las Vegas, onde a história criminosa é algo que atrai visitantes, a descoberta no Mead provocou fascínio macabro e levou detetives amadores a entrarem em ação.

Os achados sinistros foram feitos em meio às duas décadas mais secas em mais de mil anos no sudoeste dos Es-

tados Unidos, com rios e lagos esturricados pela estiagem oferecendo uma surpresa após outra.

No reservatório Elephant Butte, no Novo México, pessoas que participavam de uma despedida de solteiro toparam com um crânio fossilizado de mastodonte de milhões de anos atrás.

Em Utah, no ano passado, o recuo das águas do lago Powell revelou um carro que caiu de um penhasco de 200 metros, matando o motorista. E agora arqueólogos têm a oportunidade de estudar habitações indígenas que emergiram.

Em Las Vegas, a obsessão suscitada pelos restos mortais no lago Mead soma a ansiedade em relação às reservas de água locais, que não param de encorajar, ao fascínio com o modo como mafiosos convertiam a cidade num paraíso cintilante dos jogos de azar —onde caçadores por prazer boiam por rios preguiçosos e brincam em piscinas colossais em meio à paisagem do deserto de Mojave.

O Mead está com apenas 30% da capacidade, o nível mais baixo desde que foi preenchido, durante a Grande Depressão. Isso assusta lugares como Los Angeles, Phoenix e Tucson, que também recebem água do reservatório. Neste mês autoridades federais anunciaram que vão adiar a liberação de água do rio Colorado para o lago, o que fará o nível cair ainda mais.

Jennifer Byrnes antropóloga forense que presta consultoria ao Instituto Médico Legal do condado de Clark. Ela diz que a elevação da temperatura pode reformular sua profissão. Estiagens prolongadas e outras mudanças à paisagem possibilitam mais des-

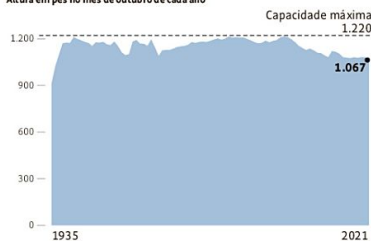
Escassez no lago Mead

Maior reservatório de água dos EUA abastece sete estados americanos



Volume de água

Altura em pés no mês de outubro de cada ano



Na época [nos anos 1970], Las Vegas era uma cidade muito menor, onde metade das pessoas tinha vínculos com a máfia ou queria que você pensasse que tinham

John L. Smith autor

cobertas tenebrosas e exigem planejamento para enfrentar eventos que podem provocar grande número de vítimas, como ondas de calor, tempestades e incêndios. “A mudança climática vai afetar nosso campo de atuação diretamente nos próximos anos.”

Em alguns casos, isso significa ajuda para solucionar mistérios antigos. Em 2014, quando uma picape contendo um cadáver foi encontrada no lago no Texas cujo nível de água havia caído, legisladores usaram fichas odontológicas para identificar uma mulher que estava desaparecida desde 1979.

Mesmo assim, segundo Byrnes, os restos mortais no lago Mead podem ser especialmente difíceis de identificar. O reservatório é tão grande que suas correntezas podem despeçar um cadáver ou fazer com que se desloque para longe do ponto onde a pessoa se afofou ou foi jogada. E animais necrófagos, como insetos aquáticos, caranguejos, peixes e aves, podem complicar esses esforços de identificação.

Nada disso está levando detetives amadores a desistirem de estudar pistas nos casos arquivados que agora estão suscitando mais interesse em Los Angeles. Até aqui, investigadores da polícia disseram que não preveem detectar sinais de crime no corpo encontrado pelas remadoras.

Mas fontes do Departamento de Polícia Metropolitana de Las Vegas disseram que a vítima no barril parece ter morrido em decorrência de um disparo de uma arma de fogo, provavelmente em meados dos anos 1970 ou início dos anos 1980, a julgar por suas roupas.

Nessa época, ao mesmo tempo que as autoridades locais buscavam minimizar a influência de grupos criminosos organizados, mafiosos de cidades do Meio-Oeste tinham influência enorme na região. Hoje, o papel da máfia em Las Vegas é considerado insignificante, mas a nostalgia emerge como fonte de verba.

Por US\$ 119,95 (R\$ 576), visitantes podem fazer uma “tour mafiosa” que passa por locais

onde ocorreram uma explosão num carro e outras atividades do submundo. No Mob Museum (museu da máfia), turistas com cerveja na mão passeiam por exposições que descrevem o passado ensanguentado da cidade.

Como o museu deixa claro, não era inusitado a máfia usar barris como método para se desfazer de cadáveres. Em coluna no jornal The Nevada Independent, o autor John L. Smith escreveu que a descoberta no lago Mead também evoca lembranças de um caso arquivado envolvendo Johnny Pappas, morador de Chicago que desapareceu em 1976.

Pappas, cujos vínculos com o submundo foram mencionados quando ele desapareceu, era gerente de um resort à beira do lago que recebia ajuda de um fundo de pensão do Sindicato dos Caminhoneiros —ele também se envolveu na política democrata.

“Na época, Las Vegas era uma cidade muito menor, onde metade das pessoas tinha vínculos com a máfia ou queria que você pensasse que tinham”, disse Smith.

Há várias outras teorias. O policial aposentado David Kohlmeier, hoje podcaster, ofereceu uma recompensa de US\$ 5.000 (R\$ 24 mil) a quem encontrar mais restos mortais no lago Mead. Segundo ele, as áreas podem ter sido “lixões de corpos” ligados a outros crimes envolvendo gangues.

Não é de hoje que o lago Mead está ligado a acidentes e crimes, mas o historiador Michael Green, 57, que cresceu em Las Vegas, observa que os mafiosos preferiam cometer assassinatos em estilo de execução longe da cidade, para tentar proteger os cassinos de publicidade negativa.

Ele tem a própria teoria sobre o corpo encontrado no barril. Ela envolve Jay Vandemark, supervisor de máquinas caça-níqueis no cassino Stardust que entrou num esquema para furtar lucros das máquinas. Vandemark, que também teria roubado de seus chefes mafiosos, desapareceu em 1976. “Acho que nunca encontraram seu corpo.”

Tradução Clara Allain



Antônio Manuel Almeida Costa, candidato ao Tribunal Constitucional de Portugal Reprodução

Corte de Portugal rejeita indicação de professor antiaborto

Antônio Manuel Almeida Costa teve nome vazado à imprensa, em sinal de descontentamento interno

MUNDO

Giuliana Miranda

LISBOA O professor universitário Antônio Manuel Almeida Costa, contrário ao aborto mesmo em caso de estupro e defensor de restrições ao trabalho da imprensa, teve sua indicação para a mais alta corte de Portugal, o Tribunal Constitucional, rejeitada nesta terça-feira (31).

Segundo analistas, o resultado considerado inesperado está ligado à rejeição ao nome do docente galvanizada com a pressão pública que se mobilizou após posições consideradas virem à tona com o vazamento da sua indicação.

A escolha dos membros do TC (Tribunal Constitucional), cujos mandatos duram nove anos e não têm possibilidade

de recondução, costuma ser feita sem grandes perturbações. Dos 13 juizes, 10 são indicados pelo Parlamento, com sessões públicas de escrutínio —como se dá nos EUA e no Brasil, onde os candidatos são nomeados pelo presidente.

Os 3 restantes são escolhidos pelos magistrados que já compõem o tribunal, num processo sem sabinas e feito longe do público.

Normalmente, o nome do novo integrante só é divulgado depois que o trâmite está concretizado. Desta vez, porém, a situação foi diferente. O nome de Almeida Costa foi vazado à imprensa com antecedência, em uma indicação clara de descontentamento interno no próprio TC.

Como na divulgação de um rascunho de voto da Suprema Corte americana que de-

ve reverter o direito ao aborto no país, o caso português pareceu ser uma manobra que chamasse a atenção para o tema, tentando mudar o quadro aparentemente já definido.

As indicações internas dos magistrados, chamadas tecnicamente de cooptações, são guiadas por algumas regras. Para tentar conferir algum equilíbrio ideológico, embora os votos respeitem diferentes motivações, as três vagas são distribuídas da seguinte forma: uma indicação mais progressista, uma mais conservadora e outra contrária.

Apostado pelos cinco juizes mais à direita, Almeida Costa precisava conquistar ao menos outros dois apoios para conseguir a aprovação. Três dos magistrados ligados ao Partido Socialista já haviam deixado claro que se opori-

am à entrada do professor; a posição dos demais permanecia uma incógnita.

O placar final da votação não foi informado. Em nota, o Tribunal Constitucional limitou-se a informar que "o processo relativo ao nome proposto foi concluído sem que se tenha procedido à cooptação". Ainda segundo o texto, o trâmite de um novo indicado será retomado em breve.

A visibilidade do caso fez com que políticos e juristas se manifestassem a favor de mais transparência no processo de escolha dos membros da mais alta corte do país, que em breve irá debater temas como a legalização da eutanásia.

Professor universitário de direito penal e membro do Conselho Superior do Ministério Público, Antônio Manuel Almeida Costa, 66, é classificado como ultraconservador por seus pares.

Além de revelar a indicação do nome do docente, reportagem do Diário de Notícias trouxe à tona seu posicionamento quanto ao aborto.

Em 1984, ele assinou um artigo em que defendia que a interrupção voluntária da gravidez não deveria ser liberada nem em caso de estupro — apenas em quadro de risco de morte iminente da gestante.

O texto citava pesquisas que indicariam serem raros casos de gravidez após estupro, mas as referências não tinham credibilidade científica e estavam ligadas a movimentos contrários ao direito ao aborto nos EUA. Um dos trabalhos embasava as conclusões em "experimentos" conduzidos em campos de concentração nazistas durante o Holocausto.

Antes depois, o professor voltou a assinar textos condenando a interrupção voluntária da gravidez, que foi descriminalizada em Portugal em 2007, após um referendo.

Em 2019, em audiência para o Conselho Superior do Ministério Público no Parlamento, o professor defendeu a imposição de limites à liberdade de imprensa e acusou os deputados de falta de vontade para punir jornalistas que revelam informações protegidas.

Almeida Costa afirmou que a imprensa se refugia na defesa do sigilo da fonte para violar o mecanismo jurídico. A posição do professor é contrária ao entendimento à jurisprudence do Tribunal Europeu dos Direitos Humanos.

Justin Trudeau propõe lei para congelar venda de armas no Canadá

OTTAWA | REUTERS E AFP O primeiro-ministro do Canadá, Justin Trudeau, propôs na última segunda (30) congelar a posse de armas de fogo no país, o que na prática poderia proibir a importação e a venda de armamentos, uma semana depois de um massacre a tiros ter deixado 21 mortos em uma escola dos Estados Unidos.

Trudeau disse a repórteres que as novas medidas são necessárias em um contexto em que a violência armada está aumentando. "Basta olhar para o sul da fronteira para saber que, se não agirmos com firmeza e rapidez, ficará cada vez pior e mais difícil de combater", afirmou.

O projeto de lei, que resuscita algumas medidas arquivadas no ano passado em meio a eleições nacionais, é parte de um pacote que também pode banir alguns brinquedos em formato de armamentos e precisa passar pelo Parlamento, onde os liberais, governistas, são minoria.

Se for aprovado, "não será mais possível comprar, vender, transferir ou importar armas curtas [pistolas e revólveres] em nenhum lugar do Canadá", disse Trudeau, que foi à entrevista coletiva acompanhado de dezenas de famílias e vítimas de violência armada. "Em outras palavras, estamos limitando o mercado de armas curtas".

O governo já havia proibido o porte de 1.500 modelos de armas de assalto, como o fuzil AR-15, dias depois que o pior tiroteio ocorrido no Canadá deixou 23 mortos em uma cidade rural da Nova Escócia, em abril de 2022. A mudança ainda está sendo contestada na Justiça por alguns proprietários de armas.

A proposta atual de congelamento abre exceções para atiradores esportivos de elite, atletas olímpicos e seguranças. Os canadenses que já possuem revólveres teriam permissão para mantê-los.

Autoridades governamentais disseram à imprensa que não esperam uma corrida para comprar armas antes da votação da proposta, em

parte porque elas já são fortemente regulamentadas.

Com uma legislação mais restritiva que a dos Estados Unidos, o Canadá tem uma taxa de homicídios por armas de fogo que corresponde a menos de um quinto da dos EUA. Mas o índice canadense é maior do que o de outros países ricos e vem aumentando — em 2020, foi cinco vezes mais alto que o da Austrália, por exemplo.

Segundo a agência governamental de estatísticas, o número de crimes violentos envolvendo armas de fogo no Canadá correspondia a menos de 3% do total. Mas desde 2009, a taxa per capita de armas sendo apontadas para alguém quase triplicou, enquanto a taxa de armas de fogo disparadas com intenção de matar ou ferir quintuplicou.

O ministro da Segurança Pública, Marco Mendicino, estimou que existam cerca de 1 milhão de armas curtas no Canadá, cifra significativamente maior que a de uma década atrás. "A violência armada é um problema complexo. Mas no fim das contas, a matemática é realmente simples: quanto menos armas em nossas comunidades, mais seguros todos estarão", declarou Trudeau.

Embora os liberais tenham uma minoria de assentos no Parlamento, a legislação pode ser aprovada com o apoio do Novo Partido Democrático, de esquerda.

A proposta de Trudeau impediria qualquer pessoa que tenha se envolvido em episódios de violência doméstica ou perseguição de obter ou manter uma licença de porte de arma de fogo.

Também baniria armas de brinquedos que parecem de verdade, como rifles de airsoft. Na semana passada, a polícia de Toronto atirou e matou um homem que carregava uma arma desse tipo.

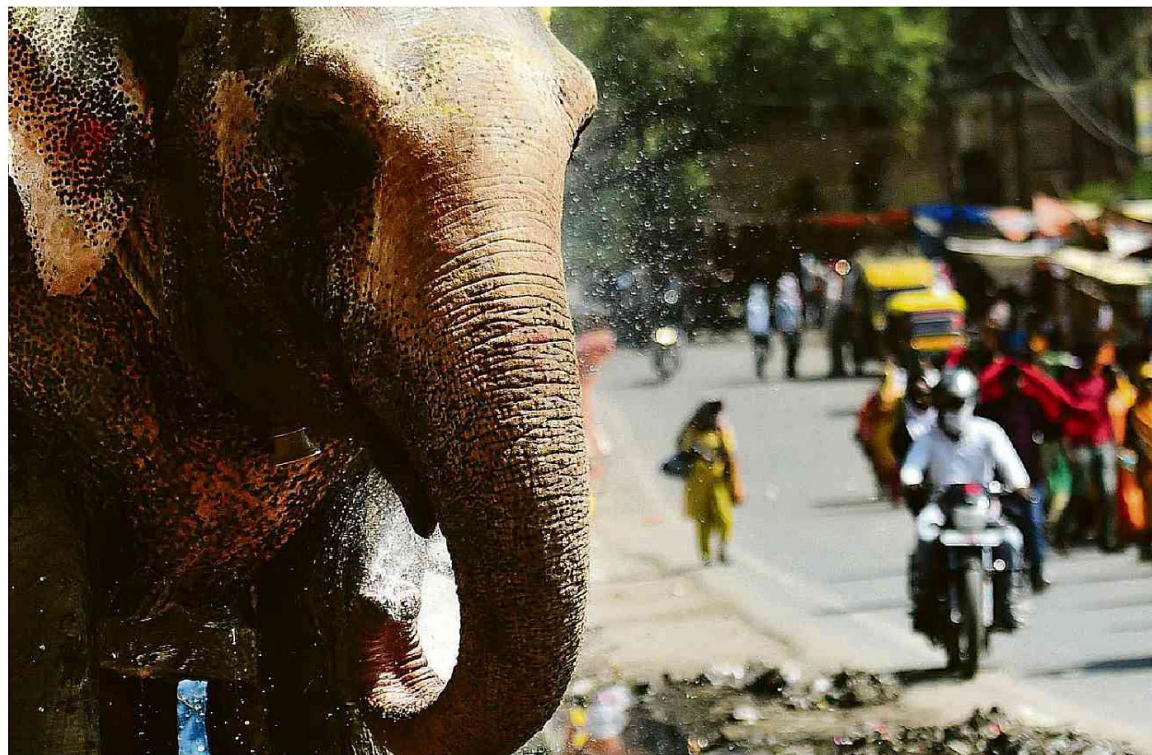
"Como parecemos armas de fogo reais, a polícia precisa tratá-las como se fossem reais. Isso levou a consequências trágicas", disse o ministro da Justiça, David Lametti, a repórteres.



ISRAEL ASSINA 1º ACORDO DE LIVRE COMÉRCIO COM UM PAÍS ÁRABE

Israel e Emirados Árabes Unidos assinaram nesta terça-feira (31) um acordo de livre comércio que consolida a normalização das relações diplomáticas entre os dois países. É o primeiro pacto do gênero entre o governo israelense e um país árabe. Pelo plano, as tarifas de importação sobre 96% dos produtos negociados entre os países serão eliminadas. A iniciativa é um desdobramento dos chamados Acordos de Abraão, assinados em 2020 por Israel e ex-inimigos do Oriente Médio, entre eles Emirados Árabes Unidos, Bahrein e Marrocos. O embaixador dos Emirados Árabes em Israel, Mohamed Al Khaja, classificou o acordo como uma "conquista sem precedentes". O embaixador de Israel em Abu Dhabi, Amir Hayek, também celebrou o acordo e publicou a palavra "felicidades" nas redes sociais. As negociações para o acordo começaram em novembro e foram concluídas em abril, após quatro rodadas de conversas. Ao lado, os ministros da Economia de Israel, Orna Barbiavi (ao centro), e dos Emirados Árabes Unidos, Abdulla bin Touq al-Marri (à dir.), durante a assinatura de acordo entre os dois países.

AFP



Elefante bebe água em avenida de Allahabad, na Índia Sanjay Kanojia - 9.abr.22/AFP

Elefantes estão levando plástico para florestas

Dispensadores de sementes, animais comem embalagens em lixos na Índia e depositam poluentes no solo ao defecar

AMBIENTE

Joshua Rapp Learn

THE NEW YORK TIMES Alguns elefantes asiáticos são um pouco tímidos sobre seus hábitos alimentares. Eles se infiltram em depósitos de lixo perto de assentamentos humanos nas bordas de seus habitats florestais e rapidamente devoram o lixo — utensílios de plástico, embalagens e tudo mais. Mas seu prazer por “fast food” está viajando com eles; os elefantes estão transportando plástico e outros resíduos humanos para as florestas em certas partes da Índia.

Quando eles defecam, o plástico sai do estômago e é depositado na floresta”, disse Gitanjali Katlam, pesquisadora ecológica na Índia.

Embora tenham sido feitas muitas pesquisas sobre a disseminação de plásticos com

a poluição humana nos oceanos do mundo, muito menos se sabe sobre como esses resíduos se deslocam com a vida silvestre em terra.

Os elefantes são importantes dispersores de sementes, e uma pesquisa publicada este mês no Journal for Nature Conservation mostra que o mesmo processo que mantém os ecossistemas funcionando pode levar poluentes produzidos pelo homem para parques nacionais e outras áreas.

Esse plástico pode ter efeitos negativos na saúde de elefantes e outras espécies que consomem o material depois de passar pelo sistema digestivo dos grandes mamíferos.

Katlam notou pela primeira vez elefantes se alimentando de lixo com câmeras de vigilância durante seu trabalho de doutorado na Universidade Jawaharlal Nehru. Ela estava estudando quais animais visi-

tavam lixões nos arredores de vilarejos no norte da Índia. Na época, ela e seus colegas também notaram plástico no estômago dos elefantes.

Com a Nature Science Initiative, organização sem fins lucrativos focada em pesquisas ecológicas no norte da Índia, Katlam e seus colegas coletaram esterco de elefante no estado de Uttarakhand.

Os pesquisadores encontraram plástico em todo o estômago de lixões de vilarejos e na floresta perto da cidade de Kotdwar. Eles caminharam apenas 1,5 a 3 quilômetros na floresta à procura de esterco, mas os elefantes provavelmente levaram o plástico muito mais longe, disse Katlam.

Os elefantes asiáticos levam cerca de 50 horas para fazer a digestão e podem andar de 10 a 20 quilômetros em um dia. No caso de Kotdwar, isso

é preocupante porque a cidade fica a poucos quilômetros de um parque nacional.

“Isso acrescenta evidências ao fato de que a poluição plástica é onipresente”, disse Agustina Malizia, pesquisadora independente do Conselho Nacional de Pesquisa Científica e Técnica da Argentina, que não participou dessa pesquisa, mas estudou os efeitos do plástico nos ecossistemas terrestres.

Ela disse que o estudo é “extremamente necessário”, pois pode ser um dos primeiros relatos de um animal terrestre de grande porte ingerindo plástico.

O plástico constituía 85% dos resíduos encontrados no estômago de elefantes em Kotdwar. A maior parte dele vinha de recipientes de alimentos e talheres, seguidos por sacolas plásticas e embalagens. Mas os pesquisadores tam-

bém encontraram vidro, borraça, tecido e outros resíduos. Katlam disse que os elefantes provavelmente procuravam recipientes e sacolas plásticas porque ainda podiam conter restos de comida. Os talheres provavelmente foram comidos no processo.

Enquanto o lixo passa por seus sistemas digestivos, os elefantes podem estar ingerindo produtos químicos como poliestireno, polietileno, bisfenol A e ftalatos.

O dano que essas substâncias podem causar é incerto, mas Katlam teme que elas contribuam para a redução da população de elefantes e das taxas de sobrevivência.

“Sabe-se de outros animais cujos estômagos podem ficar cheios de plástico, causando danos mecânicos”, disse Carolina Monmany Garza, que trabalha com Galia na Argentina e não participou do

estudo de Katlam.

Outros animais podem consumir o plástico novamente, uma vez que é transportado para a floresta através do estômago dos elefantes. “Tem um efeito cascata”, disse Katlam.

Katlam disse que os governos da Índia devem tomar medidas para gerenciar seus resíduos sólidos e evitar esses tipos de problemas.

No entanto, a população em geral também pode ajudar, separando seus restos de comida dos recipientes para que o plástico não acabe sendo comido por acidente.

“Este é um passo muito simples, mas muito importante”, afirmou ela.

“Precisamos perceber e entender como o uso excessivo de plásticos está afetando o meio ambiente e os organismos que os habitam”, disse Malizia.

Tradução Luiz Roberto M. Gonçalves

Polícia Federal indícia três suspeitos por morte de onças no Pantanal

Silvia Frias

CAMPO GRANDE A PF (Polícia Federal) em Mato Grosso do Sul indiciou três pessoas, entre elas um produtor rural, pela morte de duas onças e outros 18 animais na região do Aboabal, no Pantanal, em Corumbá. As carcças foram encontradas em junho de 2021.

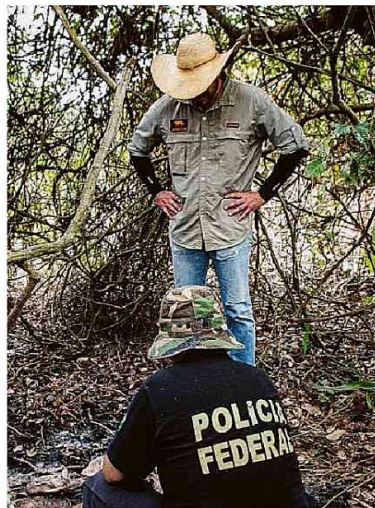
No inquérito finalizado e remetido ao Ministério Público Federal, também foi anexado laudo pericial que atestou a presença de carbofurano, agrotóxico de venda proibida no Brasil desde 2017, no fígado de uma das onças.

A investigação começou em 15 de junho de 2021, quando a PF e o Ibama (Instituto Brasileiro de Recursos Naturais e Renováveis) foram acionados pela equipe de veterinários do Instituto Reprocon (Reproduction & Conservation).

O instituto formado por pesquisadores trabalha na conservação de animais selvagens por meio de biotecnologias reprodutivas.

Em maio de 2021, segundo o veterinário Pedro Nacib Jorge-Neto, os pesquisadores receberam o sinal de mortalidade da onça Sandro. O animal, um macho de quatro anos de idade, vinha sendo monitorado desde novembro de 2020 por meio do collar.

Devido aos custos da expedição, a equipe só pôde ir ao local em junho. A carcça de Sandro foi encontrada na região do Aboabal e, poucos metros adiante, outra onça foi achada, também morta. “Se fosse só uma onça morta, não chamaria atenção, mas dois animais, sem marca de briga, isso foi preocupante”, lembrou. A outra onça, também macho, não era monitorada.



Equipe do Instituto Reprocon observa local onde onça foi achada morta, na região do Aboabal Polícia Federal - jun.21/Divulgação

Por segurança, os veterinários saíram do local e acionaram a PF e o Ibama. Dois dias depois, nova expedição foi feita, desta vez, para guiar as equipes até o local. Com base nas informações extraídas do collar de Sandro, foi possível identificar os dois últimos pontos de alimentação do animal.

Na trilha desse local, Jorge-Neto disse que foram encontrados outros animais mortos, também sem sinais aparentes de briga: urubus, caracaras, cachorros-do-mato e, por último, cabeças de gado. Foram 20 animais no total e a suspeita era de envenenamento. Jorge-Neto disse que a situação preocupou pecuaristas da região que alertaram sobre a prática de envenenamento de “iscas” para atrair as onças.

“O uso do carbofurano para envenenamento intencional de animais domésticos e selvagens tem sido frequentemente descrito em publicações científicas, como um dos praguicidas mais comuns para esse fim”, apontou a PF ao divulgar o resultado do lau-

do que atestou a presença do agrotóxico nos animais.

Opapel da substância como determinante para as mortes, porém, ainda é considerado provável. “Não é possível afirmar categoricamente que a intoxicação por carbofurano foi a causa determinante da morte do animal”, afirma a PF.

Um dos elementos que embasaram o indiciamento foi a apreensão do celular do arrendatário de uma fazenda, que mostra uma conversa que indica que ele estava ciente do envenenamento. A PF não informou quem são os três indiciados, mas a reportagem apurou que se trata do produtor rural, de um funcionário dele e de uma terceira pessoa que auxiliou no crime.

A reportagem também apurou que, além da conversa ligada ao celular, embalagens do agrotóxico foram encontradas na casa do funcionário indiciado. Os três homens foram indiciados no artigo 29 da lei nº 9.605/98, que trata dos crimes ambientais. A pena base é de seis meses a um ano de prisão e multa.

Hospital infantil vê subirem casos de abuso

Entre os casos de violência recebidos no Pequeno Príncipe, em Curitiba, a sexual responde por 55% dos atendimentos

SOCIAL+

Giovanna Balogh

SÃO PAULO A violência sexual é a ocorrência mais comum entre os atendimentos de crianças e adolescentes no Hospital Pequeno Príncipe, em Curitiba (PR). Dos 600 casos de violência contra crianças, entre eles, casos de maus-tratos e negligência, 344 foram de crianças de até 12 anos vítimas de violência sexual.

Segundo dados da unidade de saúde, em 2021 foram 618 atendimentos — crescimento de 11% em relação aos dados de 2020. E todos os anos, segundo levantamento do hospital, a violência predominante é a sexual, totalizando 55% dos casos atendidos.

A coordenadora do serviço social do Hospital Pequeno

Príncipe, Rosane Moura Brasil, diz que a maioria das vítimas foram violentadas pelo próprio pai ou por alguém de confiança, como tio, padrasto e avô.

"Muitos bebês e crianças chegam muito machucados e nosso trabalho é acionar toda rede para proteger essa vítima de uma violência ocorrida dentro da sua própria casa", explica. Os criminosos, em 66% dos casos, fazem parte do círculo familiar.

Dados do hospital mostram que as meninas são as principais vítimas de violência sexual (78% dos casos) e o que mais assusta é a idade delas: a maioria tem entre 4 e 7 anos.

"Até alguns anos atrás, eram meninas na faixa etária dos 10 anos, agora são meninas ainda menores", comenta. Já com meninos, os casos de violên-

cia sexual são de crianças menores de 3 anos.

Rosane diz que para a criança chegar ali vítima de violência sexual, negligência ou maus-tratos, alguém falhou na proteção dela.

"Seguimos todo um protocolo de acionar Conselho Tutelar, IML, polícia e fazer o quanto antes a profilaxia para a criança não desenvolver uma IST [infecção sexualmente transmissível]. Se a profilaxia for dada em até 72h após o ato, previne mais de 90% das ISTs", afirma.

"Ao saber de um caso de violência sexual, é importante trazer a criança imediatamente ao hospital, sem dar banho, com a roupa que estava, para que sejam coletadas as provas que possam comprovar o abuso e quem foi o abusador", comenta.

Ela diz que a sociedade deve ficar atenta e denunciar caso note, por exemplo, algo com uma criança que pode ser vizinha ou colega da criança na escola.

"Denuncie. Se nada acontecer, denuncie de novo. A denúncia é anônima e a única forma de proteger as crianças que nem sempre conseguem falar sobre a violência sofrida, pois recebem ameaças."

A coordenadora diz que é importante que pais e cuidadores, inclusive professores na escola, fiquem atentos aos sinais que a criança e o adolescente dão. "Normalmente eles mudam de comportamento, ficam mais agressivos, isolados, perdem interesse em atividades que antes gostavam, como um esporte, por exemplo. Precisamos ter olhar atento para a criança,

pois ela dá sinais de que algo está acontecendo", comenta.

O Instituto Liberta criou recentemente o movimento #AgoraVcSabe e tem coletado vídeos de adultos que foram vítimas de violência sexual na infância para fazer um levante virtual e cobrar políticas públicas neste assunto. A próxima passeata virtual acontece em junho.

Depois da violência sexual, a negligência foi o segundo maior número de casos. Ao todo, 150 crianças foram atendidas por esse motivo.

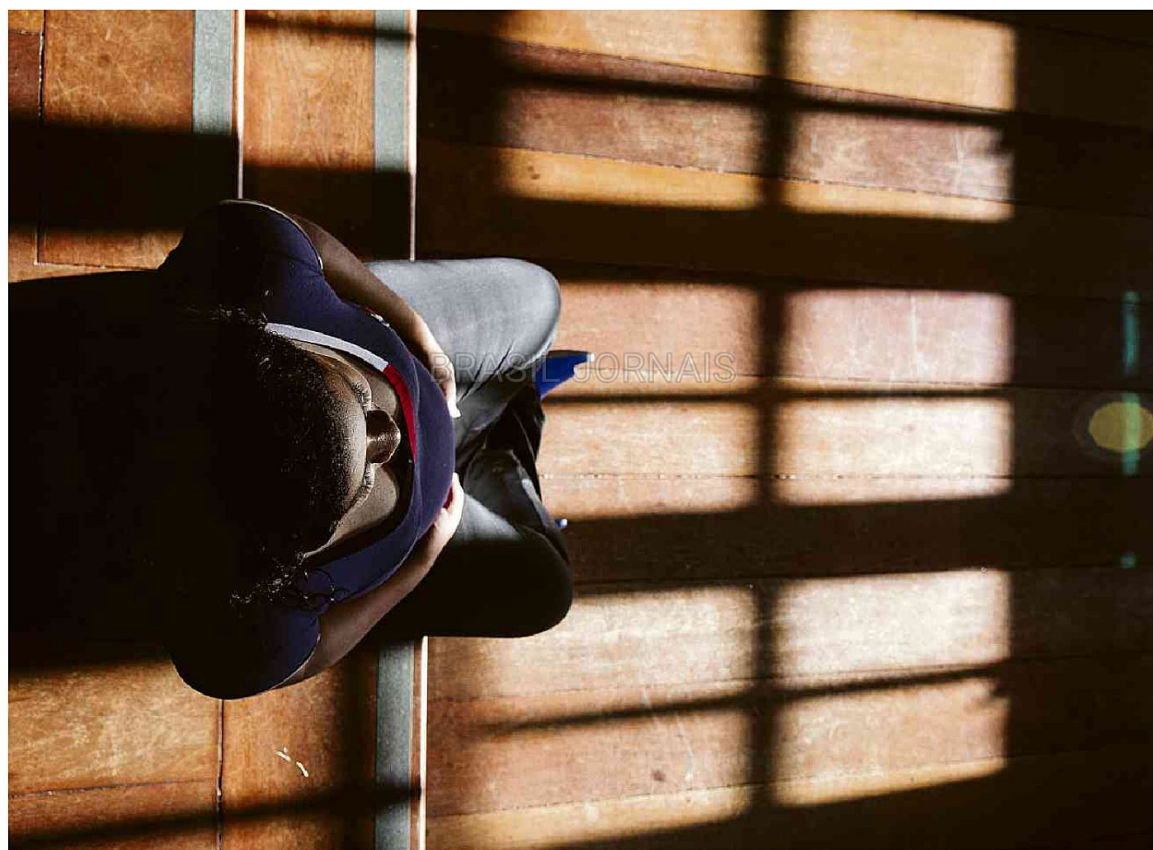
"A negligência também mata. Um paciente de 11 anos tinha um corte no joelho e ninguém cuidou. Ele teve uma infecção generalizada e morreu por falta de cuidados básicos", recorda a coordenadora.

Além dos casos de abuso, o hospital notou aumento de

pacientes internados por autoagressão. Em comparação com 2020, houve aumento de 173%. Ao todo, foram 52 crianças e adolescentes atendidos no ano passado, quando, em 2020, foram 19.

Algumas dessas vítimas, segundo Rosane, já foram abusadas e passam a ter ideação suicida. Outras praticam a autoagressão por serem vítimas de bullying ou por desenvolverem depressão ou outros problemas psicológicos após o isolamento social na pandemia.

A autoagressão muitas vezes é decorrente de violência psicológica, mais difícil de ser identificada. A Organização Mundial da Saúde (OMS) a descreveu como ameaças e intimidação, discriminação, rejeição e outras formas não físicas de tratamento hostil.



Retrato da adolescente Vitoria, grávida aos 17 anos, que na época morava no bairro do Capão Redondo (SP), e era assistida por um projeto social do local Adriano Vizzini - 21.mai.19/folhapress

Morte materna é a mais cruel expressão do racismo no Brasil

OPINIÃO

PERIFACONNECTION

Lúcia Xavier e Lia Manso

Xavier é coordenadora geral da organização Criola e Manso é coordenadora de projetos em Criola, advogada, pesquisadora e ativista em direitos humanos, raça e gênero

O fim do mês de maio é central na agenda de movimentos feministas e de mulheres negras em todo o mundo. O Dia Internacional de Luta pela Saúde da Mulher, em 27 de maio, e o Dia Nacional de Redução da Mortalidade Materna, em 28 de maio, levam-nos a perguntar: por que seguimos aceitando a morte de mulheres negras que gestam?

Até quando testemunharemos essa brutal expressão do racismo no Brasil, considerando que a mortalidade materna é, em quase sua totalidade, evitável?

A mortalidade materna, especialmente de mulheres negras, é histórica e faz parte de um conjunto de práticas racistas institucionalizadas no sistema de saúde brasileiro. Mesmo com políticas voltadas para a saúde materna, o Brasil não alcançou o patamar mínimo apontado pela OMS (Organização Mundial de Saúde), que é de 20 mortes por 100 mil nascidos vivos.

No contexto da pandemia de Covid-19, a taxa de mortalidade materna no país saltou de 57,9 (2019) para 107,5 (2021) a cada 100 mil nascidos vivos, sendo 61,3% de mulheres negras (Ministério da Saúde).

Assim, regredimos a índices similares aos dos anos de 1990, num quadro de total violação do direito à saúde sexual e reprodutiva. O horror também se repete localmente.

No estado do Rio de Janeiro,

a taxa mais que dobrou, saltando de 73,5 em 2019, antes da Covid-19, para 155 a cada 100 mil nascidos vivos em 2021, de acordo com os dados do SIM (Sistema de Informações de Mortalidade).

A experiência de engravidar e parir tem sido uma prática de risco para adolescentes, mulheres e pessoas negras que gestam. Elas são discriminadas, humilhadas e não recebem informações de qualidade para viver essa fase da vida com dignidade. As principais causas desse tipo de óbito são hipertensão (pré-eclâmpsia e eclâmpsia), hemorragias graves, infecções, complicações no parto e abortos inseguros. E podem ocorrer antes, durante e depois do parto.

Segundo dados coletados pelo dossiê Mulheres Negras e Justiça Reprodutiva, de Criola, no município do Rio de

Janeiro cerca de 73% das mulheres pretas acessam o pré-natal, enquanto, entre mulheres brancas, esse número sobe para 84,2% (SMS/RJ, 2020).

Na região metropolitana esse percentual se apresenta de forma muito desigual: na cidade do Rio de Janeiro, o índice de pré-natal insuficiente, quando há menos de sete consultas, é de 18%. Em cidades como Belford Roxo e Duque de Caxias, quase metade das mulheres não tiveram pré-natal adequado: 45,6% e 43,2% respectivamente.

A violência obstétrica, que muitas vezes antecede a mortalidade de gestantes e puérperas, é especialmente cruel entre homens trans e mulheres em situação de cárcere. São inúmeras as denúncias de pessoas negras que têm precário atendimento durante a gestação ou na hora do par-

to, sendo expostas a violações extremas, como uso de algemas ou separação por dias de seus recém-nascidos. O que é pior: na maioria dos casos essas pessoas sequer deveriam estar presas.

A Lei 13.769, de 2018, originada do Habeas Corpus coletivo 143.641 e das Regras de Bangkok, prevê que pessoas gestantes, lactantes, puérperas ou responsáveis por crianças até 12 anos possam responder por suas acusações fora da prisão até o julgamento nos casos de crimes cometidos sem violência ou grave ameaça.

Nem mesmo instrumentos como o Estatuto da Criança e do Adolescente, o Marco da Primeira Infância ou a nota técnica do Ministério da Justiça nº 17/2020, que reforçam esse entendimento, são cumpridas, como alerta a organização Criola na campanha "A

Dignidade não é provisória".

Nossa resistência e denúncias, portanto, precisam seguir à altura dos ataques aos nossos direitos e às nossas vidas.

O racismo está no centro da perpetuação, aumento de risco e piora dos índices de saúde sexual e reprodutiva para pessoas negras, assim como no centro de todas as outras formas de injustiças sociais e raciais, violências e morte da população negra que vedam a realização da saúde integral.

Por isso, o enfrentamento à mortalidade materna, a luta pela implementação da Política Nacional de Saúde Integral para a População Negra, a defesa do SUS para todos e o repúdio à lei do teto de gastos devem ser bandeiras de todos que buscam defender a democracia, erradicar o racismo e almejam justiça reprodutiva e bem viver.



Consumir mais folhas verdes, frutas, legumes, nozes, sementes e especiarias interfere positivamente na sensação de bem-estar Fotos Perel

Folhas e sementes auxiliam na saúde mental

Alimentos que parecem reconfortantes, como carboidratos e açúcar, não são tão efetivos para a melhora do humor

EQUILÍBRIO

Tara Parker-Pope

THE NEW YORK TIMES É hora de começar a alimentar seu cérebro. Durante anos, a pesquisa sobre alimentação saudável se concentrou na saúde física e na ligação entre dieta, peso e doenças crônicas.

Mas o novo campo da psiquiatria nutricional estuda como os alimentos podem nos fazer sentir.

"Muitas pessoas pensam em comida em termos de cintura, mas ela também afeta nossa saúde mental", disse Uma Naidoo, psiquiatra de Harvard e diretora de psiquiatria nutricional e de estilo de vida do Hospital Geral de Massachusetts, nos Estados Unidos. "É uma parte que não entra na conversa."

A conexão entre o estômago e o cérebro é forte, e começa no útero. O intestino e o cérebro se originam das mesmas células do embrião, disse Naidoo. Uma das principais maneiras pelas quais o cérebro e o intestino permanecem conectados é através do nervo vago, um sistema de mensagens químicas de duas vias que explica por que o estresse pode desencadear sentimentos de ansiedade em sua mente e frio em seu estômago.

Muitas vezes as pessoas tentam modificar seu estado de espírito comendo alimentos reconfortantes. O proble-

ma, segundo especialistas, é que, embora esses alimentos normalmente ofereçam uma combinação tentadora de gordura, açúcar, sal e carboidratos que os tornam hiperpalatáveis, eles podem realmente nos fazer sentir pior.

Traci Mann, que dirige o laboratório de saúde e alimentação da Universidade de Minnesota, realizou uma série de estudos para determinar se uma comida reconfortante melhora o humor. Os participantes responderam à seguinte pergunta: "Quais alimentos fariam você se sentir melhor se estivesse de mau humor?"

Antes de cada teste, os participantes assistiram a cenas de filmes conhecidas por provocar raiva, hostilidade, medo, ansiedade e tristeza. Após o filme, os espectadores preencheram um questionário de "humor negativo" para indicar como estavam se sentindo.

Em seguida, receberam uma grande porção de sua comida favorita; uma comida que eles gostavam, mas não consideravam uma comida reconfortante; uma comida "neutra" (uma barra de granola de aveia e mel); ou nenhuma comida. Todos tinham três minutos sozinhos para comer, ou ficar sentados em silêncio. Após o intervalo, eles preencheram novamente o questionário de humor.

Se um participante tivesse comido um prato reconfortante, qualquer comida ou ne-

nhuma comida não fez diferença no humor. O fator que parecia importar mais era a passagem do tempo.

Um estudo realizado durante quatro anos com mais de 10 mil estudantes universitários na Espanha concluiu que as pessoas que seguiam estritamente uma dieta mediterrânea tinham menor risco de depressão.

Pesquisadores australianos examinaram diários alimentares de 12,385 adultos e concluíram aleatoriamente de uma pesquisa governamental que ainda está em andamento.

Eles descobriram que uma maior ingestão de frutas e vegetais levava a maior felicidade, satisfação com a vida e bem-estar.

Ainda temos muito a aprender sobre quais alimentos e em que quantidade podem melhorar a saúde mental.

"Nossos cérebros evoluíram para comerem quase qualquer coisa para sobreviver, mas cada vez mais sabemos que há uma maneira de alimentá-lo que melhora a saúde mental em geral", disse Drew Ramsey, psiquiatra e professor clínico assistente na Faculdade de Medicina e Cirurgias Vagelos da Universidade Columbia, em Nova York, e autor do livro "Eat to Beat Depression and Anxiety" (Comer para superar a depressão e ansiedade).

A seguir, algumas combinações sugeridas pelos psiquia-

tras Naidoo e Ramsey para inserir na alimentação.

*

Verduras folhosas

Ramsey chama as folhas verdes de "a base de uma dieta saudável do cérebro", porque são baratas e versáteis e têm alta proporção de nutrientes para calorias. A couve é a favorita dele, mas espinafre, rúcula, folhas de beterraba e acelga também são ótimas fontes de fibra, folato e vitaminas C e A.

Frutas e legumes coloridos

Quanto mais colorido for o seu prato, melhor será o alimento para seu cérebro. Estudos sugerem que os compostos em frutas e vegetais de cores vivas, como pimentão vermelho, mirtilo, brócolis e berinjela, podem afetar a inflamação, a memória, o sono e o humor. Alimentos avermelhados são "jogadores poderosos" nesta categoria. E não se esqueça dos abacates, que são ricos em gorduras saudáveis que melhoram a absorção de fitonutrientes de outros vegetais.

Frutos do mar

Sardinhas, ostras, mexilhões, salmão selvagem e bacalhau são fontes de ácidos graxos ômega-3 de cadeia longa, que são essenciais para a saúde do cérebro. Os frutos do mar também são uma boa fonte

de vitamina B12, selênio, ferro, zinco e proteínas. Se você não come peixe, pode achar fontes de ômega-3 em sementes de chia e de linhaça e verduras marinhas.

Nozes, feijão e sementes

Tente comer entre meia xícara e uma xícara cheia de feijão, nozes e sementes por dia, disse Ramsey. Nozes e sementes, incluindo castanha de caju, amêndoas, nozes e sementes de abóbora, são um ótimo lanche, mas também podem ser adicionadas a pratos refogados e saladas. Feijão preto e vermelho, lentilhas e legumes também podem ser adicionados a sopas, saladas ou apreciados como acompanhamento.

Especiarias e ervas

Cozinhar com especiarias não apenas melhora o sabor da comida, como certas especiarias podem levar a um melhor equilíbrio dos micróbios intestinais, reduzir a inflamação e até melhorar a memória, sugerem estudos.

Naidoo gosta especialmente de açafrão da terra ou cúrcuma. Segundo estudos, seu ingrediente ativo, a curcumina, pode beneficiar a atenção e a cognição em geral.

"A cúrcuma pode ser muito poderosa ao longo do tempo", disse ela. "Tente incorporá-la em seu molho de salada ou legumes assados" ou adicioná-la a marinadas, curry,

Alimentos fermentados

Os alimentos fermentados são feitos combinando leite, vegetais ou outros ingredientes com microrganismos como leveduras e bactérias. Um estudo recente descobriu que seis porções diárias de alimentos fermentados podem diminuir a inflamação e melhorar a diversidade do microbioma intestinal.

Alimentos fermentados incluem iogurte, chucrute, kefir, kombucha e kimchi, um acompanhamento tradicional coreano de repolho fermentado e rabanete.

Chocolate amargo

As pessoas que comem regularmente chocolate amargo têm um risco 70% menor de sintomas de depressão, de acordo com uma grande pesquisa do governo americano com quase 14 mil adultos. O mesmo efeito não foi observado em quem comeu muito chocolate ao leite.

O chocolate escuro é cheio de flavonóis, incluindo epicatequina, mas o chocolate ao leite e as barras de chocolate populares são tão processados que não contêm muita epicatequina.

Tradução Luiz Roberto M. Gonçalves

Brasil Revistas

Entre em nosso Canal no Telegram.

Acesse t.me/BrasilRevistas



**Tenha acesso as principais
revistas do Brasil.**

Distribuição gratuita, venda proibida!